

Enquanto lutas pelo poder dividem PSD e CDS Internacional Socialista anuncia cimeira em Lisboa

- No CDS há mais dois candidatos
- Quatro tendências emergem no PSD

Págs. 4 e 5

Balsemão confirma 17% para Função Pública

Pinto Balsemão entregou ontem a Ramalho Eanes o decreto-lei sobre aumentos salariais de 17 por cento para a Função Pública, aumentos que, segundo afirmou o Primeiro-Ministro, após o encontro em Belém, serão também aplicados às pensões. No encontro, que durou mais de duas horas, o chefe do Governo e o presidente da República acordaram no estabelecimento de uma estratégia comum entre o Governo e o Presidente no que respeita a Timor. Também a exoneração do subsecretário de Estado para os Assuntos Pedagógicos, Santana Castilho, foi ontem acordada no encontro.

Sporting e Porto em guerra aberta

O futebol torna incandescente as relações entre o Sporting e o FC Porto, já difíceis a partir do instante em que Eurico e Inácio foram arrebataados para as Antas. Agora estão os «leões» ao ataque: Gabriel, Romeu, Sousa, Frasco, Walsh e Quinito são pretendidos por Alvalade, enquanto se divulga ser difícil a continuidade de carreira do «central» Simões (que estará afectado por «um sopro cardíaco») e do dianteiro Costa («credor de nove mil contos do FC Porto») e o presidente Pinto da Costa garante que o gremio azul-branco não abrirá mão de nenhum jogador em que esteja interessado. Enquanto isto, Sporting e Benfica afinam por diapasão comum: para jogos particulares da selecção devem ser poupados jogadores verde-brancos e da águia porque há prestígio a defender em competições uefeiras onde os dois clubes lisboetas são os únicos arautos do nosso futebol.

Pág. 17

Uma perseguição que durou 38 anos

Klarsfeld conta como apanharam Barbie

- A França conhecia desde 1963 o paradeiro do carrasco de Lyon



Barbie em 1982

Serge Klarsfeld, advogado, presidente da Associação dos filhos e filhas dos judeus deportados da França, e, juntamente com sua mulher Beate, o principal responsável pela extradição de que foi alvo o criminoso de guerra nazi Klaus Barbie, conhecido pelo «carrasco de Lyon». O casal esteve na pegada de Barbie desde o imediato pós-guerra e tem razões para crer que a actual extradição poderá abrir caminho a senda justiceira que trilharam, quase infrutiferamente, desde há décadas. Num impressionante dossier que hoje publicamos em rigoroso exclusivo, Serge Klarsfeld recorda os passos fundamentais desta longa perseguição, prova que Barbie foi desde logo após o fim da Segunda Guerra utilizado como agente da CIA e dos serviços secretos alemães e que - facto totalmente inesperado - a própria França, através dos seus serviços secretos, conhecia o paradeiro do velho criminoso desde... 1963!

Págs. 14 e 15

Esta foto data do passado dia 5. Serge e Beate Klarsfeld obtêm, pelo telefone, a confirmação de que Barbie foi extraditado da Bolívia e encarcerado em França

Bibliotecas de leitura pública:

A arte de bem desperdiçar todo o livro

O livro e a escolarização desejável são cada vez mais inacessíveis aos portugueses. Mas existem em Portugal alguns locais - não se sabe quantos - chamados bibliotecas, onde os portugueses poderiam, sem dispendio, conviver com o livro. Sobre essas bibliotecas, porém, pairam equívocos, absurdos, carências, heranças obscurantistas. Bibliotecários portugueses resumiram recentemente, num Manifesto, as medidas necessárias e urgentíssimas para dar vida às bibliotecas portuguesas. Afinal, um grito: morte à morte e viva a vida!

Pág. 9

No Sete Ponto Sete:

Retrato do Arafat desconhecido

Pretória confirma oficialmente

Conversações com Angola dentro de dias

Págs. Centrais

GRANDE PROMOÇÃO

DESCONTOS DESDE 50%

EM DISCOS E CASSETES

ATÉ FINS DE FEVEREIRO

DISCOTECA FILINTO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53-A — LISBOA
TEL.: 53 50 40



ÚLTIMOS DIAS DOS JÁ FAMOSOS SALDOS

Da Meia-hora

AGORA COM PREÇOS
AINDA MUITO MAIS
BAIXOS

Camisas noite turcas 397\$50
Robes acolchoados 697\$50
Robes felpudos 1 197\$50
Pijamas turcos 1.ª 547\$50
Milhares de cuecas, biquínis, etc.
Pronto a vestir — Malhas

ACREDITE SE QUISER!

L. Rafael Bordalo Pinheiro, 1 (ao
Chiado)



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUAS E ELECTRICIDADE DA CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR PRECISA-SE

— ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO OU EN-
GENHEIRO TÉCNICO DE ELECTROTECNIA.

PARA:

— DESEMPENHO DAS FUNÇÕES, EM RE-
GIME DE CONTRATO A PRAZO, DE CHEFE DE
SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE.

OFERECE-SE:

— VENCIMENTO CORRESPONDENTE AO
LUGAR A PREENCHER (34 800\$00);

— DEMAIS REGALIAS VIGENTES NA FUN-
ÇÃO PÚBLICA:

As candidaturas, acompanhadas de curriculum
vitae (manuscrito), devem ser dirigidas a: Presidente do
Conselho de Administração dos Serviços Municipaliza-
dos de Águas e Electricidade da Câmara Municipal de
Tomar — Apartado 6 — 2301 TOMAR CODEX.

O PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

Duarte Nuno da Silva
e Correia de Vasconcelos

Os edifícios do poder

J. P. Martins Barata

A Arquitectura é o espelho fiel do espírito das épocas, o reflexo da vontade e do «modo de estar» em sociedade. Tudo isto é sabido, e não interessa aqui fazer teoria e história de Arte.

Uma manifestação importante através da Arquitectura é a do Poder. Veja-se o caso português:

Carlos Mardel deu ao Terreiro do Paço a forma própria de uma figuração física do Poder — austero, estável, augusto, segregado, centrado sobre a imagem da Realidade tornada monumento.

Independentemente da competência ou eficácia dos ocupantes dos decastérios sítos naquela Praça, a carga simbólica da arquitectura do Terreiro do Paço infunde o temor reverencial no cidadão comum e a apetência no ambicioso político. A antonomásia encarrega-se do resto: hoje, pelo País fora, uma decisão do governo é uma decisão do Terreiro do Paço — as pedras, misticamente, ordenam. Os eclesiásticos dizem «Roma locuta, causa finita» (Falou Roma, acabou-se a questão!). Na província diz-se «O Terreiro do Paço mandou».

Bem. Mas depois veio a expansão do aparelho de Estado, a proliferação de direcções-gerais, a chuva de serviços. No Estado Novo ainda houve uma tentativa de associar certa imagem arquitectónica do Poder ao próprio exercício do Poder (e que imagem e que exercício, castité!). Mas agora o que conta não é o símbolo mas os metros quadrados — comprados ou alugados por aí.

O Poder exerce-se em andares de rendimento — o secretário de Estado despacha na ex-sala de estar; o director-geral pondera gravemente no ex-quarto de cama; a contabilidade faz-se nas cozinhas (a chaminé, fechada, dá um excelente arquivo); o expediente frequenta as marquises; as telefonistas já se resignaram às dispensas. O contínuo, esse lento habitante dos corredores escuros, põe a sua secretária de tampo de vidro ao pé da porta do patamar à frente do quadro da electricidade e do contador da água. Lê então com minúcia o jornal desportivo.

Chamam a isto os geógrafos «ocupação do parque habitacional pelo sector terciário». Dá teses porreirinhas.

O Poder, esse, aluga mais e mais casas, compra mais e mais prédios «de rendimento» por aí. Observem-se três exemplos admiráveis: o Ministério da Educação na Av. 5 de Outubro; a S. de E. da Cultura na Av. da República; e aquilo onde está o Governo, à R. Gomes Teixeira.

O paradigma é o primeiro. Quem já ali trabalhou conhece o labirinto que resulta da ligação de uns quantos apartamentos

por andar, num prédio destinado a ser vendido para propriedade horizontal. Este ganha assim um conteúdo simbólico involuntário mas poderoso: é a imagem própria da Educação Nacional, feita de remendos adaptada de outros fins, improvisada, confusa e parcelar, sem saídas de emergência, paralisável ao menor sinal de conflito. E o gabinete ministerial no topo evoca até pela decoração a sala de estar burguesa das Avenidas que realmente é.

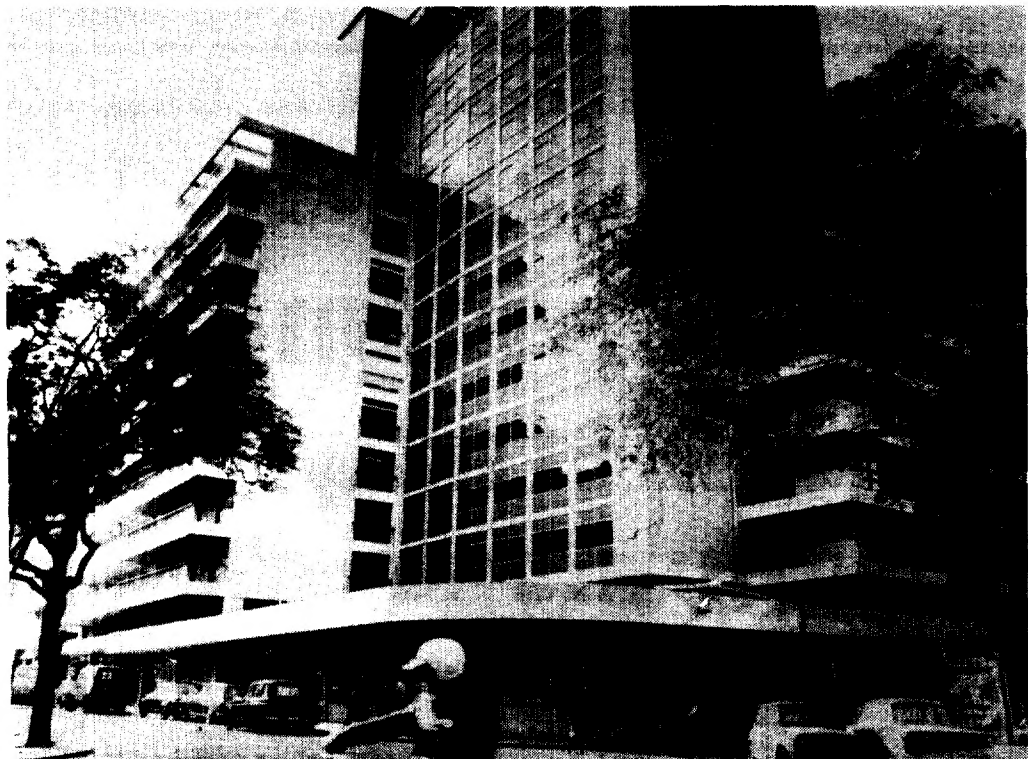


Ernesto de Jesus Matias

(faleceu)

Luís Frederico Silva Matias, Princepina Maria Silva Matias Dias Jorge, José Luís Martins Matias, Maria Teresa Silva Matias, Maria de Lurdes Matias, netos, irmãos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, o falecimento de seu querido pai, avô, irmão e parente, e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja de Santo Condestável, para o Cemitério dos Prazeres.

Agência «Tavara»
Tel. 780065



Os Ministérios da Cultura e da Educação, por exemplo...

A Secretaria de Estado da Cultura, onde a defesa dos valores ambientais e arquitectónicos devia ter um baluarte, instalou-se no ridículo prédio vizinho do Galeto — a imagem total da insignificância arquitectónica, a parda realização física da burocracia de passo miúdo. Não contente com isso, a S. de Estado guarneceu o seu rés-do-chão com um muro de aço inoxidável resolvendo assim o seu antigo problema de que fazer com aquele potencial stand comercial. Por entre stands de peças de automóvel e agências bancárias, o bunker de aço da S. de E. projecta agora definitivamente e iniludivelmente a sua imagem — banco de financiamento da «Cultura», impessoal casa forte das poupanças do espírito. Está certo.

Os serviços da Presidência do Conselho de Ministros deixaram a área de cerca beneditina para se instalarem num «prédio» ali ao alto da Triste Feia. De novo a imagem do Poder é tristemente

figurada pela sua instalação física. Naquela decente mas insignificante edifício numa travessa escondida, não parece haver risco de que alguém se sinta Mussolinianamente autoritário, levado pelo ambiente. Não existem vastos gabinetes de mármore com pilastras adossadas e esculturas de escala heróica. Ainda bem. Mas dos gabinetes de 2,80 de pé-direito e dos moveizinhos das longras e handys não sai ambiente para governação que não seja regulamentar, burocrática, comercial e gestonária — governo com pi-pi-pi — de quartzo. Vê-se.

Não é a arquitectura que faz o Poder, evidentemente. O que acontece é que, implacavelmente, é o seu reflexo, indício e imagem.

Haverá talvez que repensar o Poder também nesse sentido, e reexaminar a concepção de um novo centro governamental — ideia já antiga, em Lisboa, mas aparentemente perdida...

POUPE COMBUSTÍVEL

Não faça manobras desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

O conceito soviético de desarmamento

Beja Santos

Na sequência dos artigos que vimos produzindo sob a epígrafe «Desarmamento, Paz e Cooperação Europeia» e tendo como base uma conferência informativa que decorreu em Moscovo, por iniciativa do Comité Soviético para a Defesa da Paz, de 28 a 30 de Janeiro último, pretendemos hoje expor o conceito soviético de desarmamento, apresentando o ponto de vista do introdutor do tema, Vladimir Petrovski, chefe do departamento das relações internacionais do Ministério das Relações Exteriores da URSS e doutor em ciências históricas.

Segundo o dr. Petrovski o problema do desarmamento tem sido, por um lado, encarado como exercício de oratória ou como cobertura para a corrida armamentista, e, por outro lado, trata-se de transformar em medidas práticas um anseio de paz implícito a todos os povos à superfície da Terra.

A conceptualização soviética do desarmamento radica na própria posição marxista e na doutrina de Engels em que «já o desarmamento era apresentado como o ideal do socialismo». Para Petrovski, Lenine terá encontrado aqui a fundamentação teórica e estratégica mais importante da sua própria doutrina de coexistência pacífica entre diferentes sistemas sociais. Lenine pretendia liquidar a base técnico-material que conduziu à guerra. Para Petrovski, a posição leninista entronca «na unidade entre a praxis e a teoria» e, por conseguinte, todas as soluções claras e concretas que possam conduzir à paz são abrangidas neste conceito soviético de desarmamento.

O problema do desarmamento, afirmou, assume um carácter universal, porque sendo um problema de cada país dita a sorte de todos os povos.

A redução dos desarmamentos tinha ocupado já um lugar central no sistema de manutenção da paz estabelecido pelo pacto da Sociedade das Nações. O fracasso, no entanto, foi total com a corrida aos armamentos pela Alemanha, Japão e Itália, culminando com a 2.ª Grande Guerra.

Em 1945 o Mundo estava subarmado, encontrando-se a maior parte das armas existentes nas mãos do pequeno grupo das potências vencedoras que iriam ficar com a responsabilidade da manutenção da Paz no quadro da Organização das Nações Unidas, herdeira da Sociedade das Nações. Em 1960 foi aprovado, nas Nações Unidas, um projecto apresentado pela URSS com vista ao desarmamento geral e completo, sob estrito controlo internacional e a sua conversão passaria a prática de Direito Universal. Seria um desarmamento por etapas, assim se evidenciando a oposição soviética contra o nilismo, ou seja, a tendência para sempre se começar do zero, do tudo ou nada. O desarmamento para os soviéticos aparece sempre conectado com o problema do desenvolvimento global e generalizado. Ou seja: cada etapa de avanço no caminho do desarmamento far-se-ia acompanhar de uma evolução engendrada de transformações sócio-económicas e culturais. Deste modo, é essencial não elevar os pressupostos básicos do desarmamento nuclear. Com a utilização dos recursos materiais desviados para fins pacíficos, para o desenvolvimento do Terceiro Mundo, para a cooperação científica e técnica, Petrovski passou em seguida a analisar as medidas práticas que têm vindo a norte nos últimos tempos a política externa da URSS no domínio do desarmamento, a par do princípio do desanuviamento como forma do equilíbrio global entre as duas potências, URSS e EUA.

A primeira medida prática a que aludiu, por sinal a última numa longa lista de medidas, é a denominada proposta Andropov: «Reafirmamos que, em consonância com os compromissos assumidos, a União Soviética não será a primeira a recorrer ao uso da arma nuclear e dirigimos uma vez mais às outras potências nucleares um apelo para que assumam compromissos análogos.

Declaramos que a União Soviética está disposta a congelar, numa base recíproca com os Estados Unidos da América, os arsenais do seu armamento nuclear.

Pronunciamos-nos por um rápido e frutuoso acordo das negociações soviético-norte-americanas sobre a limitação e a redução dos armamentos nucleares na Europa, pela obtenção, no mais breve prazo, de um entendimento para reduzir as tropas e os armamentos na Europa Central».

Para Petrovski há fortes analogias entre as propostas soviéticas, e a doutrina consagrada na ONU em matéria de desarmamento. Destacou a 37.ª sessão da Assembleia Geral da ONU que apoiou por expressiva maioria a decisão da URSS e de seus aliados em não empregarem em primeiro lugar a arma nuclear, sugerindo às restantes potências procedimento idêntico. Já em 1976 fora aprovado na ONU o princípio do não emprego da força — aqui Petrovski encontra justificação para a não contradição entre a doutrina da ONU e a proposta Andropov. Na perspectiva soviética, a ONU continua a ser um local privilegiado de debate. Foram apresentadas inúmeras citações produzidas em tal areópago desde a regulamentação dos armamentos até à sua destruição, passando pela fase intermédia do congelamento dos armamentos nucleares.

Uma outra série de medidas práticas respeita às conversações sobre a limitação das armas estratégicas (SALT), à dinamização da Conferência de Helsinquia e a sua continuação nas conferências de Belgrado e Madrid, às Conversações de Viena para a redução do armamento convencional na Europa e, finalmente, as negociações sobre as forças nucleares de alcance médio. Acima de tudo, segundo Petrovski, a política militar deverá subordinar-se aos tratados já conseguidos em matéria de desarmamento, não devendo colidir com eles sob pena de retorno à situação de guerra fria.

Os objectivos visados pelas medidas práticas acima enunciadas são as seguintes: 1 — chegar a acordos concretos, mantendo e aprofundando as conversações onde quer que decorram; 2 — redução dos armamentos convencionais; 3 — proibição de ensaios nucleares — moratória para impedir qualquer ensaio nuclear; existe por parte da URSS a predisposição de ratificar os acordos celebrados em 1974 e de reiniciar conversações com a Inglaterra e os Estados Unidos; 4 — impedir a circulação de armamento nuclear no Globo; 5 — apoio à constituição de zonas desnuclearizadas, princípio extensivo à América Latina; a proposta da Suécia visando a constituição de uma zona desnuclearizada no centro da Europa merece amplo apoio por parte da URSS; 6 — manter a Europa numa zona livre de armamento químico; 7 — proibição de fomentar a investigação em novos armamentos; 8 — redução aos mais baixos níveis os armamentos convencionais; 9 — redução dos efectivos militares de ambas as partes da Europa; 10 — por último, a predisposição de analisar quaisquer iniciativas de outros países e da própria Administração Reagan que se orientem para o desanuviamento militar e que permitam o aprofundamento da cooperação internacional.

No entanto, tem-se constatado a falta de vontade política da Administração Reagan e seus aliados, obstando à melhoria do clima internacional, indispensável ao estabelecimento de «verdadeiras relações de confiança e de paz». Concluiu a sua intervenção salientando a necessidade de avançar por etapas, e de assegurar o princípio de segurança de cada uma das partes, sem tentativas hegemónicas do tipo militar.

«To be or not to be», o drama hamletiano, aplicar-se-ia às actuais relações entre os EUA e a URSS, assumindo um conteúdo que extravasa ambos os actores.

Seguiu-se o debate com diversas intervenções de representantes e personalidades de movimentos pacifistas, representados na conferência em que a tónica recaiu sobre os seguintes temas:

- 1 — inconsistência das medidas propostas pela URSS por assumirem um carácter unilateral;
- 2 — necessidade de preferir a negociação à actuação em matéria de armamento nuclear;
- 3 — evidência de que as partes conflitantes retêm informação em matéria nuclear, dificultando às diversas opiniões públicas o conhecimento real e completo das nuances de cada um dos contendores;
- 4 — repúdio pela utilização de gases e armas biológicas de que ambas as partes são acusadas;
- 5 — análise da atenuação das despesas militares segundo critérios de redução equilibrada ou segundo conceitos percentuais; etc.

Estas questões foram escalpelizadas pela mesa, que respondeu às críticas com a seguinte argumentação: Quanto à primeira questão, os soviéticos lamentam que os EUA não sigam idêntico método ou apresentem propostas que possam ser ponderadas com maior seriedade. Além disso, a URSS tem avançado com medidas coordenadas na limitação dos armamentos que excedem em muito as medidas divulgadas pela opinião pública ocidental. Quanto à segunda questão, importa referir que tanto a URSS como os EUA estão teoricamente pelo desarmamento, no entanto é a prática o melhor critério de verdade. Ora não há alternativas à corrida armamentista — este é o princípio global da negociação. Mas, qual o objectivo das negociações? Para a URSS é o princípio da segurança e da igualdade paritária, para os EUA o objectivo é chegar a uma situação de superioridade; os soviéticos entendem que negociar é limitar a corrida armamentista, para a administração Reagan negociar é dar cobertura à corrida armamentista. A própria negociação sobre o ponto de vista técnico apresenta dois enfoques distintos: para a URSS é a redução integral (armamento nuclear sediado em terra, mar ou ar), para os EUA é a limitação selectiva só dos mísseis sediados em terra, sem falar nos restantes, de que a «opção zero» e as negociações START são o expoente máximo de uma tal prática de negociação.

A URSS defende negociações curtas e rápidas, inclusive para os assuntos tratados não se desactualizarem; os EUA têm arastado as negociações com as sucessivas mudanças de administração que são acompanhadas de inflexões e flutuações na

apreciação do problema do desarmamento. Enfim, os EUA querem vincular as negociações em matéria de desarmamento a outros problemas internacionais, ao contrário da URSS que distingue entre os problemas que lhe dizem directamente respeito e outros que têm a sua própria dinâmica.

Quanto à terceira questão, ela resulta do clima de desconfiança política que, uma vez ultrapassado, não terá razão de existir. A quarta questão mereceu um desamentido categórico de que a URSS tenha utilizado algumas vezes armas químicas. Qualquer referência ao assunto na imprensa ocidental e, em especial pela Administração Reagan não passa de uma campanha de calúnias destinada a acelerar a guerra química por parte dos próprios EUA que até hoje nunca apresentaram nenhuma prova material, em especial no Afeganistão, do emprego de tal tipo de armas, quer pela existência de substâncias químicas, partes de estilhaços ou pessoas atingidas. No entanto, foi evidenciada a existência de unidades soviéticas estacionadas no Afeganistão por constituídas organicamente por pessoal especializado em guerra química, o qual já teria sido mandado regressar em virtude da possível acção dos rebeldes afegãos. Acima de tudo, a URSS, nesta como noutras matérias, está disposta a sentar-se à mesa das conversações e a passar pura e simplesmente à erradicação do armamento químico.

A última questão dominante, ou seja, os critérios de redução das despesas militares, está subjacente ao imperativo da própria lógica política que preside às negociações. Por exemplo, tem sido enfatizado pelos EUA a questão dos controlos dos acordos de desarmamento. Na interpretação soviética, tal realce não passa de uma manobra mistificadora dos EUA por forma a possibilitar o maior controlo «in loco» do território da URSS. Isto quer dizer que os EUA querem com um pequeno acordo em matéria de desarmamento ter acesso a uma vasta área de fiscalização do território do adversário. Para a URSS tal forma de controlo não é importante, não é a melhor nem a mais adequada, já que cada uma das partes possui sistemas de vigilância e detecção próprios de tal forma sofisticados que podem prescindir de outras modalidades de garantia e observância nos tratados.

Esta é a concepção soviética em matéria de desarmamento tal como nos foi relatada pelo dr. Petrovski e os seus acompanhantes de mesa.

Corresponder ou não à prática, à teoria, continua a ser a questão. Desarmamento sem aprofundamento das relações entre os povos, sem uma correspondente prática de progresso global e generalizado continuará a soar como mais uma manifestação retórica que a conquista do poder político, um pouco por toda a parte, tem habituado as diferentes opiniões públicas.

A limitação das armas estratégicas, magno problema que dominará o conteúdo do nosso próximo artigo, é a demonstração inequívoca da complexidade e adulteração das posições políticas que têm dominado as negociações sobre o desarmamento nucleares a um tempo em que se joga a sorte da Humanidade

ponto a ponto

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, visita Castelo Branco no próximo dia 23, em deslocações de carácter oficial — soube a ANOP de fonte oficial.

O Chefe de Estado presidirá, naquela cidade, às comemorações dos 75 anos da criação do Centro Artístico Albicastense, organismo com fins culturais neste momento com 1500 associados.



Dois operários vidreiros e um pescador foram indicados pela Comissão Distrital de Leiria ao órgão central da APU como candidatos às próximas eleições antecipadas.

Trata-se de Joaquim Gomes dos Santos, 65 anos, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, deputado desde 1976; Raul Ferreira, 46 anos, presidente do Sindicato Nacional dos Vidreiros; e Belmiro Alves, 41 anos, pescador natural de Peniche, presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Pescadores de Leiria e membro do Secretariado Nacional da CGTP-IN.



Os comunistas da ilha do Pico, Açores, afirmam em comunicado ontem emitido, que a AD e o PSD dos Açores «são incapazes de resolver os graves problemas económicos que cada vez mais asfixiam o nosso país».

«Só é possível resolver a crise com uma política virada para os reais interesses da população» — diz o documento dos comunistas daquela ilha açoriana, que marcaram para o próximo dia 26 uma reunião alargada de militantes para discutir a participação da organização do Pico do PCP na campanha eleitoral.

O PCTP-MRPP reivindicou ontem ter sido o primeiro partido a entregar uma lista de candidatos às eleições antecipadas de Abril.

Em comunicado aquele partido informa que a entrega foi concretizada na segunda-feira, primeiro dia do prazo, no Tribunal Judicial de Setúbal. A lista é encabeçada por Luís Franco, do Comité Central, electricista no Metropolitano de Lisboa.



A EDU, União Democrática Europeia, é favorável à inexistência de mísseis soviéticos e norte-americanos na Europa — disse o presidente da organização, o austriaco Moc Elois.

No final da reunião de dois

dias, em Lisboa, da comissão directiva da EDU, a que pertence o CDS, Mock Elois afirmou ainda ser bem-vindo qualquer acordo de desarmamento que garanta o equilíbrio de forças entre Oeste e Leste.



Martins Pires, presidente da Federação do PS de Castelo Branco, é o primeiro nome indicado na lista deste partido para as eleições de Abril.

Carlos Rogão, Fradinho Lopes, António Amaro, José Pires,

António Guterres e Pinto da Silva foram vetados pela Federação do PS de Castelo Branco.

Miranda Calha é o candidato proposto para encabeçar a lista de deputados do PS pelo círculo de Portalegre nas próximas eleições — soube a ANOP junto de fonte partidária. Gil Romão, João Gomes Guerra e Elisa Ribeiro são outros nomes que constam da mesma lista.

Porfírio Saraiva, João Encarnação, João Caniço e Manuel Marques são os restantes nomes da lista que foi contestada e impugnada pelas secções concelhias do PS do Fundão, Castelo Branco, Covilhã, Idanha-a-Nova e Penamacor.



Mota Amaral e João Jardim no Altis, esta manhã

Reunido desde manhã em Lisboa Conselho Nacional do PSD analisa listas de deputados

O Conselho Nacional do PSD encontra-se reunido desde esta manhã num hotel da capital, para analisar e ratificar as listas de candidatos a deputados pelo partido às próximas eleições legislativas, saídas da reunião da Comissão Política.

A agenda de trabalhos da reunião que deverá proceder sobretudo uma avaliação do peso relativo das diferentes sensibilidades que se manifestam no PSD, compreende ainda a apreciação das propostas de alteração dos estatutos, a apreciação de moções de estratégia política e a análise da situação político-partidária.

A menos de uma semana do Congresso Nacional do partido, quatro opções estão apostadas na corrida final à liderança do PSD, como é conhecido: o grupo dos «notáveis» em torno de Mota Pinto, o «grupo dos 44», a tendência encabeçada por Mota Amaral (com Balsemão e João Salgueiro, entre outros) e o grupo chefiado por Helena Roseta, que

recolheu já mais de 600 das mil e quinhentas assinaturas necessárias à apresentação em Congresso das suas moções de orientação.

Entretanto, o «grupo dos 44», que vai divulgar nos próximos dias um documento relativo às relações entre Estado e Nação, conheceu um novo «reforço» — Viana Baptista — a acrescentar a outras personalidades de primeiro plano do partido que o integram entre as quais se destacam os nomes de Luís Fontoura, Meneses Pimentel e Alberto Regueira.

As listas de candidatos a deputados pelo PSD às eleições legislativas de 25 de Abril próximo, conheceram o acerto final na reunião da Comissão Política ontem realizada ao fim da tarde em Lisboa, na sede nacional do partido.

Como se sabe, é ao Conselho Nacional — órgão máximo do partido entre congressos — que cabe ratificar ou não as propostas apresentadas pela Comissão Política.

Cimeira PSOE-PS em Madrid

Firme vontade política para melhorar relações entre os dois povos e Estados

● Soares vai a Washington

● IS reúne em Lisboa em Abril

As delegações dos Partidos Socialistas português e espanhol, ontem reunidas em cimeira, em Madrid, sob a presidência de Mário Soares e Felipe Gonzalez manifestaram a sua «vontade de contribuir para a melhoria de relações entre ambos os países», de acordo com o comunicado emitido no final da reunião.

As duas delegações debruçaram-se sobre «o desenvolvimento mais recente da situação política em Portugal e Espanha e sobre os principais aspectos da conjuntura internacional, com menção especial ao Próximo Oriente, África Austral e América Latina».

O comunicado da reunião afirma que «ambas as delegações valorizarão positivamente os trabalhos preparatórios do Congresso da Internacional Socialista, que se realizará em Abril, e o reforço da implantação do socialismo democrático na Europa Meridional e, mais concretamente, na Península Ibérica».

As duas delegações abordaram ainda o papel que o PSOE e o PS «desempenham nos sectores ibero-americano e africanos do diálogo norte-sul».

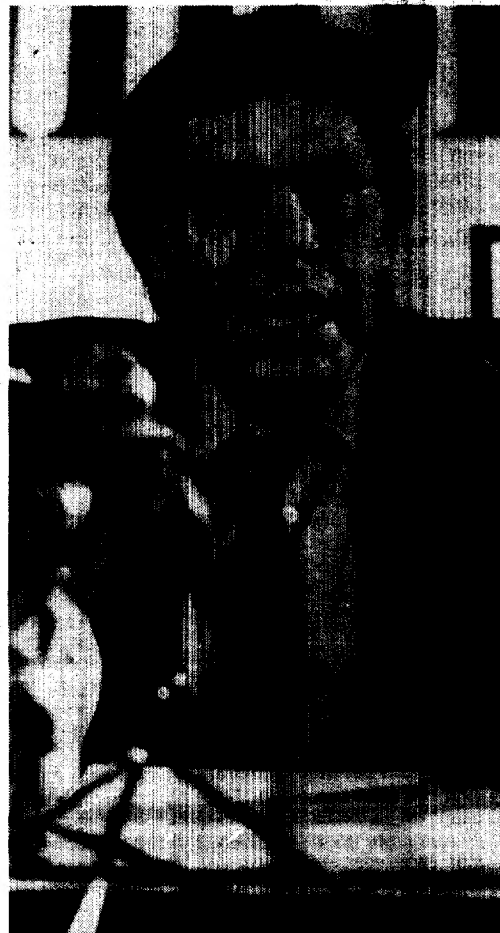
«Os socialistas portugueses e espanhóis decidiram continuar o intercâmbio de informações relativas aos processos de adesão de ambos os países à CEE», acrescenta o comunicado que termina salientando «a vontade do PSOE e do PS de trabalharem para o estreitamento cultural de ambos os povos».

No final da reunião Mário Soares e Felipe Gonzalez presidiram a uma conferência de Imprensa. Antes os dois líderes haviam tido um encontro de duas horas no Palácio de Moncloa, com almoço, onde, segundo Gonzalez, falaram «entre outras coisas, sobre a forma de melhorar as relações entre os dois povos, tendo tido o cuidado de não fazer confusão institucional entre governo e partido».

A delegação portuguesa, que além de Mário Soares integrava Almeida Santos, Jaime Gama, Walter Rosa, Rui Mateus e Manuel Alegre, regressou esta manhã a Lisboa a fim de partici-



Soares segue para Washington e Gonzalez estará em Lisboa



par na reunião da Comissão Política Nacional que esta tarde se efectuará para escolha dos deputados que o PS apresentará nas eleições de Abril.

A delegação espanhola, por sua vez foi chefiada por Felipe Gonzalez e era composta por Alfonso Guerra, Guillermo Galleote, Enrique Mugica, Salvador Cloyas, Lopez Real, Pedro Boffil, Txiki Benegas e Sans Cosculluela.

Entretanto Soares, em declarações prestadas em Madrid à ANOP, não confirmou, nem desmentiu, que se encontrará com Ronald Reagan, limitando-se a falar de George Schultz e membros do Congresso e do Senado.

«O tema fundamental das conversações será o das relações bilaterais na perspectiva de um governo socialista em Portugal», disse Soares, que lembrou também ir informar os dirigentes americanos dos resultados da missão que recentemente realizou, no âmbito da Internacional Socialista, ao Médio Oriente.

Soares adiantou ainda ir aos EUA «como líder e um partido da oposição, mas não como homem de Estado». Por isso, concluiu, «não poderei tratar questões que afectam as relações entre governos, como é a questão da Base das Lajes».

Reconheceu, no entanto, que além da análise e troca de opiniões com os representantes do governo norte-americano, e outros círculos, sobre a situação e perspectivas políticas de Portugal, tratará também, «dentro de uma perspectiva de Estado, do apoio principalmente económico dos EUA a Portugal».

«Para sairmos da actual situação económica e financeira é indispensável o apoio dos EUA», disse.

Alguns dos membros da missão do PS que esteve em Madrid deslocar-se-ão com Soares a Washington.

O ministro espanhol dos Ne-

gócios Estrangeiros, Fernando Moran, expôs ontem, perante a Comissão dos Assuntos Externos do Congresso de Deputados espanhol, a política externa do gabinete socialista.

O chefe da diplomacia espanhola referiu-se, entre outros assuntos, às dificuldades estruturais nas relações com Portugal, afirmando: «Pretendemos desbloquear o problema da balança comercial, altamente negativa para Portugal, mas tropeçamos, de momento, com a falta de governo naquele país, embora consider que as dificuldades podem continuar, com o tipo de governo que venha a sair das próximas eleições» em Portugal.

IS reúne em Lisboa

A realização do congresso da Internacional Socialista em Portugal, nos princípios de Abril, «é quase certa» afirmaram em Madrid fontes da direcção do Partido Socialista Português.

A proposta do PS para que o congresso se realize em Portugal conta com o apoio do Partido Socialista Operário Espanhol, do Partido Social Democrata Alemão Federal, entre outros — referiram à ANOP as mesmas fontes.

A decisão será tomada nos próximos dias e na mesma ocasião será marcada a data.

O congresso da Internacional Socialista deste ano estava previsto de 7 a 10 de Abril, em Sidney (Austrália), mas o Partido Trabalhista Australiano pediu o adiamento em virtude da coincidência com eleições gerais naquele país.

O assunto levantou alguma controvérsia nas reuniões do Comité de Resoluções e de Redacção da nova Declaração de Princípios da Internacional Socialista, realizadas na semana passada em Madrid.

A maioria dos partidos que integram a Internacional Socialista

manifestou-se contra o adiamento.

O Partido Socialista Português apresentou a candidatura à realização do congresso em Portugal, em virtude do interesse político que tem para o PS a presença de dirigentes de mais de 40 partidos de todo o Mundo, nas vésperas das eleições antecipadas.

Entretanto Felipe Gonzalez anunciou já que se deslocará a Portugal para assistir ao congresso da IS.

Soares recebido por Reagan

Mário Soares efectuará na próxima semana uma visita de quatro dias aos Estados Unidos durante a qual se avistará, nomeadamente, com o presidente Ronald Reagan, confirmou a Embaixada portuguesa em Washington.

O chefe do Partido Socialista, que é esperado na próxima segunda-feira à noite em Washington, será recebido nos Estados Unidos, em princípio, na qualidade de representante da Internacional Socialista, devendo expor às autoridades americanas os pontos de vista do seu grupo sobre o problema da paz no Próximo Oriente e sobre a situação na América Central.

Contudo, as hipóteses do seu partido ganhar as eleições previstas para o dia 25 de Abril e de formar o novo Governo dão à visita de Mário Soares um maior interesse para as relações bilaterais com os Estados Unidos, notam os observadores.

Segundo o porta-voz da Embaixada, Mário Soares será recebido na próxima quarta-feira na Casa Branca pelo presidente Reagan e pelo vice-presidente, George Bush, tendo igualmente conversações com o secretário de Estado americano, George Shultz.



INTERDECO

RECEBEU
NA ALEMANHA
O TROFÉU
INTERNACIONAL
MÜBLE EUROPA 1983

PRESTÍGIO • QUALIDADE • DESIGN

AV. ALMIRANTE REIS, 89-A — TEL. 554907 RUA TOMÁS RIBEIRO, 41-A — TEL. 556363



A Comissão de Gestão do CDS: dois «presidenciáveis» (Luís Barbosa e Lucas Pires) desembaraçados momentaneamente de um «rival» — Adriano Moreira, que chegou atrasado. Atraso com significado?

Congresso do CDS: outros candidatos se perfilam...

Luís Barbosa vai ter que lutar

Vai ser difícil ao CDS sair do seu V Congresso, ontem iniciado no Teatro Maria Matos em Lisboa, na «unidade e no consenso». Privado do «pai» (Freitas do Amaral), o partido assiste a uma corrida desenfreada ao poder. «Estou convicto que vai haver mais de uma candidatura, aliás já fui convidado por mais de uma pessoa para assumir o cargo de secretário-geral», afirmava ontem à Imprensa o actual secretário-geral do CDS, Anacoreta Correia. Quando é assim, é normal que se assista a um «piscar de olho» às bases (partido real) ou aos poderosos (os «notáveis» do CDS). E o resultado só será conhecido hoje ou amanhã.

Diogo!, Diogo!, Diogo!... O Congresso do CDS iniciara há pouco o seu curso. Pedro Vasconcelos, presidente do Congresso, sublinhava na tribuna que «pela primeira vez, vamos tomar deliberações importantes sem contar com a palavra lúcida, serena e clarividente de Diogo Freitas do Amaral».

Os congressistas, como órfãos lamentando a perda do pai, levantavam-se e o seu grito furava as paredes do Teatro Maria Matos: *«Diogo!, Diogo!, Diogo!...* Fisicamente ausente — «mantém intransigentemente a sua decisão de não influenciar, de qualquer modo, os nossos trabalhos, as nossas opções e a escolha dos nos os dirigentes», explicaria Pedro de Vasconcelos —, Diogo Freitas do Amaral fazia sentir, embora à distância, o seu peso de dirigente carismático. O líder não era esquecido por um partido à procura de uma liderança...

Liderança que, poucos minutos antes do Congresso começar, Luís Barbosa estava convicto de conquistar. Em amena e longa cavaqueira com alguns jornalistas, Luís Barbosa opinava: «Penso que a maioria está comigo».

E dando de barato que a liderança dos centristas não lhe escaparia, o ministro dos Assuntos Sociais revelava que a futura direcção do CDS «será colegial... mas vou-lhe imprimir o meu ritmo».

Os centímetros...

Para Luís Barbosa é normal que assim seja. Foi mandatado pela classe política do CDS para estar «dez centímetros acima dos outros». O que explica, de certo modo, a situação gerada ultimamente nos bastidores do CDS em torno de certos dirigentes (Lucas Pires, Adriano Moreira e Basílio Horta, por exemplo), cujas ambições não se compadecem com papéis de segundo plano.

No que respeita a Lucas Pires, aquele dirigente democrata-cristão realçaria os esforços por ele empreendidos para o integrar na futura direcção do CDS. Esforços que, segundo deu a entender, nunca poderiam significar uma «igualdade» de poderes nem que Lucas Pires ficasse

«dez centímetros acima de mim». «Não foi para isso que me mandataram», remataria, enquanto não parava de receber o «beija-mão» de inúmeros congressistas. Quando cheira a poder, a vénia é uma obrigação, quando não a sobrevivência...

Vários tabuleiros...

Não longe de lá, Lucas Pires também não recusava o contacto com os profissionais da Informação. «Então desistiu?...» — perguntavam-lhe. Sorridente, «muito bem disposto», Lucas Pires rejeitava com um sorriso a pergunta: «Não desisti nada (...) só que não sei quem se candidata a quê, a quantos lugares se concorre, quantas listas vai haver, etc.»

Considerando a existência dentro do CDS de «uma grande abertura», o ministro da Cultura indicava ser essa situação própria para se «jogar em vários tabuleiros».

Basílio Horta, já depois do intervalo e antes do Congresso «realmente» começar, revelava ao «DL» estar «disponível para qualquer solução que implicasse a unidade do partido». E perante a pergunta — «Essa solução existe?», Basílio Horta respondia: «Não me compete a mim dizê-lo. Escolheram uma Comissão de Gestão: tudo bem...». E antes de se afastar, Basílio Horta afastava a tese que o aponta como um dirigente «em queda livre»: «Olhe que não...»

O que mais dói...

Terminado o intervalo, afastada a Imprensa do palco das discussões, o Congresso começava, a «sério», os seus trabalhos.

Lucas Pires, na sua qualidade de vice-presidente do Partido, faria uma retrospectiva da vida do CDS. No seu discurso, com algumas «indirectas» pelo meio, o homem que os «notáveis» do CDS não querem para seu presidente, «porque demasiado jovem», defenderia que «o discurso antipolítico é o discurso de estatismo e a política é a vontade de fazer emergir livremente uma sociedade para o futuro». Noutro passo da sua intervenção, Lucas Pires, numa evidente «indirecta» aos «notáveis», afirmaria que «ao

contrário do que muitos tendem a pensar e de várias procedências, este não é o partido de cinco personalidades, ou o partido de um grupo dentro do CDS».

Fazendo resvalar o seu discurso para o tema Aliança Democrática, o vice-presidente do CDS admitiria que «nem tudo foram rosas», no âmbito da coligação. Para Lucas Pires «a AD entrou num período de letargia e o CDS tem uma responsabilidade pela AD. E é seguro que é o que mais nos dói». Minutos mais tarde, Lucas Pires sublinharia que «a AD é uma esperança destruída mas subsistente».

Com base no pressuposto, o vice-presidente centrista chamaria a atenção dos congressistas para a seguinte ideia: «Mesmo para quem pense que estamos já condenados às listas separadas nas próximas eleições, este problema é crucial e passa por ele a própria ideia do CDS e que dele se há-de fazer no futuro».

Apelo às «massas»...

CDS que, de acordo com Lucas Pires, «tem neste Congresso a oportunidade de reerguer o seu poder político. Que precisa de o fazer a partir do seu militante anónimo e médio, mais do que a partir do poder ou dos poderosos».

Uma vez mais, Lucas Pires enviava uma «indirecta» aos «notáveis» (o poder e os poderosos) e lançava um apelo às «massas» (o militante anónimo e médio). Apelo que viria posteriormente a ser lançado, em contactos com a Imprensa, por outros «opositores» da linha Luís Barbosa...

O discurso de Lucas Pires terminava com aplausos. Calorosos ou de circunstância? Isso o repórter não estava lá para o dizer.

Terminado o discurso de um dos potenciais candidatos à liderança dos centristas, o Congresso debruçava-se sobre o relatório da Comissão Directiva, que viria a ser votado pela maioria dos congressistas. Estes, despaçados das suas tarefas, abandonavam o Teatro Maria Matos. Outros, preferiam os contactos com a Imprensa.

«Não vai ser fácil»...

Basílio Horta, novamente contactado pelo «DL», anunciava:

«Se for necessário, tenho um discurso a fazer amanhã». Extremamente crítico em relação à candidatura de Luís Barbosa, Basílio Horta «abria» o livro: «O método que foi seguido não foi útil ao partido. Por um lado, porque se realizou à margem da sede institucional — a Comissão Directiva. Por outro, porque não é uma solução em que as pessoas se sintam bem. E, frisava, o partido não pode prescindir de ninguém».

Para Basílio Horta, muito mais próximo das teses de Lucas Pires, que leu e considera «correctas e equilibradas», do que das de Luís Barbosa — «que ainda não li com a necessária profundidade», diria —, «não vai ser fácil encontrar neste Congresso soluções de unidade e consenso». Porquê? «Porque já se deram muitos passos errados...»

Anacoreta Correia, em conversa com os jornalistas, avalizava esta opinião ao declarar-se convencido de que haverá mais do que um candidato à presidência do CDS. E num aparte: «aliás já fui convidado para secretário-geral do partido por mais de uma pessoa».

Lucas Pires repetiria a tese de estar disponível «para todas as soluções que impliquem a unidade do partido».

A propósito da sua possível candidatura à liderança do partido, Lucas Pires, à laia de «logo se verá», advertia para o facto de não ter sido ainda feita a revisão estatutária. Amanhã (hoje), as coisas estarão mais claras». E Lucas Pires avisava: «Mas só assumirei a liderança se houver condições de unidade assumida pelo partido real e não por figuras do CDS».

O outro possível candidato à liderança do CDS — Adriano Moreira —, chegou atrasado ao Congresso e não desejou o contacto com a Imprensa. Não impede que, nos corredores do Maria Matos, vozes se ouvissem: «Só tenho um candidato. O Adriano e... mais nada!»

Hoje, quanto muito amanhã de manhã, o Congresso decidirá quem vai ficar dez centímetros (ou mais...) acima de quem.

Manuel Anta

Diz Futscher Pereira: Meios de pressão indonesianos prejudicam soluções para Timor-Leste

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Futscher Pereira, declarou ontem à Antena-UM que cada vez a comunidade internacional se distancia mais da questão de Timor-Leste.

«Temos vindo de ano para ano a perder votos nas Nações Unidas» — afirmou, em declarações ao Jornal da Tarde da RDP, Futscher Pereira, depois de referir as grandes dificuldades com que ainda, esta semana, foi aprovada, na Comissão da ONU para os Direitos do Homem, em Genebra, uma resolução a pedir a autodeclaração e independência do povo de Timor-Leste.

«A Indonésia é um país com meios de pressão extremamente importantes» — disse Futscher Pereira, que recordou o facto de Jacarta pertencer à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), se integrar no conjunto dos Estados islâmicos e de estar também na Associação de Países do Sueste Asiático (ASEAN).

«É nosso dever (porém) indeclinável continuarmos a bater-nos pelos direitos humanos do povo mauere» — acrescentou.

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, reiterou recentemente a Futscher Pereira, em contacto telefónico, que tomaria em breve a iniciativa aprovada recentemente na Assembleia Geral da ONU (procurar vias de diálogo para desbloquear o problema de Timor-Leste).

Portugal estuda alternativas às diligências que o secretário-geral da ONU fará junto da Indonésia, para o caso de as mesmas não levarem a nenhuma negociação directa do problema da soberania em Timor-Leste — indicou à Antena-UM o entrevistado, que no entanto se escusou a pormenorizar quais poderão ser as alternativas.

Uma das diligências que cabem a Perez de Cuellar será a de promover um contacto directo entre a Indonésia e Portugal — especificou Futscher Pereira, que por outro lado disse não ter o Governo português respondido ainda a uma proposta sobre o eventual envio de tropas portuguesas para o Líbano.

«Esperam-se elementos mais concretos sobre o papel que essa força poderia vir a ter» — indicou o ministro.

MIL PROPIEDADES

com
facilidades de pagamento
até 2 anos
sem juros

- estabelecimentos comerciais
 - garagens • armazéns • escritórios
 - consultórios • arrecadações
- preços desde 250 Contos,
1300 Contos ou 1600 Contos

Propriedades no valor de 3 milhões de Contos

4

CENTROS COMERCIAIS
ANDARES APARTAMENTOS

Queluz - Av. António Enes, 25 Telef. 95 20 21
Algarve - Praia da Rocha Telef. 2 60 20
Paço de Arcos - Espargal Telef. 243 67 17
Porto - Rua da Piedade Telef. 66 72 97

ANDARES E APARTAMENTOS

Lisboa - Olivais — PANORÂMICA DO TEJO
Cascais - Pampilheira — PANORÂMICA DO ATLÂNTICO
Queluz - Centro e MONTE ABRAÃO
Amadora - Centro e REBOLEIRA
Parede - Village St. Teresinha

VIVENDAS PRÉ-CONSTRUÍDAS

Centro Comercial de Materiais de Construção
e Mobiliário — Talaide

habituismo
J. PIMENTA

Escritórios Centrais. Lisboa Campo Mártires da Pátria, 96-2
Telex: 42681 JPCMP P — 1100 LISBOA — Tel 55 88 51

em duas palavras

● Património artístico destruído por incêndio

A falta de um telefone para solicitação de socorro motivou a destruição de um conjunto imobiliário de interesse público em Ponte Nova, concelho de Gouveia. O facto ocorreu numa moradia cujo recheio — disse o presidente do Município, Santinho Pacheco — era composto por mobiliário em madeiras raras, louças, jóias e obras artísticas. A falta de socorro foi motivada pela inexistência de um telefone num raio de três quilómetros. A chamada telefónica foi efectuada da localidade de Vila Franca da Serra, numa distância de cerca de três quilómetros que foi necessário percorrer em bicicleta para solicitar a comparação dos bombeiros.

● Autarquia de Seia defende a serra da Estrela

O presidente da Câmara Municipal de Seia, Jorge Correia, disse ser necessário promover o desenvolvimento turístico da serra da Estrela. Sublinhou, sobre a situação turística da região, que a serra «é um manancial turístico inexplorado», e exclama um «tratamento igual ao concedido para o Algarve e Litoral». O autarca defendeu a criação de linhas de crédito bonificado para o desenvolvimento turístico. Ao considerar que a «situação económica portuguesa não é obstáculo à abertura desses créditos», defendeu a adopção de «soluções gerais para a Serra da Estrela que promovam o artesanato, hotelaria, conservação da paisagem e infra-estruturas».

● Mais aguerrido o turismo madeirense

O director regional de Turismo disse ontem no Funchal que os produtos madeirenses «vão passar a ter uma promoção mais aguerrida nos mercados interno e externo». João Carlos Abreu acrescentou que essa promoção salvaguardará «os produtos madeirenses, dando-lhes maior dignidade e melhor apresentação». O responsável pelo Turismo madeirense referiu que foi ainda decidido que e sua promoção seja feita «independentemente da participação dos organismos oficiais regionais em certames nacionais ou internacionais».

● Novos melhoramentos no matadouro do Cachão

O matadouro de carnes do Complexo Agro-Industrial do Cachão, em Mirandela, vai receber até final de 1983 novos equipamentos — disse ontem um elemento do conselho de gerência da empresa. De acordo com o projecto de investimentos, cujo montante não foi revelado, o matadouro do Cachão a dispor de saias de abate, com linhas para suínos e bovinos, de corte e de desossa. A todas as secções serão acopladas câmaras frigoríficas, o que permitirá a compra aos produtores de todos os excedentes sazonais de bovinos e suínos.

● Bombeiros da Península reúnem-se na Guarda

As Jornadas Luso-Espanholas para Bombeiros realizam-se na Guarda em 29 e 30 de Abril — soube-se junto do presidente da Federação de Bombeiros da Guarda, Madeira Grilo. A reunião destina-se a debater e planejar acções conjuntas de actuação de corporações de bombeiros dos dois países, sobretudo na região fronteiriça. Madeira Grilo disse que esta sessão se reveste de importância para a cooperação entre os dois países, nomeadamente no domínio dos fogos florestais.

● Normalizado o abastecimento de água a Cascais

A regularização do abastecimento de água no concelho de Cascais após dois dias de falhas na distribuição, deverá ficar normalizada a partir de hoje à tarde. Os serviços municipalizados de água e saneamento afirmaram não se tratar de um problema local, mas que a falta de água se deverá à ruptura de uma conduta da EPAL que abastece o concelho. As zonas mais altas de Cascais foram as principais atingidas pela falta de água que se faz sentir desde quarta-feira.

“Convenção de Londres” sobre despejos radioactivos no mar Proposta portuguesa favorável à suspensão dos lançamentos aprovada por maioria

Uma proposta apresentada por Portugal, favorável à suspensão de lançamento de resíduos radioactivos no mar, foi aprovada pela maioria dos países membros da «Convenção de Londres», que ontem encerrou os seus trabalhos na capital britânica.

Após demorado debate, em que a nossa delegação teve papel activo, a conferência sobre poluição marinha aprovou por 16 votos favor, seis contra e seis abstenções, uma resolução que pede a suspensão de todos os lançamentos de material radioactivo nos mares, até que seja apresentado um relatório final do grupo científico «ad hoc» encarregado de estudar as consequências desses lançamentos.

Nos considerandos do documento aprovado, que retoma praticamente a declaração feita na quarta-feira pela delegação portuguesa, reconhece-se a crescente preocupação da opinião pública sobre este problema, e sublinha-se que a prática de lançar resíduos radioactivos ao mar está limitada a um pequeno número de países, alguns dos quais já suspenderam voluntariamente os lançamentos.

O documento reafirma ainda que o ambiente marinho e os recursos vivos do mar são de importância vital para todas as nações e reconhece que, face ao actual estado dos conhecimentos científicos nesta matéria, é considerado necessário efectuar investigações mais aprofundadas

sobre as zonas onde são depositados detritos radioactivos.

«Greenpeace» toma posição

A organização ecologista internacional «Greenpeace» pediu ontem à Espanha que exerça forte pressão diplomática sobre a Grã-Bretanha, para evitar novos despejos de resíduos radioactivos no mar.

A organização pensa que o êxito conseguido por Madrid na votação da Organização Marítima Internacional lhe dá força moral e internacional para exercer essa pressão.

Um porta-voz do «Greenpeace» afirmou que, dado a resolução apresentada pela Espanha não ter força legal, «a autêntica

pressão deve ser diplomática, depois deste primeiro passo importante».

A resolução espanhola pedia a suspensão total dos despejos radioactivos até ser efectuado um estudo científico sobre as suas consequências, tendo sido aprovada por 19 votos a favor, seis contra e cinco abstenções.

O «Greenpeace» lamentou que a resolução não seja vinculativa, porque pensa que «todos os países têm a obrigação moral de actuar de acordo com o seu espírito».

A organização ecologista criticou a Grã-Bretanha, país que votou contra a resolução, e vai lançar várias toneladas de resíduos no oceano Atlântico a partir do próximo mês de Julho.

Conflito de pescas luso-espanhol

Pescadores reforçaram bloqueio ao trânsito fluvial no Guadiana

O bloqueio do trânsito fluvial na foz do Guadiana por embarcações portuguesas intensificou-se nas últimas horas, devendo manter-se até à próxima segunda-feira, afirmou ao nosso jornal, um porta-voz da capitania de Vila Real de Santo António, contactado esta manhã.

Dirigentes sindicais dos pescadores algarvios fizeram saber que o trânsito entre Vila Real de Santo António e Ayamonte não será restabelecido antes de uma reunião que se realizará naquela vila na próxima segunda-feira, entre representantes dos pescadores e do Governo para análise da situação emergente da suspensão do acordo de pescas luso-espanhol. Uma das exigências dos pescadores e armadores algarvios, é a atribuição

de subsídios governamentais. Outro dos temas em análise são o da possibilidade de um acordo fronteiriço, e o da reconversão da frota local de pesca.

Fontes locais revelaram à ANOP que o número de embarcações que asseguram o bloqueio aumentou consideravelmente nas últimas horas.

Segundo o porta-voz da capitania de Vila Real de Santo António o comércio local mais dependente do afluxo de turistas espanhóis está a ser afectado, havendo várias lojas das avenidas principais que fecharam as portas.

Indústria de conservas inactiva

Outra consequência do

conflito de pescas que opõe os dois países ibéricos é o encerramento por falta de peixe, das fábricas de conservas portuguesas no Algarve.

Esta revelação foi feita ontem pela televisão espanhola, captada na Guarda, no decorrer do serviço informativo da tarde, num bloco dedicado ao conflito pesqueiro entre Portugal e Espanha.

O comentarista afirmou que os pescadores querem reciprocidade no acordo de pescas entre os dois países e «direito ao trabalho».

O mesmo documentário mostrou ainda concentrações de pescadores nas fronteiras de Vila Real de Santo António e de Ayamonte, protestando pela falta do acordo pesqueiro.

Libertados sete dos portugueses detidos em Moçambique

Sete dos onze portugueses que se encontravam detidos há várias semanas na cidade da Beira, em Moçambique, foram ontem libertados. Três deles (Alcino da Costa Pinto, Joaquim Martinho da Silva e Cipriano da Exaltação Pereira) estiveram ontem de manhã no consulado de Portugal na Beira, onde informaram que, na mesma altura, foram também libertados Maria Odete Rodrigues ocha, António da Silva Guerra e António da Cunha Fonseca.

Ao que parece, e segundo meios informados de Maputo citados pela ANOP, não teria sido estranha à libertação dos portugueses a deslocação, na passada quinta-feira, do ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, à Beira. Foi, entretanto, confirmado o julgamento, nos últimos dias, de dois outros portugueses do grupo dos onze detidos: Benjamim Fox Júnior e João Benedito Fernandes, que foram condenados, respectivamente, a oito e quatro anos de prisão. Quanto a Rui Amorim Janeiro e José Carlos Vieira,

não se conhece ao certo qual a sua situação.

ÚLTIMOS DIAS SALDOS NA STOP

RUA DO OURO, 260

Luta contra o frio!

PREÇOS DE ARRASAR

CAMISAS DE NOITE TURCAS	desde	397\$50
ROBES ACOLCHOADOS	desde	697\$50
PIJAMAS TURCOS	desde	547\$50
BIKINIS SENHORA	desde	35\$00

SÓ VENDO PODERÁ ACREDITAR!...



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

EDITAL N.º 30

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA:

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital fica notificado o Sr. António Almeida Júnior, residente na Quinta da Cerca-Caparica, que nos termos do Art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76 de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 20/11/81, esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do terreno situado em Quinta de Cima — Quintinhas — Charneca de Caparica, com a descrição matricial Art.º 14.º Secção AJ/Caparica, tendo esta posse como efeitos jurídicos e imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do Art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente condenação na perda, a favor deste município, do prédio objecto da infracção.

Almada, 9 de Fevereiro de 1983

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

EDITAL N.º 31

P.P. n.º 233/81

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA:

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital fica notificado o sr. Sebastião Frade, residente em Marco Cabaço-Caparica, que, nos termos do Art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76 de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 20/11/81, esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do terreno situado em Quintinhas — Charneca de Caparica, inscrito na Matriz Cadastral sob o art.º 38 da secção AJ/Caparica, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente condenação na perda, a favor deste município, do prédio objecto da infracção.

Almada, 9 de Fevereiro de 1983

O Presidente da Câmara
(José Martins Vieira)

A morte de turistas britânicos no Algarve

Inquérito atrasado por falta de relatórios oficiais

As causas da morte de cinco turistas ingleses em Outubro passado no Algarve são ainda desconhecidas, afirmou ontem o secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho. Esta declaração foi proferida no final de uma reunião com representantes do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Instituto de Medicina Legal e direcções-gerais do Turismo, da Qualidade de Vida, da Energia e do Planeamento Urbanístico, convocada por aquele membro do Governo.

TODOS estes organismos, à excepção da Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, apresentaram os relatórios que foram incumbidos de elaborar com base nas investigações levadas a cabo, sectorialmente, sobre o caso.

As mortes dos turistas britânicos recorde-se, ocorreram nos aldeamentos turísticos da Praia de Oura, Bemposta e Pinhal da Marina (Vilamoura), no Algarve.

Nandim de Carvalho explicou que, por só agora terem sido entregues os relatórios do LNEC e da Direcção-Geral da Qualidade de Vida, e por não serem ainda conhecidos os resultados das autópsias, «é prematuro definir um conjunto de acções integradas para ultrapassar a situação».

Anunciou que em Março terá início uma campanha sobre normas de segurança, destinada

aos turistas e cobrindo «três grandes áreas», designadamente «prevenção de incêndios, poupança de energia e aspectos relacionados com a segurança na utilização dos equipamentos de energia».

Nandim de Carvalho assegurou que em termos exclusivamente de turismo, «não há motivos para alarmes nem existe qualquer situação de catástrofe». Isto, porque a situação verificada resulta de uma margem de acidentes derivados da automanipulação de equipamentos, envolvendo riscos do tipo quotidiano, indicou.

Assinalou que «as reservas (para o Verão) são superiores às do ano passado pela mesma altura», facto que atribui à decisão governamental de tomar medidas, e ainda ao veredicto do tribunal britânico de Yorkshire, segundo o qual teria havido «aci-

dente» no caso da rapariga inglesa morta em Praia de Oura.

«Todas as peritagens, friso, demonstram que seria impossível neste caso a morte por monóxido de carbono e que, eventualmente, a morte poderia ter sido ocasionada pelo uso do fogão-forno para aquecimento do ambiente, do que teria resultado o esgotamento do oxigénio».

Quanto ao caso do casal inglês morto no Pinhal da Marina (Vilamoura) «o mistério é total», observou Nandim de Carvalho.

Neste momento — esclareceu — de acordo com as peritagens de técnicos portugueses e de representantes da Associação Britânica dos Consumidores que se deslocaram ao Algarve, é impossível avançar com suposições, sabendo-se, sim, que os esquentadores funcionam bem,

mesmo havendo excesso de utilização.

Apenas no caso das duas mortes registadas em Bemposta, afirmou o titular da Secretaria do Turismo, se verificou que «não estariam a ser cumpridas integralmente» as normas da Associação Portuguesa dos Gases de Petróleo Liquefeitos, e do regulamento geral das edificações urbanas e do LNEC.

Isso poderia ter criado condições para intoxicação por deficiência de ventilação, no escoamento dos tubos, disse, acrescentando que, neste caso, «foi determinada a substituição dos aparelhos (esquentadores a gás) por termoacumuladores».

A finalizar, Nandim de Carvalho sublinhou não ser «legítimo levantar hipóteses» e que os resultados definitivos do processo serão publicamente divulgados logo que sejam conhecidos.

Diz a PSP

Menos droga mais assaltos

A Polícia de Segurança Pública procedeu em Janeiro a cerca de mil capturas, revelou o comando geral daquela corporação.

Um balanço da actividade que desenvolveu no primeiro mês do ano a PSP refere ter efectuado 975 capturas ou detenções, 291 das quais por furto, roubo ou arrombamento.

Outro factor significativo de detenções foi a condução ilegal por falta de carta.

O «115» recebeu mais de nove mil pedidos, um terço aproximadamente dos quais para acção de ambulâncias, outro para intervenções policiais e um terceiro para socorro a sinistrados e casos de doença súbita.

A PSP efectuou cerca de 400 operações de fiscalização a estabelecimentos, das quais resultaram, 33 detenções.

Na área do trânsito e transportes, a PSP procedeu a mais de 40 mil autuações, a maioria por desobediência à sinalização.

O balanço refere o registo no mesmo período de 2588 acidentes de viação nas áreas urbanas sob jurisdição da corporação.

O balanço conclui por uma apreciação da criminalidade em Janeiro, considerando-a caracterizada pelo aumento dos assaltos à mão armada, estabilização no capítulo dos furtos e diminuição dos casos de droga.

Alvejado a tiro a curta distância por um dos dois suspeitos que pretendia identificar, o guarda-noturno Bairro de Santa Cruz em Benfica ficou a dever a vida ao botão do dólman que desviou a trajectória.

Eram duas da madrugada quando ao proceder à ronda ha-

bitual detectou dois indivíduos que levantaram suspeitas pelo seu comportamento e por não serem residentes no bairro. A prática e experiência do guarda Teixeira permite-lhe conhecer os habitantes da área cuja vigilância se encontra a seu cargo.

Ao pretender identificá-lo, logo

Em Ponta Delgada

Julgamento de droga envolve 300 pessoas

Apenas um dos 27 indivíduos julgados por implicação no consumo, cultivo e tráfico de droga na ilha de São Miguel foi sexta-feira condenado a prisão.

A leitura final do julgamento, iniciado dia 8 em Ponta Delgada revela que os restantes 26 indivíduos beneficiaram de algumas atenuantes, nomeadamente, a amnistia papal, decretada quando João Paulo II visitou Portugal.

O indivíduo que foi condenado a alguns meses de prisão era cadastrado, beneficiando apenas de seis dos 12 meses de amnistia — refere o mesmo documento.

No final da leitura, o juiz presidente do julgamento, Simões

José Mesquita Mota, afirmou que os casos ali apresentados não eram tão graves quanto se poderia pensar.

Disse que o Tribunal pensa com estas penas ter contribuído para a recuperação dos indivíduos implicados no processo.

Dirigindo-se aos réus, referiu, a título de aviso, que as reincidências poderão implicar penas entre os dois e os oito anos de prisão.

O processo envolvia 35 indivíduos acusados de consumo, cultivo e tráfico de droga, mas somente 27 compareceram em tribunal.

O primeiro julgamento colectivo de implicados em drogas nos Açores envolveu cerca de 300

pessoas, número pouco frequente na história judicial do arquipélago.

A maioria dos implicados no processo, instruído pela Polícia Judiciária de Ponta Delgada, tem idades compreendidas entre os 20 e 30 anos.

Ao julgamento assistiram mais de uma centena de pessoas, que encheram totalmente a sala de audiências.

Algumas das pessoas que assistiram à leitura final do julgamento já se encontravam no edifício do tribunal há algumas horas esperando a abertura da sala.

O julgamento já tinha sido adiado por duas vezes.

“Ping-pong” entre hospitais da Beira

Sinistrada de um incêndio perfaz mais de um dia de viagem em ambulância

Uma mulher vítima de graves queimaduras continuava ontem, segundo revelaram os Bombeiros Voluntários de Santa Comba

Dão, a ser repelida de hospital para hospital, tendo já perfazido um dia de viagem de ambulância pelas estradas da Beira-Alta. A sinistrada, que acusa queimaduras do terceiro e quarto grau, em 40 por cento do corpo, foi retirada, durante a tarde da passada quinta-feira, de uma casa em chamas, tendo sido levada,

pelos bombeiros, para o Hospital Cocolho de Santa Comba Dão de onde foi transferida, ontem de manhã, para o de Viseu.

A transferência deveu-se ao facto de se considerar que ela necessitava de cuidados cirúrgicos. No entanto, chegada a Viseu, foi de novo enviada para Santa Comba Dão... O argumento apresentado foi o da inexistência de um cirurgião disponível no Hospital de Viseu. De Santa Comba Dão endossa-

ram-na, então, para o Hospital da Universidade de Coimbra, onde o diagnóstico foi diferente, entendendo-se que não carecia de tratamento cirúrgico, enviando-a, de novo, para Santa Comba. E aí a situação repetiu-se tendo a sinistrada sido, mais uma vez, transportada para Viseu onde, segundo os Bombeiros locais, ainda se encontrava ontem, dentro da ambulância, aguardando a comparência do cirurgião, prevista para segunda-feira...

O botão salvou-lhe a vida

Alvejado a tiro a curta distância por um dos dois suspeitos que pretendia identificar, o guarda-noturno Bairro de Santa Cruz em Benfica ficou a dever a vida ao botão do dólman que desviou a trajectória.

Eram duas da madrugada quando ao proceder à ronda ha-

bitual detectou dois indivíduos que levantaram suspeitas pelo seu comportamento e por não serem residentes no bairro. A prática e experiência do guarda Teixeira permite-lhe conhecer os habitantes da área cuja vigilância se encontra a seu cargo.

Ao pretender identificá-lo, logo

um indivíduo lhe apontou uma arma, que se julgava ser revólver, e disparou, após o que ambos fugiram.

Devido ao impacto do projectil o guarda-noturno cambaleou um pouco, o suficiente para não poder perseguir os agressores. Aparada pelo botão metálico a

bala apenas produziu uma escoriação na região torácica ao lado direito do esterno perdendo-se depois de rasgar o uniforme.

Alertadas as autoridades policiais, nomeadamente a Polícia Judiciária, procuram agora os dois indivíduos bastante jovens segundo parece.

comunicação social

“JN”: director ilegal

Participação do CR à Procuradoria-Geral da República

O Conselho de Redacção do «Jornal de Notícias» entregou ontem na Procuradoria-Geral da República uma participação-crime contra o conselho de administração da empresa pelo facto de não ter sido ouvido, como a lei determina, para a nomeação de António Freitas Cruz para o cargo de director-interino daquele matutino. Entretanto, o CR do «JN» fez já as diligências necessárias para a apresentação de uma acção civil relativa a esta mesma nomeação.

Em reunião efectuada na última quarta-feira, o CR aprovou já um comunicado, depois tornado público, em que afirma a sua convicção de que o CA da empresa «agiu à margem da lei ao não ouvir este órgão representativo dos jornalistas, pelo que a situação do senhor Freitas Cruz surge como ilegal». No mesmo comunicado, o CR afirmava que «enquanto o tribunal não se pronunciar, e atendendo ao facto de ser exclusivamente a esta instância que compete declarar a ilegalidade, este conselho entende dever continuar a exercer as competências que a lei lhe atribui por considerar ser

esse o interesse da Redacção do «JN», que representa».

Por outro lado, no comunicado ontem difundido na redacção daquele matutino, a propósito da participação à PGR, o CR afirma que «esta acção surge no seguimento de um parecer do Conselho de Imprensa, já dado a conhecer, que considera ilegal a nomeação feita pelo CA da empresa». Acrescenta-se que «o CR requereu à PGR as providências legais que caibam na sua competência, designadamente a responsabilização do CA «pelos crimes ou contravenções que na matéria concorram, bem como, se for caso disso, as diligências destinadas à apreensão das edições do «JN» se se verificarem para isso os pressupostos legais necessários».

O comunicado conclui afirmando que a diligência junto da PGR é «sem prejuízo da acção civil que vai propor impugnando a nomeação referida e reque-rendo que a empresa seja condenada a repor a legalidade». O comunicado é assinado pelo CR, constituído pelos jornalistas Pereira Pinto, Fernando Seixas Marco, Manuel Pinto e César Príncipe.

“Diálogos Luso-Franceses”

Prosseguem na próxima semana os «Diálogos Luso-Franceses», iniciativa da Radio France/France Cultural e da RDP/Rádio Comercial, no Cinema Nimas, entre interlocutor francês e um interlocutor português.

Eis o calendário: No próximo dia 22, António Lopes Cardoso e Michel Drain (especialista francês de questões agrícolas e agrárias portuguesas) sobre agricultura portuguesa; no dia 23, Rémy Freire, director do Instituto Superior de

Economia, e Max Moreau, industrial, sobre o tema «Portugal, país de ontem e de amanhã»; e no dia 24, Beatriz Rocha Trindade, do Secretariado de Estado para a Emigração e as Comunidades Portuguesas, e Manuel Dias, responsável pelo Comité para a Alfabetização e Promoção, que dissertarão sobre «O dilema da comunidade portuguesa em França: ficar ou partir».

Os diálogos, no Nimas, efectuem-se a partir das 18 e 30.

Jornalistas sul-africanos ganham direito ao diálogo

A Southern African Society of Journalists (SASJ) saiu vitoriosa de uma prova de força que a opunha aos mais importantes proprietários de jornais do país no Tribunal do Trabalho (Industrial Court) recentemente constituído na África do Sul — lê-se em «En ligne directe», boletim da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ).

O Tribunal ordenou às empresas Argus, South African Associated Newspapers (SAAN) e Agência de Imprensa Sul-Africana (SAPA) que retomassem as negociações colectivas com a SASJ.

A Argus e a SAAN controlam

todos os jornais importantes de língua inglesa no país, à excepção de quatro — e aquela decisão judicial diz respeito a 85 por cento dos membros da SASJ empregados em 17 jornais.

A SASJ é reconhecida como o interlocutor social do patronato há largos anos, mas em Outubro último os proprietários dos jornais recusaram-se a continuar as negociações laborais no seio da antiga estrutura.

A sentença do Tribunal do Trabalho é considerada por observadores como um aval importante ao diálogo entre o patronato e os sindicatos representativos dos trabalhadores.

Três jornalistas desaparecidos em São Salvador

As autoridades salvadorenhas confirmaram o desaparecimento, ocorrido na semana passada, de três jornalistas estrangeiros, dois suecos e um americano.

Os três jornalistas, segundo informação oficial de San Salvador, desapareceram na segunda-feira passada, e o veículo que utilizavam foi encontrado sexta-feira perto de Guazapa, a 28km a Norte da capital daquele país latino-americano.

Os jornalistas, os suecos Jens Nystroem e Tohm Thulan, com 27

e 22 anos, respectivamente, e o americano Michael Luhan, de 30 anos, saíram segunda-feira do hotel para irem cobrir acontecimentos «no interior do país» e não regressaram desde então, segundo a proprietária do estabelecimento hoteleiro.

Luhan trabalhava para o «Dallas Morning News» — e os dois suecos, segundo a Radiotelevisão de Estocolmo, trabalhavam para o jornal comunista «Ny Dag».

de ontem para hoje

Senhora ferida em assalto a agência bancária de Loulé

Quatro jovens armados de G-3 e de pistolas de guerra assaltaram a delegação em Loulé do Banco Nacional Ultramarino, de onde louvaram cerca de mil contos em dinheiro. Antes de abandonarem as instalações alvejaram uma senhora, que acabara de entrar, com um tiro numa perna. A vítima, Maria Irene de Silva Santana Viegas, casada, de 28 anos, já está livre de perigo. O carro utilizado no golpe, propriedade de um engenheiro residente em Vilamoura, foi encontrado meia hora depois perto de Almansil. A GNR suspeita que do grupo de assaltantes faziam parte «Chico Sucata» e António José, evadidos recentemente da Prisão de Pinheiro da Cruz.

Vianense contra Nandim de Carvalho

A direcção do Vianense recorreu ontem judicialmente da atribuição da concessão do jogo do bingo a uma empresa turística de Viana do Castelo. O recurso, apresentado no Supremo Tribunal Administrativo, em Lisboa, seguiu-se a várias diligências junto de entidades governamentais no sentido de inviabilizar a decisão da Secretaria de Estado do Turismo. A direcção daquele que é o segundo mais antigo clube desportivo de Portugal pretende que «seja reposta a mais elementar justiça na deliberação do secretário de Estado Nandim de Carvalho». «O clube — acrescenta — foi espoliado de uma receita que seria integralmente posta ao serviço do fomento desportivo da região». Fundado em 1899, o Via-



nense, é considerado instituição de utilidade pública e foi agraciado com a medalha de mérito desportivo.

Carrinha entrou em casa

Em Frossos (Albergaria-a-Velha), no distrito de Aveiro, uma carrinha a que faltaram os travões entrou numa casa desabitada. No acidente ficaram feridos o condutor do veículo, Manuel Domingos Capela de 45 anos, e o seu acompanhante, José Domingos da Venda, de 60, ambos residentes em Telhadela.

Soldado da GNR vitimado

Um soldado reformado da GNR, Jacinto Alexandre, de 59 anos, morreu ao fim da manhã de ontem quando o automóvel que conduzia se foi enfiar contra um camião porta-contentores que se encontrava a executar uma manobra correcta na Avenida de Ceuta, em Lisboa. Em princí-

pio, Jacinto Alexandre deverá ter sido acometido por doença súbita, uma vez que, segundo testemunhas oculares, o camião era perfeitamente visível a grande distância e a vítima não parece ter feito qualquer tentativa para travar ou para tornar o obstáculo. A PSP tomou conta da ocorrência.

Norueguês detido no Algarve

Um cidadão norueguês, Jonas Wold, residente em Cascais, numa vivenda de que é proprietário, foi detido pela Polícia Judiciária por suspeita de tráfico de drogas. Jonas Wold, surpreendido no Algarve na posse de um quilo de cocaína e de anfetaminas, no valor de mais de mil contos, foi acusado de pertencer a uma rede internacional de traficantes.

«Berlim Supercircus» com azar

Maré de azar para a companhia do Berlim Supercircus, presentemente a actuar no Pavilhão do Palácio de Cristal, no Porto: dois equilibristas da «troupe» marroquina Mohamed Lorde caíram na pista quando apresentavam o seu

número e tiveram de ser tratados no Hospital de Santo António. Já no final do espectáculo o elefante «Sascha», que contava 45 anos, morreu, ao que se supõe de ataque cardíaco, quando estava dentro do reboque.

Criança com mão decepada

Uma criança, Manuel Ramos Gonçalves, de 10 anos, ficou com a mão direita decepada devido à explosão de uma granada que achara e que levava para casa, no lugar de Jamieiro, no concelho de Oliveira de Azeméis. A deflagração ocorreu quando o pequenito atirou o engenho para a lareira.

«Eléctrico» contra esquadra

Quando ontem à tarde circulava na Rua do Arsenal, um «eléctrico» saiu do carril indo embater contra a parede da esquadra existente no local. Não se registaram feridos nem entre os passageiros nem

entre os transeuntes e elementos da PSP que se encontravam no exterior do edifício. A Carris está a proceder a um inquérito as causas do acidente.

Octogenário carbonizado em Varzim

Um octogenário inválido morreu carbonizado, na madrugada de ontem, num incêndio que destruiu completamente a casa que habitava no lugar de Outeiro, Póvoa de Varzim. O sinistro deverá ter sido causado pela vítima, Horácio Martins Ribeiro, ao cair sobre o aquecedor eléctrico. Horácio Martins vivia sozinho, pois os filhos encontram-se empregados em França, Suíça e Brasil.

As linhas que cosem Elvas — 2

Como é diferente a política no «café»

(ou: os louros da guerra de pelouros)

A televisão que se vê no pequeno estabelecimento é alternadamente a portuguesa e a espanhola. No primeiro caso, temos pormenores variados sobre a crise que devasta a coligação governamental. A televisão espanhola apimora-se numa entrevista ao dirigente socialista que há meses conquistou a maioria absoluta.

O consumo no pequeno estabelecimento sofre também influências do outro lado da fronteira; restringe-se a pratinhos, os clientes consomem predominantemente ao balcão. Quem vai para a mesa faz de emprego.

Um cliente transborda do jogo político. Verbera Balsemão quando a sua pessoa aparece no ecrã. Rejubilava com Gonzalez ao longo da entrevista. Discute a movimentação das peças com o dono do estabelecimento quase em hora de fecho, clientela escassa.

O elogio acaba por recair em Marcelo Caetano, depois de passar por uma boa receptividade a Mário Soares. O 25 de Abril, não lhe merecendo repúdio, também lhe arreda o entusiasmo.

A cena não é traduzida para aqui por engano. Ela reflecte, ao que vimos, uma certa despolitização geral. A demora na chegada da Reforma Agrária ao conselho de Elvas, está aí como exemplo. Mas não só. As contradições entre os próprios trabalhadores foram uma boa chegada para a sua desagregação.

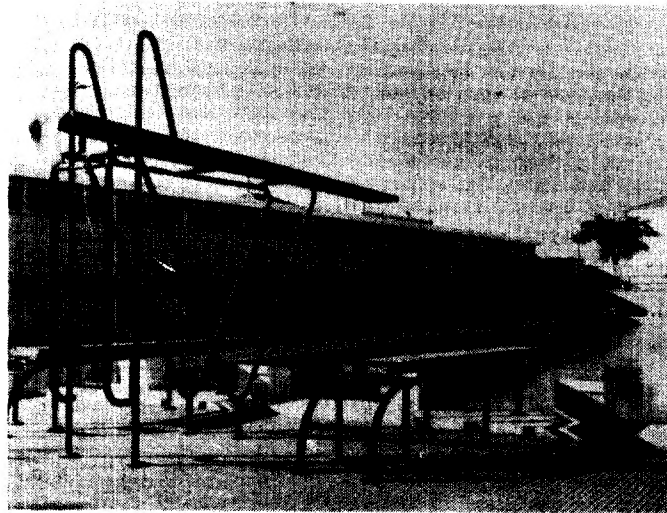
«O processo da Reforma Agrária chegou aqui quando já estava adiantado noutras zonas do Alentejo» — concretiza o novo presidente da Câmara de Elvas, Aníbal Franco, eleito pela APU nas últimas autárquicas.

«E não havia uma grande consciência da classe operária» — acrescenta. «O retrocesso foi fácil e as UCP's desapareceram quase totalmente».

O processo dilacerou igualmente as forças políticas. O PS está hoje reduzido a terceira força, depois de já ter tido a presidência da Câmara, em 76. O homem que levou o PPM a «presença» importante no conselho viu o seu apoio baixar, em 82, com salto para a ASDI. A própria AD. Não conseguiu manter a Câmara PSD, vitorioso de 1979. A abertura revelada pelo anterior presidente da Câmara a uma vitória APU, entende Manuel Torneiro, não passa de uma pequena ratoeira. A gestão municipal, com as dificuldades que ali se fazem sentir, é de difícil saída.

O futuro no presente

«Os nossos jovens, o nosso



Uma juventude desiludida, influenciada pelo país vizinho. Uma das saídas pode ser o desporto. O novo executivo propõe-se caminhar por aí. A piscina municipal está pronta há dez anos...

futuro, não têm perspectivas» — relatava-nos um bom conhecedor de Elvas. O emprego não há, a habitação que rareia, a droga e o jogo como influências do estrangeiro próximo de uma vida diferente.

O novo presidente assume essas preocupações, reconhecendo como grave, para toda a população de resto, o problema habitacional. Para ele, 70 por cento dos problemas estão relacionados com a falta de casas.

A habitação ainda. O novo presidente tem dias de receber 25 pessoas que lhe vêm pôr os seus problemas de habitação, complementados com o do abastecimento de água e de saneamento básico.

A juventude certamente não se dirige ao município para explicar dificuldades. Mas elas estão à vista de todos e a Câmara procura responder.

«Criámos um pelouro da juventude que foi entregue a um vereador eleito pelo PS» — diz-nos Aníbal Franco. «Procura-se a participação activa dos jovens» — explica, como seria o caso de organizações apropriadas.

«Não vamos resolver-lhes os problemas, mas levá-los a pensar neles e a encontrarem saídas» — eis, no fundo, a proposta APU.

A via que se procura passa

também pela dinamização cultural que de resto já foi tentada pelo executivo anterior. Os objectivos vão mais perto que a cultura portuguesa, procurando também criar perspectivas regionais.

O desporto também figura entre os meios de mobilizar a juventude, prendê-la à vida. O conselho municipal criado para esse sector é outra tentativa já em andamento. Agora, é conseguir alargar os seus efeitos aos próprios clubes desportivos.

A mudança no conjunto, não será, apesar de tudo, possível, segundo o novo presidente da Câmara. O caminho, para já, em conjunto com o PS reconhecido publicamente como «de esquerda», será o de melhorar até onde for possível «as condições de vida e uma maior participação das populações».

Situação instável

O novo presidente da Câmara de Elvas parece optimista quanto às possibilidades de trabalho que se lhe oferecem. E isso reconhecendo as dificuldades inerentes à região e ao seu conselho.

As perspectivas são, contudo, diferentes noutros sectores da

política local. As primeiras dificuldades surgiram a nível da distribuição de pelouros, quando o eleito da ASDI, saído dos dois mandatos pelo PPM, recusou a «fatia» que lhe era distribuída.

«A Câmara actual não pode viver» — preconiza Manuel Torneiro, um homem que veio do «nada», como se define, «comerciante, industrial, agricultor e proprietário» como figurava no último manifesto eleitoral. «Eu não tenho objectivo de a fazer cair» — completa. «Há quem queira mas não eu.»

O diferendo está esboçado, envolvendo por enquanto apenas um dos vereadores eleitos a 12 de Dezembro. «A forma mais fácil de dirigir esta Câmara, dada a sua constituição, seria a forma colegial» — eis o que, em suma, defende.

A consequência seria o desmoronar do presidencialismo municipal que decorre da lei actualmente em vigor. «Todos conheceríamos os problemas e seríamos responsáveis nas decisões.»

O presidente actual já teria defendido esse ponto de vista, segundo Manuel Torneiro. «Agora voltei a fazer a proposta, nos mesmos moldes. Mas sei que não é aprovado» — prevê.

O novo presidente da Câmara de Elvas, com antecedência, já nos mostrara pouca receptividade relativamente a Manuel Torneiro. A sua não aceitação do pelouro que lhe fora oferecido no seio do executivo tem uma interpretação: «A ideia dele é, não a de querer uma participação efectiva na gestão da Câmara, mas sim o de se imiscuir em todos os pelouros e criar choques entre todos os vereadores» — comenta Aníbal Franco.

As questões postas assim, quase em jeito de pinguepongue, poderão assemelhar-se a pequenos efeitos de intriga local, transposição do que se passa pelos corredores do Poder Central. Só que, sem dúvida, a política é muito diferente a nível local.

As linhas com que se cosem as decisões a nível das autarquias têm pelo menos o mérito da proximidade com os eleitores. Mesmo no caso dos mais distraídos...

ROGÉRIO VIDIGAL

Segundo o presidente da Câmara de Seia

Poder local «corre o risco de se desintegrar»

O presidente da Câmara Municipal de Seia, Jorge Correia, disse sexta-feira que o poder local corre o risco de se desintegrar e esvaziar politicamente.

Instado a pronunciar-se sobre a consolidação do poder autárquico, Jorge Correia afirmou que as edilidades atravessam uma grave crise de poder administra-

tivo e financeiro.

«Com um poder autárquico forte e consolidado não seria importante que o governo mudasse» — expressou Jorge Correia.

Na sua opinião, a defesa do poder local deve ser feita «por medidas legislativas que promovam acções de desenvolvimento a nível autárquico, com dotações

financeiras e poderes suficientes, muitas vezes carecidos nas Câmaras Municipais».

Sobre a atribuição de duodécimos às câmaras municipais, o presidente de Seia disse que são insuficientes e comprometem a realização dos planos de qualquer município.

Uma semana em Londres com a agência Abreu

Parte amanhã para Londres um grupo de jornalistas portugueses, convidados da Agência Abreu, que vão fazer uma viagem já tradicional nos hábitos portugueses. Trata-se da semana em Londres, que a Abreu realiza ininterruptamente desde 1970:

viagens efectuadas em «Charter» da TAP, semanal todo o ano e bi-semanal de Julho a Setembro (domingos e quintas-feiras), com preços muito acessíveis e plano de redução para grupos, terceira idade, jovens, noivos, e famílias, na época de Outono e

Inverno.

A qualidade de serviços e o preço praticado têm gerado uma enorme aceitação do público a esta proposta da Abreu, cuja assistência em Londres é prestada através de escritórios próprios, sítios na Westbourne Grove, 109.

«O telefone em 1982» tema para aquarelas

Um trabalho de Daniel Soares Lopes Pires, presente ao concurso de pintura aberto a todos os trabalhadores dos TLP, no âmbito das comemorações do centenário da instalação das redes telefónicas públicas de Lisboa e Porto, obteve o primeiro prémio, atribuído por unanimidade do júri.

O concurso era subordinado ao tema «O telefone em 1982», e teve como objectivo incentivar os trabalhadores no interesse pelas actividades culturais, além de complementar a colecção de aquarelas existentes na sede dos TLP.

“Leitura pública” em Portugal:

A arte de bem desperdiçar todo o livro

... E os portugueses criaram a arte de desperdiçar. E o livro, que ao longo dos séculos veio a constituir um importantíssimo património, ficou reduzido, nas estantes das bibliotecas de leitura pública portuguesas, a papel, perdida que foi a sua função de transmissor de cultura. Só reassume essa função, quase exclusivamente, nas mãos de uma elite cada vez mais restrita: a dos que estudam.

Mas a leitura pública é considerada um pilar do movimento democrático. Pelo que já é tempo de rever atitudes.

O panorama foi delineado no decorrer do seminário sobre «Animação de Bibliotecas» promovido pelo Instituto Português do Livro, de 31 de Janeiro a 5 de Fevereiro, em Lisboa, com o apoio da BAD — Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Nesta primeira acção de uma série programada para o ano corrente, cerca de 20 bibliotecários responsáveis por bibliotecas de vários pontos do país, debateram a situação e falaram das suas experiências. Orientou os trabalhos o bibliotecário francês Jean Tabet. No final, os participantes compilaram as suas conclusões num Manifesto, em cuja introdução afirmam a urgência do seu conteúdo ser divulgado junto das entidades responsáveis e do público em geral.

Os que vivem o processo por dentro sentem que o livro tem de voltar a cumprir a sua função através da leitura pública.

Considera-se hoje que a leitura domiciliária é função imprescindível da biblioteca de leitura pública. Para se fazer uma ideia, ainda que pálida, dos livros que as nossas bibliotecas emprestam para ser lidos em casa, atente-se num caso que, entre os apresentados no seminário, foi considerado excepcionalmente bom, tão bom que se considera um caso isolado: é o da biblioteca municipal de Mirandela (Trás-os-Montes) que empresta em média um livro por habitante por ano. Nas restantes bibliotecas — e estiveram representadas bibliotecas de municípios de elevada densidade populacional — a média correspondente é incomparavelmente mais baixa.

Para nos situarmos em relação à Europa capitalista, tenhamos em conta que na Dinamarca — país onde a leitura pública está muito difundida — a média anual nacional de empréstimo de livros para leitura domiciliária é de 6 a 7 livros por habitante; na Inglaterra é de 4,5 e em França, de 2,5. A extraordinária difusão da leitura pública na Dinamarca deve-se — na opinião muito pessoal de Tabet — fundamentalmente a dois agentes históricos: a igreja protestante e o capitalismo utilitarista.

Em França, embora a média nacional seja de 2,5 livros por habitante por ano, há bibliotecas locais que ultrapassam essa média. É o caso da biblioteca municipal de Gardannes, que Tabet dirige há dois anos e que atingiu a média anual de 4,5 livros emprestados por habitante para leitura domiciliária.

Alguns marcos da história da França são apontados por este bibliotecário francês como pontos fundamentais do desenvolvimento da leitura pública naquele país: deles recordamos a Revolução Francesa, da qual surgiram as bibliotecas municipais, a Resistência, Maio 68 e a acção do actual governo francês.

«A maior confusão do mundo»

O governo de Mitterrand, cumprindo o seu programa eleitoral, decuplicou a verba destinada às bibliotecas de leitura pública. Em França, estas actividades dependem da Direcção da Leitura

Pública, que, por sua vez, se integra na Direcção do Livro do Ministério da Cultura.

E em Portugal que temos para opor àquele palmarés? Cinquenta anos de fascismo, uma Resistência mais ou menos com a mesma idade e o 25 de Abril.

No que respeita à leitura pública e bibliotecas, faz-se ainda

Mas o que se passa com estas bibliotecas? Antes de mais não existe no nosso país o Plano Nacional de Leitura Pública que deve integrar e coordenar as actividades das bibliotecas existentes e que, por ser de âmbito nacional, tem de estar a cargo dum departamento central: o Ministério da Cultura, por exemplo. De-

pessoa menos qualificada para o fazer: o contínuo. «As pessoas que frequentam uma biblioteca, especialmente quando lá vão pela primeira vez têm que se sentir bem-vindas, e não é, em geral, o contínuo que está em condições de o fazer», comenta a presidente da BAD.

Nas nossas bibliotecas tam-



Quilos e quilos de papel — eis no que se transformaram os livros das nossas bibliotecas (com raras excepções, claro)

sentir com muito peso «a longa noite fascista» e a Resistência não deu aqui os seus frutos. Para começar ninguém sabe quantas bibliotecas existem. «É a maior confusão do mundo», comenta Maria José Moura, bibliotecária da Universidade de Lisboa e presidente da BAD. Esta associação procede actualmente ao levantamento das bibliotecas existentes no país. Quanto à sua natureza e funções, existem alguns equívocos e absurdos. Mas pode-se distinguir três grupos: as bibliotecas universitárias, dependentes do Ministério da Educação; as chamadas Bibliotecas Públicas, dependentes do Ministério da Cultura e que recebem das Editoras o Depósito Legal (exemplares de cada obra editada), mas que não emprestam livros para leitura domiciliária; as bibliotecas municipais, dependentes dos Municípios, que não recebem Depósito Legal e que têm — só algumas — serviço de leitura domiciliária, constituindo, entre nós, as que se aproximam do moderno conceito de biblioteca de leitura pública.

«As bibliotecas municipais — acrescenta Maria José Moura — porque estão mais próximas das populações em que se inserem, devem ser por excelência os agentes da descentralização e regionalização da leitura pública.»

Más instalações excesso de tecnologia

A nível da biblioteca propriamente dita também há muito a corrigir. No que respeita a instalações são, em geral, pouco atraentes; o atendimento público fica frequentemente a cargo da

bém não é posta em prática uma característica fundamental das bibliotecas da leitura pública — o livre acesso às estantes que se prende com o importante momento da escolha (os participantes do seminário explicam porque no seu Manifesto). Escolher um livro para consulta ou leitura por intermédio de interposta pessoa é francamente desmotivador.

Sobre a acção do bibliotecário pesa ainda muito a tecnocracia. É em geral um técnico que se preocupa mais com a ordem e a eficácia do ficheiro, dos catálogos, com a conservação dos livros, do que com o movimento da biblioteca. Diz Maria José Moura: «Preocupam-se mais com os livros que faltam nas estantes do que com os livros que não saem para a leitura domiciliária.»

O bibliotecário português está ainda muito mais na pele do «conservador» de livros a que sucedeu, do que na pele do dinamizador da leitura pública. Tudo isto faz com que as nossas bibliotecas sejam mais depósitos de livros do que centros de irradiação de cultura. «A vida não passa lá», comenta Tabet referindo-se a algumas destas bibliotecas que visitou.

Porém, nem todas as culpas da atitude tecnocrática podem ser assacadas ao bibliotecário. Ao

O País por dentro

Há crianças com fome

O que vai pelo País?

Os pequenos-grandes problemas das populações são muitas vezes abafados pelas grandes-pequenas questões que se põem nos corredores do Poder e dos partidos.

Uma imprensa regional de valor discutível, é certo, faz a par dessa situação o relato de muitos dos quebra-cabeças que se colocam aos portugueses. O interesse desse noticiário é indiscutível, mesmo contando como factores políticos e ideológicos que condicionam quase todos esses meios de Comunicação Social.

O «DL» propõe-se iniciar já hoje uma secção semanal visando dar aos seus leitores uma perspectiva do País, por dentro, partir daquilo que se lhe for deparando em milhares de páginas publicadas um pouco por todo o País.

A importância dessas páginas é tanto maior quanto elas têm frequentemente uma audiência razoável em meios que de todo não têm acesso aos jornais de circulação nacional. Dar-lhes espaço aqui é ampliar-lhes a voz, potenciando os seus efeitos, porventura facilitando a abertura de soluções.

Os infantários de Barcelos, por exemplo, «para além de caros, não chegam para as encomendas». Uma questão nacional, sem dúvida, que ali assume aspectos bem mais graves: «Tomamos conta de crianças que estão esmoreadas.»

«Barcelos Popular»: morriam de fome

A questão dos infantários que faltam e são caros é veiculada pelo «Barcelos Popular», no seu número do dia 10. O texto inclui uma tabela de pagamentos para as crianças num dos infantários locais.

Um agregado familiar com o rendimento per capita de 2500 escudos pagará, por exemplo, 470 escudos por uma criança entregue aos cuidados diários do «Infantário do Campo 25 de Abril», e diz-se, a propósito, que «algumas crianças têm deixado os infantários por os pais não poderem suportar as despesas».

Vejamos alguns aspectos do texto:

«A educação infantil pré-escolar em Barcelos é um dos mais graves problemas sociais. As creches e os infantários que há na nossa cidade e concelho são poucos, não funcionam da melhor forma e tornam-se caros para a maioria das famílias.

«Muitas crianças não são, por isso, educadas em casas próprias e vão para uma ama, um familiar, quando não têm sorte pior. As que conseguem um lugar num infantário podem-se considerar beneficiadas. Mas mesmo assim, há infantários para pobres, para remediados e para ricos.»

E mais à frente:

«Tomamos conta de crianças que estão esmoreadas. Se não viessem para cá morriam de fome. Temos até um caso de uma criança de dois anos que quando veio para cá não andava devido a carências alimentares graves», este o desabafo da directora do «Infantário do Campo 25 de Abril» que pertence ao Ministério dos Assuntos Sociais.»

«Barlavento»: mais um alerta

A população de Caldas de Monchique está pouco contente porque o Governo resolveu vender as suas terras, até então administradas pela Enatur. O «Barlavento», que se publica em Portimão, no seu número de 17, dá conta do que por lá vai.

A venda das terras não vem só. A mesma região debate-se com um intenso apetite da NATO para lá instalar uma base de telecomunicações.

Diz assim, o «Barlavento», em texto assinado por José Sampaio:

«Depois de ter posto à venda o estabelecimento termal das Caldas de Monchique, administrado pela Enatur, o que tem sido energeticamente contestado pela população e já originou uma moção aprovada na Assembleia Municipal (e pergunta-se: com que direito o Governo se arvora em vendedor da Terra de Monchique, desde tempos remotos património da talda?), o Governo ensaia nova investida — desta vez com a prevista autorização de uma base de telecomunicações da NATO, na Fóia.

«Aliás, não é de agora essa apetência, da NATO pelo Algarve. Ainda recentemente, estarão os leitores lembrados, falou-se da instalação de um porta-aviões na baía de Lagos, facto que o nosso jornal oportunamente divulgou e criticou veementemente.»

«Vida Ribatejana»: flamingos e seca

Vila Franca de Xira tem um serviço meteorológico regional com base na natureza, segundo afirma Alexandra Riido em artigo publicado na «Vida Ribatejana» de ontem.

«Sabe-se em Vila Franca quando vem seca ou inverniza» — titula-se explicando os comos e os porquês:

«A região de Vila Franca de Xira é um período «centro meteorológico» a médio prazo para os mais atentos. É à volta da nossa vila, com efeito, que se poderá prever, no fim do Outono, que Inverno vamos ter.

«Um dos melhores indicadores nesse sentido é o flamingo, essa ave penitente que acidentalmente nos visita, em bandos organizados, vinda do Mediterrâneo, por vezes do centro da Europa.

«Se o Inverno promete ser rigoroso, esta subespécie (porque de uma subespécie de flamingo se trata, de facto), dá à asa para climas mais tropicais, mais prometedores ao seu tipo de plumagem e à temperatura do seu corpo. Se o seu sangue sente que o Outono se prolonga, com aberturas de sol, então o flamingo fica, adiada a sua partida.

«Não há, pois, que espantar face ao bom tempo que se faz sentir. Essa «previsão» foi aguentada pelos flamingos até há bem poucos dias, como os mais atentos terão verificado ao longo do Tejo, com particular incidência na área de Vila Franca de Xira.»

A arte de bem desperdiçar livros

Continuação da pag. 9

longo de décadas, foi considerado e remunerado como um terceiro oficial. Isto apesar de lhe ser exigido um curso superior — qualquer um servia, desde a licenciatura em Letras à licenciatura em Matemática ou Economia — acrescido dum curso complementar de dois anos, só ministrado em Coimbra, o curso de Bibliotecário-Arquivista, criado em 1935!

Só escolhia o curso de Bibliotecário-Arquivista em geral quem não tinha necessidades materiais imediatas e dispunha dum certo desafogo económico. Pelo que predominava entre estes profissionais um estrato social elevado e afastado das camadas mais desfavorecidas da população, que não têm possibilidades de estudar nem poder de aquisição de livros, e que, portanto, são as mais carecidas de leitura pública.

Só em 1979, depois de algumas lutas, os cerca de 300 bibliotecários-arquivistas portugueses viram publicado o decreto-lei que os equiparava a técnicos superiores do Estado.

Maria José Moura fala esperançada da nova geração destes profissionais que já não frequentará o curso de 1935. Outro curso de especialização vai ser criado.

Imaginação, vontade e meios, naturalmente

Um factor de muito peso no afastamento das populações em relação ao livro e a que autarcas e bibliotecários são alheios é a influência dos meios audiovisuais. Mas há sempre possibilidade de uma contra-acção,

assim o prova a dialéctica. Sobre isto Tabet explica: «É preciso ter imaginação, vontade e, claro, meios de pôr em prática o que se imagina.»

Ex-bibliotecário da região de Paris, onde desenvolveu uma importantíssima acção neste domínio, há dois anos que Jean Tabet dirige a biblioteca municipal de Gardannes (cidade mineira dos arredores de Marseilha), provisoriamente instalada num pré-fabricado. «Senti necessidade de regresso à base», afirma. A média de frequência desta biblioteca e de empréstimo de livros para leitura domiciliária vem subindo. Como conseguiu atrair a população?

«Bati-me como um cão» responde e descreve um dos «expedientes» a que recorreu. Na praça do bairro «mais operário» de Gardannes, mandou colocar mesas com os melhores livros da biblioteca. «Sem medo de os perder», diz. À frente da mesa com os livros, uma senhora tocava violino. Quando as pessoas começaram a sair de suas casas atraídas pela música alguém ao microfone lhes explicava que os livros expostos podiam ser lidos e devolvidos à biblioteca. E foram-no. Para muitos operários de Gardannes e seus familiares a esse primeiro contacto ao ar livre com a biblioteca municipal outros se seguiram.

Na biblioteca definitiva de Gardannes, cujo plano, traçado por um arquitecto com as indicações de Tabet, já está pronto, o espaço será aberto, organizado por desníveis e paredes de vidro, sem barreiras. Os utentes da biblioteca não perderão nunca, assim, de vista, os livros mesmo quando se dirigirem à secção de

audiovisuais, à discoteca ou à artoteca (divisão de «convívio» com obras de arte que incluirá também serviço domiciliário).

«A utilização do vídeo», acrescenta o bibliotecário francês, «tem benefícios desde que a pessoa se mantenha em contacto com o livro. Utilizar o vídeo também passa pelo momento da escolha e o utente não será mais em casa um telespectador passivo».

Tabet destaca ainda a importância da leitura pública no movimento democrático, constituindo um meio de informação e formação dos trabalhadores em geral e, nomeadamente, dos que estão integrados, por exemplo, em comissões de autogestão ou investidos em funções que lhes exigem formação complementar à que receberam na escola.

Maria José Moura salienta por sua vez que seria de toda a conveniência que as autoridades portuguesas tomassem consciência de que a leitura pública é um meio de justificar à posteriori os milhões de contos investidos no ensino. Os que concluem ou abandonam o sistema escolar tornam-se analfabetos funcionais se não prosseguirem o contacto com a leitura e a escrita, ficando assim sem sentido as verbas despendidas com a sua escolarização. É aí, na prossecução desse contacto que a biblioteca e a leitura pública têm um papel fundamental a desempenhar.

«É preciso aumentar os subsídios e, por todos os meios, dinamizar a leitura pública», conclui Maria José Moura. «É preciso também que os autarcas incluam nos seus programas eleitorais esse capítulo e cumpram.»

Leitura pública: uma relação entre a criação e o público

Os subscritores do Manifesto começam por definir o conceito de leitura pública: «Por leitura pública deve entender-se o estabelecimento de uma relação entre a criação e o público, com uma dupla finalidade, cultural — possibilitar o acesso de todas as camadas da população às fontes de conhecimento nas suas diversas formas, e social — contribuir para a afirmação do indivíduo na comunidade, conferindo-lhe a possibilidade de exercer plenamente o acto de escolher.»

Para alcançar esses objectivos as bibliotecas públicas têm de cobrir de modo equilibrado todo o universo do conhecimento e atingir o conjunto das populações sem quaisquer discriminações. A leitura infantil deve ser naturalmente integrada nos serviços a prestar pela biblioteca.

Depois de resumirem as características das bibliotecas portuguesas, (más instalações, frequência de «eleitos» apenas, falta ou escassez de verbas, inexistência de actividades de animação), os subscritores do Manifesto concluem que não há em Portugal «um verdadeiro sistema de bibliotecas públicas» mas sim «um conjunto de instituições mortas, sem qualquer tipo de relação entre si ou com o meio».

E apontam o que consideram urgente que se faça: «é inadiável definir como responsável pela elaboração participada de uma política nacional de leitura pública e pela articulação das acções a empreender um orga-



Escolher o livro que se lê: um meio de afirmação que só com a dinamização da leitura pública e o livre acesso às estantes das bibliotecas se pode concretizar

nismo já existente ou a criar, no âmbito do Ministério da Cultura». Tal organismo deve apoiar as autarquias locais às quais competirá «mais que nunca» o papel fundamental em matéria de bibliotecas públicas. É também urgente a elaboração de legislação

específica das bibliotecas públicas. No âmbito da BAD deverá ainda ser criado um **Grupo de Bibliotecas Públicas** para aprofundar a problemática relativa à formação básica e permanente do pessoal.

Manuela Alves

NÃO À ILEGALIDADE DO GOVERNO

A PRODUÇÃO EXIGE QUE TRABALHEMOS EM CLIMA DE TRANQUILIDADE

Os trabalhadores das UCP/Cooperativas Agrícolas de Santiago do Cacém reuniram-se em plenário dia 12 de Fevereiro em Alvalade-Sado, para discutir os problemas da produção e da defesa da Reforma Agrária. A produção está em perigo, as contrariedades resultantes da seca prolongada, pondo já em causa algumas culturas de Outono/Inverno e as próximas culturas da Primavera, como é o caso do arroz, junta-se a contínua actividade ilegal do governo para destruir as UCP/Cooperativas.

Da parte dos trabalhadores das UCP/Cooperativas de Santiago do Cacém tudo será feito para salvar as culturas em curso e apontar desde já como saída para a seca, para culturas de Primavera em alternativa. As culturas de Outono/Inverno e as de Primavera que se avizinham, traduzem grandes investimentos monetários dos trabalhadores, postos de trabalho a garantir e elevado valor para a economia do país, que importa defender.

Da parte do Governo, prosseguir as suas actividades ilegais para tentar liquidar a Reforma Agrária é duplamente criminoso por ser inconstitucional e por lesar a economia do país, já tão abalada pela política da «AD» de autêntica destruição.

A Reforma Agrária e as UCP/Cooperativas são parte integrante do Portugal de Abril, que nenhuma força política pode destruir.

Numa altura em que o sentido patriótico a todos deve aconselhar o desenvolvimento dos maiores esforços para elevar a produção, o governo da extinta «AD» teima em pretender liquidar o que nos resta.

É a sua política ilegal e criminosa de destruição económica que dizemos não! Os trabalhadores e o país, não permitirão que o Governo continue a destruir os valores e a riqueza que tanto custaram a criar, só porque a sua política é oposta ao 25 de Abril e aos interesses do Povo Português.

Queremos produzir, melhorar e aumentar a produção. Precisamos de trabalhar em clima de tranquilidade. Temos direito a ser respeitados e a exigir, com a força da nossa razão e da justiça, que termine a repressão e seja reposta a legalidade democrática no sector da Reforma Agrária.

Não permitiremos que o governo AD deposto, até pelo facto de ser apenas governo de gestão, continue a não cumprir a própria lei e a passar por cima das decisões do Supremo Tribunal Administrativo favoráveis às UCP/Cooperativas do Distrito de Setúbal.

Pela Produção! Pela Reforma Agrária! Pelo Trabalhador!
Queremos a reposição da legalidade democrática!
Pela Reforma Agrária e pela Democracia!

Aprovado por unanimidade pelo Plenário das UCP/Cooperativas de Alvalade-Sado



**SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DE SEGUROS
DO SUL
E ILHAS**

CONGRESSOS



II CONGRESSO e CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO

ALTERAÇÃO de DATAS

Em virtude da realização de eleições legislativas em 25 de Abril do corrente ano, tendo em conta que os nossos Congressos foram convocados para datas que vieram coincidir com as vésperas daquela manifestação cívica e ponderados os inconvenientes daí resultantes, foram alteradas as datas da realização dos mesmos Congressos para:

II CONGRESSO - dias 13 e 14 de Maio de 1983
CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO - dia 15 de Maio de 1983

Mantem-se o local, no Hotel Altis em Lisboa, bem como a Ordem de Trabalhos.

O Presidente do Conselho
Geral

Jaime Sampaio Louro

(Jaime Sampaio Louro)

Vidreiros da Fontela vão agudizar formas de luta

● *Desobstruída a linha férrea ontem cortada pelos trabalhadores*

Os trabalhos de desobstrução da linha férrea entre Coimbra e Figueira da Foz ficaram concluídos a noite passada. Aquele troço ferroviário havia sido cortado de manhã por trabalhadores da empresa Vidreira da Fontela, em protesto contra a não convocação pela

Secetaria de Estado da População e Emprego de uma reunião para hoje entre as várias entidades ligadas ao problema da viabilização económica da empresa.

-Centro, em Coimbra, e a delegação daquela secretaria de Estado na Figueira da Foz, desde o meio da manhã até ao fim da tarde.

Entretanto, em plenário realizado ontem à noite, os trabalhadores deliberaram agudizar as formas de luta, a partir da próxima segunda-feira.

Nesse dia, serão decididas em plenário as acções concretas a desencadear, mas um porta-voz da comissão de trabalhadores (CT) afirmou que essas acções serão do género das que foram efectuadas ontem.

A linha férrea entre Coimbra e Figueira da Foz encontra-se, entretanto, protegida uma ex-

tensão de alguns quilómetros, junto à Vidreira da Fontela, por efectivos da GNR e da PSP, com o objectivo de impedir novos cortes na circulação.

Os cerca de 650 trabalhadores da Vidreira da Fontela, que se encontram há dez meses sem receber salários, fizeram um apelo ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, para que intervenha no sentido de ser encontrada uma solução para o problema.

Os trabalhadores acusam o Governo de estar mais preocupado em discutir estratégias eleitorais do que em resolver os problemas da população.

Num documento aprovado

em plenário, o pessoal da vidreira afirma que «o silêncio manifestado pelo Governo sobre a situação da empresa foi apenas quebrado quando ordenou à Polícia de Intervenção para avançar sobre os que lutam pelo direito ao trabalho».

Os trabalhadores exigem o cumprimento de um contrato de viabilização elaborado pelo BPA e que esta instituição bancária se recusou a cumprir. Com efeito, só a viabilização económica da empresa, através da concessão urgente de verbas, poderá permitir o pagamento dos salários em atraso e assegurar os mais de 600 postos de trabalho.

Com falências sucessivas

Sector têxtil em risco de destruição total

— afirmado ontem em conferência de Imprensa

«O sector têxtil atravessa uma situação dramática que o pode conduzir à destruição em favor dos grandes grupos económicos e das multinacionais», foi ontem afirmado em conferência de Imprensa realizada na Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, no Porto.

Segundo dados fornecidos por dirigentes daquela organização e referentes a um levantamento feito relativamente a 1982, 700 trabalhadores com contratos a prazo foram despedidos em seis empresas apenas — Sotex, Mondex, Uniteca, Jacinto e Francisco Fino; outros 40 foram lançados no desemprego, vítimas de despedimentos colectivos em duas empresas; e mais 2000 estão também no desemprego, em consequência da falência de 31 empresas.

Por outro lado, mais de 90 empresas, com um total de 16.000 trabalhadores, devem cerca de 520 contos de subsídios de férias, 13.º mês, salários e retroactivos. Entretanto, 30 empresas, com cerca de 7500 traba-

lhadores, enfrentam crescentes dificuldades económicas e financeiras, correndo o risco de, a curto prazo, terem de encerrar as suas portas. Estão nesta situação, conforme foi sublinhado, as empresas T. Lopes Correia; Sociedade Mercantil do Minho, CIFA, Gitextil, Ernesto Cruz e o grupo Wandschneider, entre outras.

Apesar de todas estas dificuldades, os dinheiros públicos quase nunca terão servido para minorar os problemas dos trabalhadores. De 1980 até agora, por exemplo, 50 empresas do sector têxtil receberam 800 mil contos da Secretaria de Estado do Emprego, mas, não havendo qualquer controlo sobre a sua aplicação, os dirigentes sindicais consideram que tal quantia terá sido desviada para os mais diversos fins.

Solução so com uma nova política

«Os sucessivos governos, desde 1976, (...) têm-se limitado

a ceder aos objectivos do grande patronato e das multinacionais, como o provam o estudo encomendado à empresa norte-americana Werner, em 1977, e o recente projecto de lei-quadro de reestruturação do sector têxtil, elaborado pelo Governo AD, com base nas conclusões e nas receitas preconizadas por aquela empresa» — lê-se num documento fornecido aos jornalistas

Contra os «rasgados elogios do Governo à capacidade empreendedora da iniciativa privada», um caso elucidativo foi apresentado pela Federação Têxtil: o da CIFA. Entregue aos Mellos em 1979, com um passivo que rondava os 800 mil contos, a CIFA está hoje com aquele valor estimado em 1500 mil contos. Quase o dobro.

Mais: «Apesar dos apoios concedidos pela banca, através de contratos de viabilização e outros, na ordem das centenas de milhares de contos, e da Se-

cretaria de Estado do Emprego que, só em 1980 foi de 74 mil contos, não houve qualquer recuperação da empresa, mas sim o seu agravamento». Os seus trabalhadores estão sem salários desde Outubro.

Enquanto isto, «os Mellos continuam a fazer exigências». Designadamente «que a banca

transforme em capital social a quase totalidade do seu crédito (650 mil contos), mobilização de títulos de indemnização na ordem dos 100 mil contos e, ainda, que a Caixa de Previdência subscreva acções no valor de

250 mil contos, mantendo-se os senhores absolutos na gestão da empresa que é já, quase totalmente, pertença do capital público».

No final foi afirmado que «só há solução para os problemas do País com uma nova política económica definida com os trabalhadores e não contra eles».

Queda da AD criou condições para uma viragem política tendente a resolver os problemas nacionais

— afirma o Secretariado Nacional da CGTPIN

O Secretariado Nacional da CGTPIN, numa resolução aprovada na sua última reunião, considera que a dissolução da Assembleia da República e a marcação de eleições antecipadas «constitui a formalização duma importante vitória da democracia e de todos aqueles que se batem pela liberdade e progresso do nosso povo».

O documento afirma que a relevância dessa vitória pode ser avaliada se se tiver em consideração que «os trabalhadores conseguiram demonstrar que só é possível encontrar soluções para os problemas nacionais com eles e não contra eles»; que «a queda do Governo da AD provocou uma crise irreparável

nesta coligação e nos próprios partidos que a constituem»; e que se criaram «condições para tornar possível uma viragem política capaz de enfrentar e tentar resolver os problemas dos trabalhadores e do País».

A CGTPIN considera, neste momento, como «objectivo prioritário e central» do movimento sindical «a derrota das forças de direita nas próximas eleições» para que estas «sejam afastadas do Poder e se constitua uma maioria democrática que, reflectindo os anseios dos trabalhadores, consolide e prossiga o Portugal de Abril».

Depois de manifestar o propósito de prosseguir a luta pela defesa dos interesses dos traba-

lhadores, a central sindical considera fundamental uma «fiscalização rigorosa sobre os actos do Governo, de forma a que seja respeitada e reposta a legalidade, sejam satisfeitas as reivindicações dos trabalhadores e garantida a democraticidade das eleições».

O documento considera que, na actual situação política, a realização do 4.º Congresso da CGTPIN «constitui um acontecimento de relevante importância na vida nacional», já que ele será «um factor de influência decisiva na criação de condições para a necessária e indispensável viragem política nas próximas

eleições, e na definição duma nova política democrática, que assenta nas conquistas do 25 de Abril e na independência nacional e que resolva os problemas dos trabalhadores e do País».

O Secretariado Nacional da CGTPIN exorta finalmente todas as organizações representativas «filiais ou não» na central sindical a participarem activamente na realização do Congresso, «esclarecendo e mobilizando os trabalhadores, discutindo com eles as orientações do Congresso, propondo soluções, e condições que demonstrem o patriótico desejo dos trabalhadores de solucionar os problemas nacionais».

Tecto salarial caiu na construção civil

● *Aumento de 25,5 por cento e redução do horário de trabalho*

Os trabalhadores da construção civil e obras públicas romperam ontem o tecto salarial do Governo AD, ao conseguirem 25,5 por cento de aumentos na revisão do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) do sector.

O acordo ontem assinado pelas partes foi obtido em negociações directas entre os representantes sindicais e o patronato. O CCTV das indústrias de construção civil e obras públicas abrange cerca de 250 mil trabalhadores.

Os aumentos das tabelas sala-

ria e do subsídio de refeição foram de 21 por cento, com efeitos a partir de 1 de Janeiro e uma vigência de 12 meses. Foi igualmente acordada uma redução de horário de trabalho para 42 horas e meia nos meses de Janeiro, Fevereiro, Novembro e Dezembro.

Os trabalhadores conquistaram também regalias no campo da higiene e segurança no trabalho, criação de novas profissões e categorias profissionais e subida de um grupo de várias profissões.

Sector dos transportes reúne-se com ministros

Os ministros do Trabalho e dos Transportes e os respectivos secretários de Estado e a Comissão Coordenadora das Organizações Sindicais do Sector dos Transportes vão reunir-se na segunda-feira, no Ministério do Trabalho, a fim de analisarem e discutirem uma proposta que visa a resolução dos conflitos laborais existentes na CP, Metropolitano e Carris.

Os trabalhadores das três empresas lutam pela revisão justa dos seus acordos de empresa, defrontando, na Carris e na CP, a intransigência negocial do Governo e dos conselhos de gerência, que lhes pretendem impor um tecto salarial de 17

por cento. No Metropolitano as negociações ainda não tiveram início.

SALDOS
ESTA SEMANA
PREÇOS
MAIS BAIXOS

MODAS

CAMISEIROS SEDA

980\$00 - 1200\$00

CAMISEIROS VOILE LÃ

850\$00

FATOS 2 PEÇAS

1200\$00 - 3000\$00

VESTIDOS LÃ..... 980\$00

CALÇAS VELUDO LÃ..... 990\$00

CASACOS PELE

FORRADOS

4980\$00

HOMEM
MULHER

SECÇÃO HOMEM:

CASACOS PELE FORRADOS

4980\$00

CAMISAS 330\$00 - 495\$00

BLUSÕES ★ MALHAS

ETC., ETC.

RUA DO CARMO, 37 — LISBOA

Pretória confirma oficialmente reatamento do diálogo com Luanda

Qualquer coisa de muito importante (porventura decisivo) está a acontecer na África Austral. Ontem o MPLA-PT começou os trabalhos do seu primeiro congresso extraordinário, oficialmente para «analisar a situação económico-financeira do país». Contudo e, em face do que a seguir vamos noticiar, esta reunião, orientada pelo presidente José Eduardo dos Santos, poderá abordar (é uma especulação) a questão da Namíbia, pois, quando o chefe da RPA assumiu plenos poderes fê-lo para ter as mãos livres com vista às conversações com a África do Sul. Além disso, é impossível discutir a situação económico-financeira da RPA sem entrar em linha de conta com a guerra com Pretória.

Segundo a agência France-Presse, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, anunciou oficialmente que em breve recomençarão as conversações entre Pretória e Luanda sobre o cessar-fogo na Namíbia. Acrescentou que uma delegação sul-africana, chefiada pelo director-geral do MNE sul-africano, Van Dalsen, partirá já na próxima semana para Cabo Verde. Mas Pik Botha declarou estar pouco optimista em relação ao final das negociações, devido a certas coisas que a África do Sul agora soube. A mesma agência anuncia ainda que o porta-voz militar das Forças Sul-Africanas na Namíbia disse que as conversações serão reatadas dentro de dias. Esse porta-voz desmentiu, por outro lado, que o acordo de cessar-fogo ontem anunciado pelo jornal «The Washington Post» estivesse a ser aplicado, o que constitui uma confirmação da sua existência.

A imprensa sul-africana afirma que o chefe da delegação de Pretória será o embaixador da África do Sul em Washington, Brandt Fourie, o qual sairá dos EUA nos próximos dias de pro-

pósito para se dirigir a Cabo Verde. Esta informação contradiz a de Pik Botha.

Por seu lado, a ANOP invoca, em telegrama do fim de dia de ontem, notícias de origem sul-africana e norte-americana para afirmar que está para breve o reatamento das conversações. A ANOP acrescenta que jornalistas ocidentais fixos em Lisboa procuraram ontem obter vistos da Embaixada de Cabo Verde para se deslocarem àquele país africano.

Também é profundamente significativo que os países da Linha da Frente se reúnam, amanhã, na capital do Zimbábue, segundo informa a ANOP, que conheceu o facto através de fontes diplomáticas.

A ANOP recorda que a cimeira se realiza num momento considerado por observadores como decisivo para a fase em que actualmente se encontra o processo de independência da Namíbia, prevista ainda para 1983.

Desde a sua mais recente cimeira, em Agosto na capital da Zâmbia, foram também abertas conversações de Moçambique e Angola com a África do Sul, que deverão ser um dos temas a abordar em Harare.

Mísseis e armas químicas

Entretanto, chegam notícias alarmantes sobre o rearmamento da África do Sul. O secretário-geral do Congresso Nacional Africano, Alfredo Nzo, actualmente em Roma, declarou ontem ao órgão do PCI, «L'Unità» que os EUA planeiam colocar mísseis de médio alcance na África do Sul, os quais constituirão logicamente uma terrível ameaça para os países independentes vizinhos.

Segundo Nzo, os mísseis são a última tentativa de Pretória para salvar o regime do «apartheid». Esta notícia parece-nos da maior importância, uma vez que essa poderá ser a contra-proposta «secreta» da África do

Sul para aceitar a solução namibiana propugnada (pelo menos na aparência) e Washington.

Por sua vez, a ANOP anunciou, através da ANOP, em telegrama provindo de Lusaka, que a África do Sul mantém um centro experimental de armas químicas, perto da cidade de Louis-Trichardt, numa região onde o território sul-africano penetra profundamente no dos países vizinhos. Para basear a sua notícia, a AGNGOP cita a revista «Ressistir», de uma «Comissão Sul-Africana de Resistência Militar» acrescentando que o centro representa um perigo para Moçambique, Zimbábue e Botsuana: um simples escoamento poderá fazer com que o vento transporte milhares de milhões de bacilos patogénicos para esses países. Citada revista «Resistir» admite mesmo que os surtos de cólera, peste bubónica e tifo, surgidos nos últimos 18 meses, em povoações do interior da África do Sul, tenham sido consequência de ensaios secretos com armas biológicas.

A revista, que considera o Centro de Louis-Trichardt, como o mais importante do género na África do Sul, refere-se ainda à «Escola de Defesa Antinuclear, Química e Biológica», da Marinha sul-africana localizada no monte Red Hill, perto da Base Naval de Demonstown, como um local onde se realizam intensas investigações com vista à criação de novas armas biológicas.

No Exército sul-africano foram já tomadas medidas para treinar parte do pessoal a efectuar operações militares em regiões afectadas por armas biológicas ou químicas, estando simultaneamente a ser modernizado, também, nesse sentido, o material de guerra.

Grupo de Contacto defende África do Sul

A comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas aprovou, sexta-feira à noite, em

Genebra, quatro resoluções que condenam a África do Sul devido à sua política racista.

Uma das resoluções, aprovada por 30 países em vias de desenvolvimento e socialistas e rejeitada por quatro países ocidentais (França, RFA, Grã-Bretanha e Estados Unidos) pede ao FMI que não conceda empréstimos à África do Sul. A resolução teve as abstenções da Austrália, Canadá, Finlândia, Irlanda, Itália, Japão, Holanda e Filipinas.

O texto mais controverso solicita ainda, aos países que têm sedes de organizações multinationais que comerceiam com Pretória, que «ponham termo a essas actividades».

Uma outra moção, condenando a política sul-africana na Namíbia e condenando o regime de Pretória pelos «seus repetidos actos de agressão, cometidos a partir da Namíbia, contra os países africanos vizinhos», foi aprovada por todos excepto pelos cinco países ocidentais membros do Grupo de Contacto sobre a Namíbia (Estados Unidos, Canadá, RFA, França, Grã-Bretanha) que se abstiveram.

Explosão: 76 feridos

Setenta e seis pessoas, todas de raça negra, foram feridas (dezoito gravemente) na 6.ª feira nas instalações administrativas de Bloemfontein, num atentado à bomba atribuído pelo chefe da polícia sul-africana aos «terroristas» do Congresso Nacional Africano (ANC).

O atentado ainda não tinha sido reivindicado na 6.ª feira ao fim da tarde.

Numa declaração feita ao fim da tarde em Pretória, o general Mike Goldenhuys declarou que o ANC forneceu uma prova suplementar da sua determinação em atacar «pessoas inocentes».

Cheia de dívidas e desprestigiada

A UCD autoliquida-se

MADRID (do nosso correspondente do «DL» Fernando Jauregui) — A União do Centro Democrático, o partido que Adolfo Suárez fundou em Maio de 1977 e que permaneceu mais de cinco anos no Poder até ao passado dia 28 de Outubro ser estrondosamente derrotado pelos socialistas, foi um marco na história política europeia: ontem procedeu praticamente à sua autoliquidação, convertendo-se talvez no primeiro partido europeu a dissolver-se, por entre convulsões trágicas, só três meses depois de ter perdido umas eleições.

O rosto do demitido presidente do partido, Landelino Lavilla, ao anunciar ontem a intenção de a UCD convocar um congresso extraordinário para a dissolução, reflectia perfeitamente a situação: nascida do Poder — Suárez ocupava então a presidência do Governo, iniciando a transição para a democracia — e para o Poder — chegou a ter sete milhões de votos nas eleições de 1977, confirmando em 1979 o seu triunfo eleitoral —, a UCD foi incapaz de sobreviver depois de ter perdido esse poder.

Mescla de ideologias confusamente contrapostas — democratas-cristãos, liberais social-democratas, ex-franquistas populares —, faltava, no entanto, à UCD uma ideologia própria que não fosse o reformismo das estruturas, legadas pela ditadura e a lutas de cruzada moral, já

Neste sentido todos reconhecem hoje ao defuncto partido uma indubitável contribuição: convocou eleições gerais, iniciou o caminho para o Estado das autonomias, dotou a Espanha de uma Constituição moderadamente progressista, legalizou os partidos políticos, deu início a uma reforma fiscal e, finalmente, aprovou uma lei de divórcio, tudo isso no espaço de cinco anos, não sem provocar tensões com os chamados «poderes fácticos»: igreja, banca, forças armadas, confederação empresarial...

Mas todas as reformas se fizeram nos primeiros tempos, enquanto o populista e ex-franquista Adolfo Suárez permaneceu à frente do partido. A sua demissão, em fins de Janeiro de 1981, juntamente com o choque da parte mais conservadora da própria UCD, é o princípio do fim. No mesmo dia em que as cortes iam aprovar a transmissão de poderes ao seu sucessor Leopoldo Calvo Sotelo, uma tentativa de golpe de Estado anunciava que o tempo do temor havia começado. E o certo é que Calvo Sotelo foi um chefe de governo tímido perante os «poderes fácticos» já referidos, e aos quais Suárez tantas vezes desafiou. Sem grande energia, nem carisma, nem ideias, com vários erros, indisciplina e guerras ao Governo e a UCD começaram a caminhar à deriva, em uníssono,

três meses depois de a UCD, afogada em dívidas e desprestigiada, ter perdido as eleições gerais de um modo estrepitoso, passando de quase cinquenta lugares no Parlamento, para 12, e tendo perdido vários milhões de votos, a maioria delés para a direita Aliança Popular de Manuel Fraga. A demissão do Executivo de cariz democrata-cristão encabeçado por Lavilla e pelo secretário-geral, Juan António Ortega Díaz Ambrón, abre caminho a uma comissão gestora que se encarregará de liquidar, com dificuldade, as grandes dívidas do partido, e a convocar um congresso extraordinário que lhe dê, juridicamente, a certidão de óbito.

O desaparecimento da UCD terá indubitáveis consequências políticas. Ninguém duvida de que, a partir da próxima sexta-feira, se vai iniciar a corrida dos que diziam professar uma ideologia e ideologia democrata-cristã, para o Partido Democrata Popular do ex-militante ucedista Oscar Alzaga, que nos últimos meses trabalhou mais que ninguém pela morte da UCD, oferecendo cargos a militantes do seu ex-partido, desprestigiando nomes e protagonizando conspirações. Alzaga e o seu PSP mantêm uma coligação com a Aliança Popular, do Manuel Fraga, que é quem mais ganha com a liquidação da UCD.

Os resultados das próximas eleições locais, em Maio, poderão ser decisivos para a

mostrar que, de acordo com todas as sondagens que existe, tal como parece estar a acontecer em Portugal e noutros países europeus, a tendência dos votantes caminha para uma bipolarização, que em Espanha se chama AP por um lado e PSOE por outro.

No centro apenas fica a pequena formação do ex-presidente da UCD, Adolfo Suárez, chamada Centro Democrático e Social (nada a ver com o CDS português, excepto, por exemplo, nos seus postulados confessionais sobre o aborto) e o ainda mais pequeno partido liberal de António Garrigues. E, à esquerda, um Partido Comunista que luta por recuperar um espaço sindical e social que tinha ido esquecendo nos tempos da «viragem à direita» de Santiago Carrillo.

O desaparecimento da UCD terá, para mais, conotações internacionais: reconhecia-o ainda esta manhã, falando de Lisboa para a Rádio Nacional, o encarregado das relações externas da Aliança Popular, Guillermo Kirkpatrick, que se encontra na capital portuguesa a fim de assistir à reunião da União Democrática Europeia (UDE) do qual a UCD era até agora observadora. A Aliança Popular nem esperou pela liquidação formal da UCD para a substituir nas instâncias europeias, em busca de uma «homologação» internacional que o partido de Fraga ainda não conseguia alcançar.

q semana

Os novos caminhos que vão dar a Ali

Tal como seria de prever, face às dificuldades que a Administração Reagan enfrenta para impor a sua concepção «zero» sobre euromísseis, vão-se sucedendo as provocações contra os países socialistas. Cada vez surgem mais «espíes do Leste» a operar em países muito amigos de Ronald Reagan. O presidente dos EUA, por sua vez, procura reacender a fogueira do Papa e da Bulgária.

Primeiro, enviando, através do seu vice, George Bush, uma carta ao governo italiano, para lhe solicitar que fosse até ao fim das investigações sobre a «pista búlgara», mesmo que isso implicasse pôr em causa o secretário-geral do PCUS, Yuri Andropov, o qual, como se sabe, era o chefe do KGB (considerado como «patrão» dos serviços secretos búlgaros) na altura em que se verificou o atentado contra o Papa em Roma (Maio de 1981).

Agora, perante uma audiência ultraconservadora em Washington, Reagan parece ter corrigido a sua fé protestante, para dizer que «atentar contra o Papa é atentar contra Deus» (solicitam-se achegas teológicas para avaliarmos a enormidade destas palavras em boca de protestante), como preâmbulo à afirmação de que João Paulo II foi vítima de uma conspiração internacional e de que o governo italiano deve ir até ao fim das suas investigações, durante as quais tem demonstrado uma invejável coragem. Na mesma reunião, o secretário de Estado, George Schultz, acusou a Bulgária de apoiar o terrorismo internacional e acrescentou não existirem nenhuma perspectiva de melhoria das relações entre Washington e Sófia.

Estas afirmações Reagan-Schultz dirigiam-se, em parte, àquele específico auditório ultra, que anda a ficar descontente com a «moderação» da actual Administração. Mas não podemos esquecer que estas provocações contra os países socialistas devem inserir-se no contexto geral da presente hora, em que Washington multiplica a sua agressividade contra os Estados progressistas (ex: o campo da Líbia). Também não devemos esquecer que os EUA estão interessadíssimos em colocar os «euromísseis» na Europa, e que, portanto, têm de elevar a paragem anti-socialista ao mais alto nível.

Refiramos a propósito que, na última edição da revista «Problems of Communism», se dizia claramente isto: «só a invasão da Polónia por tropas soviéticas poderia destruir os movimentos pacifistas europeus» (movimentos que, como se sabe, constituem a grande ameaça à colocação dos «euromísseis»). Pessoalmente, entendemos que, falhada a hipótese dessa «invasão», os EUA estão agora a lançar mão de outras acusa-

ções contra a comunidade socialista e não tencionam largar o «bolo búlgaro»

Contudo, há cascas de banana que surgem na hora e no local menos esperados. A imprensa ocidental e os políticos da NATO decerto não irão explorar um acontecimento que, bem seguido, poderá vir a fazer com que o feitiço se vire contra o feitiço a tal ponto que Reagan se arrependa para toda a vida da sua querida «pista búlgara».

O caso, decerto, não inoportunamente mantido em segredo desde o dia 11 de Janeiro, vem narrado, com certo pormenor, na revista norte-americana «Time», agora chegada a Portugal e que traz a data de 21 de Fevereiro.

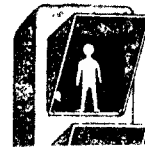
Klein Haugsdorf

No dia 11 do mês passado, um camião de matrícula austríaca passou pelo posto fronteiriço austriaco de Klein Haugsdorf, na fronteira austro-tchecoslovaca. Segundo o seu condutor, transportava-se ali dentro 15 mil munições providas da vizinha Checoslováquia. Os guardas alfandegários — não se explica porque — decidiram, contra todas as expectativas, fazer uma inspecção à carga. Então concluiu-se que além das munições, havia no camião 306 CZ-75 e CZ-70, checoslovacas, 2 pistolas Beretta de fábrica italiano, e sete Dragunov soviéticas, arma semiautomática de calibre 7.62 com mira telescópica e de impressionante precisão. Consideradas ilegais, as armas foram apreendidas e os ocupantes do camião, presos. Um desses presos era um negociante de armas austríaco chamado Hort Gillmayer, cuja licença de importação de armas foi utilizada em 9 de Julho de 1980 para comprar 22 Browning de 9 mm, uma das quais foi a arma utilizada por Ali Agca para o atentado contra o Papa, em Roma.

Que acontece depois? Grillmayer diz às autoridades austríacas que comprou as armas soviéticas por encomenda do cidadão de Munique, na República Federal da Alemanha, Paul Saalbach. Quando os austríacos finalmente descobriram Saalbach, ficaram espantados, ao saberem que esse indivíduo pertence aos serviços secretos Oeste-Alemaneses...

Concluiu-se que as espionagens soviéticas w9as primeiras daquela modelo a chegarem ao Ocidente) se destinavam a um grupo terrorista, ao serviço dos serviços secretos oeste-alemães ou, por intermédio destes, de outros (quais? serviços secretos ocidentais).

Os austríacos deram com a língua nos dentes. E disseram que só tinham falado, porque os oeste-alemães não os haviam avisado previamente de



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Dossier Barbie • Dossier Barbie • Dossier Barbie • Dossier Barbie • Dossier

Os EUA recusaram-se durante e a França conhecia o seu

Serge Klarsfeld

Antes de ter reclamado a extradição de Klaus Barbie à Bolívia, em 1972, a França reclamara-a já oficialmente aos Estados Unidos.

A 21 de Agosto e a 12 de Setembro de 1945, o juiz de instrução do Tribunal Militar permanente de Lyon emite dois mandatos de captura contra Barbie, chefe da Gestapo de Lyon. A 16 de Abril de 1948, o capitão Poignet, juiz de instrução militar, pergunta ao director do Serviço de Investigação dos Criminosos de Guerra onde se encontram as investigações relativas a Barbie. Aquela autoridade responde-lhe a 3 de Maio de 1984 (n.º CB/52784-4599) que o endereço de Barbie fora descoberto mas não informa qual é.

Em Agosto de 1948, um inspetor da brigada de vigilância do território de Lyon, comunica ao capitão Poignet a existência duma fotografia de Barbie e informa-o de que ela provém do comandante Gonnot, juiz de instrução do Tribunal Militar de Paris, que fora encarregado de recolher o testemunho de Barbie sobre o caso Hardy, por carta rogatória.

A 23 de Agosto de 1984, o comandante Gonnot co firma ao capitão Poignet que está de posse do testemunho, acrescentando que as autoridades americanas se recusam a entregar Barbie por razões de defesa nacional dos Estados Unidos.

Barbie foi efectivamente interrogado em zona americana por carta rogatória do comandante Gonnot com consentimento, por parte dos americanos, de um tal tenente Whiteway. O interrogatório decorreu em três sessões sob a condução do comissário Louis Bibes: uma vez em Frankfurt, a 14 de Maio de 1948, durante uma hora, nas instalações oficiais americanas; duas vezes, a 18 de Maio e a 16 de Julho de 1948, numa moradia localizada entre Augsburg e Munique, em presença de dois funcionários americanos, tendo a última entrevista durado das 10 horas às 3 da manhã.

O persistente capitão Poignet

O capitão Poignet elabora um processo regular de pedido de extradição e envia-o a Baden-Baden, a 25 de Novembro de 1948, com o n.º 2058/P.

Por sua vez, a 13 de Maio de 1949, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês tenta intervir: pede a Saint-Hardouin, embaixador e conselheiro político junto do comandante-chefe francês na Alemanha, que intervenha junto do conselheiro político americano e lhe faça saber o alto interesse do Governo francês da devolução de tal indivíduo. Acrescenta que Barbie é na verdade, um notório criminoso de guerra. De resto, figura com o n.º 239 na lista n.º 1 elaborada pela Comissão das Nações Unidas para os crimes de guerra em Londres.

A 12 de Agosto de 1949, o presidente capitão Poignet contacta de novo Baden-Baden: pode ou não a prisão de Barbie consumir-se rapidamente? A 26 de Agosto de 1949, Baden-Baden responde que, de acordo com as informações oficiais, Barbie encontra-se em zona americana, em Kempten, na Baviera, Schiller Strasse, 7; que se está a tentar confirmar essas informações e que logo que Barbie seja descoberto a sua extradição será pedida (Jus/CG53/n.º 6634).

Entretanto, a 28 de Julho de 1949, o secretariado administrativo para procura dos criminosos de guerra no âmbito da divisão de justiça de Baden-Baden, re-

presentado pela assinatura de Schmelck, faz o ponto da situação ao comissário-geral dos assuntos alemães e austríacos. (Jus/CG 41/n.º 6181):

Creio ser meu dever chamar respeitosamente a sua atenção para o facto de Barbie gozar da protecção das autoridades americanas de ocupação e que é possível que as referidas autoridades não facilitem a investigação necessária, o que nos impediria de elaborar o processo regulamentar de extradição. Tal processo deve, na verdade, incluir, além da identidade real e os sinais identificativos do interessado, um certificado de residência que só pode

ciar deploráveis da recusa da entrega de Barbie.

A 6 de Dezembro de 1949, Henri Bonnet, embaixador da França em Washington, informa o seu ministro, Robert Schuman que, em resposta ao pedido por mim feito, o departamento de Estado acaba de me informar que os serviços do alto comissariado americano na Alemanha não tinham quaisquer indícios dum pedido sobre esta questão. O departamento de Estado sugere, por consequência, que as autoridades francesas competentes abordem directamente as autoridades de ocupação americanas na Alemanha (n.º 5786/CH).

buais, queira comunicar-me a sua opinião e se lhe parece possível entabular novas negociações nas condições acima referidas.

A 14 de Março de 1950, o director da Justiça militar informa o coronel Camadau (n.º 3893 JM/2) que a proposta americana deve ser recusada: Em resposta a essa comunicação, tenho a honra de o informar que dada a qualidade de criminoso de guerra da testemunha e o facto de ser procurado pelas autoridades francesas na sequência do mandato de captura emitido contra ele pelo juiz de instrução junto ao tribunal militar permanente de Lyon, penso que é im-

possível, e, em qualquer caso, inoportuno, assumir os compromissos exigidos pela prescrição do conselho.

Ora, não sendo conhecido o local de refúgio, não é possível passar-se qualquer certificado. Contudo, há pouco tempo consegui obter do serviço americano competente a dispensa desse documento e a garantia de que o caso Barbie seria tratado com a maior atenção e dentro do prazo mínimo.

A primeira carta citada, com data de 2 de Março de 1950, foi dirigida por Lebègue, com a referência Jus./CG 53 / n.º 1002, à atenção de Lange - Chief of Administration of Justice Branch - Office of General Counsel - Office of United States High Commissioner for Germany. - AP 0807 U.S. Army. No ponto 5 dessa carta indica-se que nos dias 7 de Junho e 12 de Julho de 1949, os serviços de ligação franceses contactaram, a meu pedido, os serviços americanos de segurança pública para que se proceda a novas investigações.

Na segunda carta citada, de 8 de Março de 1950, Lebègue sublinhava a Robert Bovie, general Counsel - Bonn Petersberg: Em virtude da grande importância que o meu governo confere à entrega desse criminoso, junto envio, com a tradução em língua inglesa, uma cópia da minha nota já referida (de 2 de Março). Eu muito apreciaria e ficaria-lhe muito reconhecido se V. Ex.ª se interessasse pessoalmente por este caso de modo a dar-lhe uma solução rápida.

A 13 de Março de 1950, o governo francês decide, com vista a obter das autoridades americanas a entrega do criminoso de guerra Barbie, reelaborar um processo de extradição e enviá-lo ao Departamento de Estado em Washington pelas vias normais. A 31 de Maio de 1950, é enviado pela justiça militar à direcção das chancelarias e do contencioso, à atenção de Paschoud (n.º 8237/2).

Finalmente, no dia 21 de Junho de 1951 (n.º 2965/DGA), o embaixador francês em Washington informa o seu ministro que: A nota por mim enviada ao departamento de Estado sobre esta questão acaba de me informar que não tem em sua posse novas informações que permitam descobrir o actual domicílio do interessado. Contudo, o departamento de Estado dirigiu-se ao serviço do alto comissariado americano para obter, se possível, novas informações.

As diligências francesas param aí. Mas sabemos que, entretanto, a 21 de Fevereiro de

1951, um «Temporary Travel Document» (documento provisório de viagem) foi concedido pelas autoridades americanas de Munique, com o n.º 0121454, a Klaus Barbie, com o nome de Klaus Altmann, nascido a 25 de Outubro de 1913, em Bad-Godesberg. Com o auxílio desse documento oficial, Barbie pode obter em Génova, um título de viagem do comité internacional da Cruz Vermelha, de 16 de Março de 1951, com o n.º 18 573, a fim de emigrar para a Bolívia.

Roubo de jóias

No decurso das diligências feitas no tribunal de Munique em 1971 e 1972 por Beate Klarsfeld, o procurador-geral Ludolph autorizou-a a consultar o processo alemão de Barbie. Este era de facto procurado pela Polícia alemã desde 1946, em consequência dum roubo de jóias ocorrido a 18 de Abril de 1946 em Cassel. Barbie, libertado do campo de internamento americano de Oberursel (temos duas fotografias dele que datam desse internamento) e dois cúmplices fizeram-se passar por polícias.

A 25 de Abril de 1949, a Polícia alemã difunde os traços identificadores de Barbie: Klaus Barbie: 1,70m, cabelo louro-escuro, lábios finos, olhos escuros, tipo israelita pronunciado, fala um alemão literário, modos delicados. A 3 de Abril de 1950 o caso é julgado na ausência de Barbie, que ficou com as jóias. A 26 de Junho de 1950, é lançado um mandato de captura contra Barbie.

A 25 de Outubro de 1950, as jóias são restituídas à Polícia de Estugarda, em cujo relatório, de 16 de Abril de 1951, se lê: Uma autoridade americana deu as indicações para encontrar as jóias. Pode-se supor, sem risco de engano, que as jóias foram restituídas pelo CIC (Criminal Investigation Commission). Já durante as investigações em Cassel se supunha que Barbie trabalhava para os serviços secretos americanos. Essa suspeita ganha agora mais força. Foi enviado um pedido escrito ao CIC; ficou sem resposta. Outras diligências nesse sentido parecem estar votadas ao fracasso.

Outras indicações respigadas nos processos da justiça alemã permitem que se conheça a natureza das relações entre os serviços especiais americanos e Barbie. Os americanos inscreveram Barbie sob os apelidos sucessivos de Spher, Behrends, Hertens, Holzer, sempre com o nome de Klaus e as mesmas datas e locais de nascimento: 25 de Outubro de 1913 em Bad - Godesberg. Teria trabalhado sob os ordens do major Larsen.

A 12 de Abril de 1961, Carol Bouness, filha da irmã de leite da mãe de Barbie, depõe: Em 1948, Barbie vivia com a sua família em Stadlbergan, perto de Augsburg, numa casa requintada pelas autoridades americanas e que ele partilhava com um militar americano e a família deste. Depois, a mãe de Barbie confidenciou à dela que os americanos tinham transferido o filho e a família para o estrangeiro.

A 16 de Julho de 1964, o médico dr. E. Hoffmann, de Berlim - Zehlendorf, testemunhou que Barbie introduzira em 1946, um



A foto boliviana que o denunciou aos Klarsfeld: nessa altura ele fazia-se passar por Klaus Altmann Hansen, e negava absolutamente ser Barbie

ser emitido pelo Public Safety Officer da respectiva competência territorial. Mais digo que a divisão de segurança, os serviços do conselheiro político e o das ligações estão igualmente dentro deste assunto. Comunicar-lhes-ei o endereço de Barbie.

Por outras palavras, Schmelck receia, com muita razão, que, sendo as autoridades americanas protectoras de Barbie, o certificado de residência de Barbie em zona americana não seja enviado às autoridades francesas, que por isso nunca poderão apresentar um processo completo de extradição.

No dia 18 de Outubro de 1949, o ministro da Defesa Nacional - Direcção da Polícia e da Justiça Militar (n.º 18469/UM/2 dirige-se ao ministro dos Negócios Estrangeiros - Direcção das Chancelarias e do Contencioso: Acabo de ser surpreendido pelo facto de as autoridades americanas da zona de ocupação da Alemanha se recusarem a entregar às autoridades militares francesas o denominado Barbie Klaus, ex-chefe da IV Secção do SD de Lyon, (...) Pelo que tenho a honra de lhe solicitar o favor de intervir junto das autoridades, chamando-lhes especialmente a atenção para as consequen-

Uma confissão americana

De repente, um golpe de teatro: os americanos denunciam a protecção a Barbie com uma proposta inesperada: deve-se essa confissão a uma diligência do coronel Camadau, comissário do Governo junto do tribunal militar permanente de Paris, que, sonhando com o depoimento de Barbie em tribunal contra Hardy, dirige-se ao SDECE (Serviço de Documentação Externa e Contra-Espionagem) (n.º 313).

A 18 de Fevereiro de 1950, o SDECE responde ao coronel Camadau sob a referência 23.07/MM/EB00371/SD: Tenho a honra de o informar que foram já entabuladas negociações com as autoridades americanas para esse fim. Sem prejuízo dum resultado positivo, seria, contudo, possível chegar a uma solução favorável, na condição de serem respeitadas as seguintes obrigações: a ausência de Barbie ser de duração limitada; regresso de Barbie à Zona dos EE.UU e a sua protecção.

Deixando ao seu cuidado as diligências necessárias à aplicação daquelas indicações a favor de Barbie, criminoso de guerra reclamado por vários tri-

possível, e, em qualquer caso, inoportuno, assumir os compromissos exigidos pela prescrição do conselho.

A 24 de Março de 1950, o ministro da Defesa Nacional pede ao Alto-Comissário da República Francesa na Alemanha o favor de me informar se apresentou ao sr. Alto-Comissário Americano na Alemanha esse pedido de entrega e o acolhimento que teve essa sua intervenção (n.º 4548 JM/2).

No prazo mínimo...

O Alto-Comissário Francês, chefe dos serviços da Justiça, Lebègue (Jus./CG41/n.º 1755) responde a 3 de Abril de 1950 que: A entrega de Barbie (...) foi pedida ao serviço americano competente a 2 de Março de 1950, pela carta n.º 1002. Além disso, na carta n.º 1003 de 6 Março de 1950, pedi ao meu colega americano a sua atenção pessoal para esta questão. Lebègue sublinha o problema que até então se mantém do famoso certificado de residência a emitir pelas autoridades americanas, uma vez que Barbie se refugiou em zona americana e, sem o qual, um processo de pedido de

er Barbie • Dossier Barbie • Dossier Barbie • Dossier Barbie • Dossier Barbie

anos a entregar o seu agente paradeiro desde 1963



Outra imagem boliviana, de 1972

dinamarquês, o dr. Zarp, ex-jornalista e perito em economia, junto da SS, nos Serviços Especiais americanos de Meiningen. Um antigo colega do dr. Hoffmann, Franz-Adam Minnich, de Stuttgart Gannstadt, depôs, pelo seu lado, que pusera Barbie em contacto com o dr. Hoffmann porque Barbie lhe confidenciara que precisava muito de informações sobre a Roménia para o seu trabalho nos serviços americanos.

Parece-nos evidente que em 1950 Barbie se tornou duplamente comprometedor para os Serviços Especiais americanos: é procurado pelos alemães por um delito comum, e a França, apesar das recusas das autoridades americanas, não parece nada decidida a abandonar o seu direito de reclamar a entrega dum dos criminosos nazis mais notórios pelo excesso de sevícias que praticou no seu território. Nessas condições, os americanos consideraram, sem dúvida, que o melhor seria conceder-lhe o exílio.

O silêncio pairou sobre este caso durante vinte anos.

Localizado pela França... há vinte anos

A 22 de Junho de 1971, o tribunal de Munique delibera que não há razão bastante para proceder judicialmente contra Barbie, entretanto desaparecido, mas alvo duma queixa por parte duma associação de vítimas do nazismo. No que respeita a judeus, o procurador considera que não é claro que Barbie soubesse «subjectivamente» que a sorte deles seria funesta depois da deportação, mesmo para as crianças.

Lutando pela reabilitação moral do povo alemão, Beate Klarsfeld insurge-se contra semelhante decisão que equivalia

a ilibar todos os criminosos nazis que actuaram em França, e dos quais a maioria vive impune na Alemanha. Isso está na origem da acção que desenvolvemos desde Fevereiro de 1971. É preciso recordar que esses criminosos constituem a única categoria de criminosos cuja impunidade é perfeita: como alemães, não podem ser extraditados pela França; condenados em França por contumácia, não podem ser julgados na Alemanha.

Durante quinze anos, a França pediu à Alemanha que recuperasse a sua competência para que esses criminosos pudessem ao menos ser julgados lá: mas todos os chanceleres democratas-cristãos se subtraíram a essa reivindicação francesa, que, no entanto, engrandecia a independência alemã. Quando Brandt se tornou chanceler, assinou em 2 de Fevereiro de 1971, uma convenção judicial franco-alemã que permitia o julgamento na Alemanha dos criminosos. Mas o partido FDP, apesar da sua aliança com os sociais-democratas, fez frente comum com os democratas-cristãos para recusar-se a ratificar essa convenção, caso fosse apresentado no Bundestag. Daí que tivéssemos entrado em acção sozinho, depois com os nossos amigos do grupo dos jovens da LICRA e o presidente Pierre-Bloch, para que a ratificação fosse assinada.

Em Março de 1971, para atrair a atenção sobre os dois casos de impunidade mais eminentes, tentámos raptar Kurt Lischka e ameaçámos Herber Hagan. São emitidos mandatos de captura contra nós. Beate apresenta-se em Colónia com o processo Lischka para aí tentar a prova de força: ser presa para mobilizar a opinião pública internacional. Ao fim de algumas semanas, a justiça alemã é obrigada a pô-la em liberdade.

Surge então o caso Barbie. A

campanha de Beate dá os seus frutos: ela encontra novos testemunhos que obrigam o procurador-geral de Munique, Ludolph, a constatar que Barbie conhecia o sentido real da deportação dos judeus. No dia 1 de Outubro de 1971, é anulada a deliberação judicial de não haver razão bastante para proceder contra Barbie: a instrução é reaberta sobre a acção anti-judeus.

As citações que se seguem são tiradas da obra publicada por Beate Klarsfeld em 1972 (*Onde quer que estejam*, Edition spéciale):

Posso então constatar a reviravolta que se operou no dr. Ludolph em algumas semanas. Deu-se conta do fracasso da tentativa do tribunal de Munique de assegurar legalmente a impunidade a Barbie e, através dele, aos outros criminosos entre os quais ele constitui um caso típico. (...) Tenho adivinhado o jogo. Qual será, de agora em diante a sua linha? O caso Barbie é muito especial: ele é um dos raros criminosos a expatriar-se da República Federal. Ao ajudar a descobrir o país onde ele se refugiou, a justiça alemã transfere praticamente o caso para as autoridades francesas (...) Se a França não der o exemplo, por que razão há-de o Bundestag apressar-se a ratificar a convenção?

O dr. Ludolph envia-nos duas fotografias, de frente e de perfil, de Barbie, tiradas em 1943, e outra dum grupo de homens de negócios sentados em volta duma mesa. O tribunal de Munique suspeita que um deles — que efectivamente se parece com o que Barbie se tornaria em 25 anos — é Barbie.

A cena, diz-nos o procurador-geral, passa-se em La Paz, em 1968. Neste momento nada mais vos posso dizer.

A imprensa francesa não reage minimamente; o mesmo

faz o ministro dos Negócios Estrangeiros a quem Pierre-Bloch entrega pessoalmente a fotografia. Pelo meu lado, dirijo-me ao Serviço antropométrico do Quai des Orfèvres, onde me garantem verbalmente que é o mesmo homem. A análise do Instituto antropométrico de Munique é categórica no mesmo sentido.

Algumas semanas mais tarde, o procurador pergunta-me se não me importo de entrar em contacto com um alemão que vive em Lima e que pensa ter reconhecido Barbie na pessoa de um homem de negócios que chegara recentemente a La Paz. (...)

Esse alemão chama-se Herbert John. (...) O procurador põe-me então em contacto com Peter Nischk, um amigo de Munique de Herbert John (...) A 28 de Dezembro, Nischk comunica-me o nome e o endereço actuais de Barbie: Klaus Altmann, em casa de Fritz Schwend, Santa Clara via Lima, Casilla n.º 1, Carretera Central, km 14 (pp. 369-370).

A 30 de Dezembro de 1971 transmite esta informação confidencial ao gabinete do primeiro-ministro. A 15 de Janeiro de 1972 sabemos que, transmitido pelo primeiro-ministro, o caso Barbie está ainda ao nível do ministro dos exércitos, sem sequer ter chegado à justiça militar. Retomamos a nossa liberdade e decidimos tornar públicas as nossas informações.

O caso Barbie é despoletado. A 25 de Janeiro de 1972, Beate volta a Munique onde o procurador geral lhe entrega um processo de identificação respeitante ao estado civil, com a única diferença de em vez de família Barbie, é a família Altmann.

Faço fotocópias de todo o processo e entrego-o à justiça militar. A 27 de Janeiro, enquanto Beate voa para Lima, Altmann, que desde 19 de Janeiro não pára de negar que é Barbie, foge de carro para a Bolívia. Em Lima,

nazis que vivem na América do Sul como Fritz Schwend, em Lima (p.337).

Portanto, há muito que os alemães sabiam que Altmann era Barbie. E em França, o que se passava?

Um efeito da mudança

Sofri a amarga surpresa de consultar há alguns anos o documento publicado em caixa e do qual dou as passagens relativas a Barbie. Calei-o até agora, de tal modo me sentir ferido por constatar que a França sabia oficialmente, mais ou menos desde 1963, onde Barbie se encontrava.

Nada, rigorosamente nada, foi feito pela França desde 7 de Novembro de 1963 até entrarmos em acção em 1971: um reduzidíssimo grupo que substituiu a sua vontade à ausência incompreensível duma vontade colectiva, que todavia tudo tinha na mão para ser eficaz.

Pela nossa parte, e com a colaboração da LICRA e da UNDIVG, conseguimos que fosse ratificada em Janeiro de 1975 pelo Bundestag, a convenção judicial franco-alemã. Com os filhos e as filhas dos judeus deportados de França, conseguimos obter o processo de Lischka e de Hagen em Colónia e a sua condenação em 1980. Hoje, Barbie, que deixámos de vigiar na Bolívia, foi juntar-se a eles na prisão.

A prisão de Barbie deve-se a uma situação nova não só na Bolívia mas também em França: a vontade determinada do Eliseu de fazer julgar nos locais dos seus crimes o criminoso-tipo da Gestapo, o carrasco dessas crianças judias cuja lembrança nunca deixou de nos encorajar e o carrasco de Jean Moulin. Deve-se também a uma amizade cimentada numa acção já conduzida em comum localmente para pôr termo à impunidade de Barbie e que viu a sua conclusão graças a uma longa paciência e graças à mudança da situação política na Bolívia e em França.

Serge Klarsfeld

**Ministério dos exércitos
Direcção da segurança militar
Posto SM da XI.ª BM
Segurança dos Exércitos, em 7/11/1963**

O chefe do destacamento de segurança dos exércitos do Palatinado em Landau,
Ao comissário principal de polícia, chefe da S.A. nos FFA em Baden-Oos:

Tenho a hora de o informar que o Departamento federal de Investigação de crimes de guerra nazis, de Ludwigsburg, abriu recentemente um processo de recolha de depoimentos contra os chefes do «Kommandeur des Sipo und des SD» de Lyon em 1944, por assassínios de judeus em França, na Polónia e na própria Alemanha... BARBIE KLAUS, aliás WILLMS

As investigações do Departamento Criminal Regional de Wiesbaden permitiram que se reunisse os elementos seguintes, sobre ele:

— Após a capitulação alemã em 1945, Barbie foi imediatamente utilizado pelos serviços secretos americanos que o instalaram e protegeram em Munique, sob a capa de «comerciante».

— Desde 1961 ou 1962 que Barbie reside na Bolívia, em La Paz, onde a mulher, de nome Regina, com o apelido de solteira Willms, se lhe foi juntar posteriormente.

— Barbie teria na Bolívia uma «ocupação-distância» por conta dos Serviços de Segurança americano e alemão:

— Central Intelligence Agency (CIA);

— Bundesnachrichtendienst (BND).

— Mantém uma correspondência por carta, frequente, com quatro membros da sua família que vivem em Trêves:

— Paulinestrasse 8, a filha, Ute Barbie;

— Dietrichstrasse, 19: a mãe, Anna Barbie, Hees, de solteira.

— Dampschiffstrasse 1: a tia, Anna Barbie;

— Direcção desconhecida: a cunhada, Margaret Willms

De siderata.

— Sobre Barbie:

— Entrega do relatório presente aos juizes mandantes do Tribunal Militar de Lyon, bem como ao serviço de sinalética e de difusão da DGSN em Paris.

— Pedido à Direcção da Polícia Judiciária da GGSN de comunicação de todas as informações na sua posse ou susceptíveis de serem recolhidas, relativamente aos crimes atribuídos a Barbie.

— Sobre Barbie e a sua família:

— Aviso à DST e ao SDECE da presença em La Paz de Barbie e da sua manipulação indubitável pela CIA e o BND.

— Pedido de vigilância de correspondência escrita e, eventualmente, telefónica, dos quatro membros da família Barbie-Willms em Trêves, nos três endereços citados, bem como na posta restante ou caixas postais.

Confrontações transferidas para o Terceiro Mundo por causa das matérias-primas

A RFA pensa que o mundo ocidental deve defender o «acesso às fontes de energia e às matérias-primas» em todo o Mundo — afirmou o ministro alemão federal da Cooperação Económica, Juergen Warnke.

Warnke afirmou, ao apresentar o quinto relatório sobre a política de auxílio ao desenvolvimento da RFA, após uma viagem aos Estados Unidos, que «o Ocidente não pode permitir que a expansão estratégica da União Soviética corte as vias de acesso a esses centros vitais para a sua economia».

O ministro da Economia confirmou, assim, a tese do titular alemão federal da Defesa, Manfred Woerner, que afirmara recentemente em Munique, numa conferência sobre «questões militares», que o Terceiro Mundo será futuramente cenário de crescentes confrontações bélicas.

Warnke referiu que o auxílio da RFA ao desenvolvimento está orientado para a «conciliação» e a consolidação da paz em todo o Mundo, não estando portanto prevista a atribuição de fundos aos movimentos de libertação que se afastam dos conceitos da economia de mercado própria dos sistemas capitalistas.

O ministro da Economia referiu que, este ano, este auxílio será inferior em cerca de 27 por cento ao de 1982.

Acordo nipo-americano para um novo automóvel

A General Motors e a Toyota, dois dos maiores construtores mundiais de automóveis, assinaram um acordo para a produção conjunta de um carro de pequena cilindrada.

Nos termos do acordo, será construído um «Chevrolet», na fábrica da GM em Fremont, na Califórnia, um carro de tracção à frente, com um motor de 1600 centímetros, cúbicos concebido pela Toyota, número um no mercado japonês de automóveis e número três no mundo.

Neste projecto, aqueles dois construtores de automóveis investirão 300 milhões de dólares (cerca de 27 milhões de contos) e o carro, uma versão melhorada da Toyota Corolla, deverá ser colocado no mercado no final de 1984.

Este acordo provocou, no entanto, reacções por parte de alguns construtores norte-americanos, nomeadamente da «Chrysler», o principal concorrente da General Motors, tendo o seu presidente Lee Iacocca, afirmado que ele «levanta graves questões sobre os seus efeitos a longo prazo para o mercado americano».

Para Lee Iacocca, este acordo com a Toyota é «fundamentalmente mau», para a indústria automóvel americana e cria «a associação mais poderosa do mundo».

A American Motors, filial americana da Renault (França) e quarto construtor dos Estados Unidos, sublinhou «que parece haver problemas anti-trust associação de um construtor possuidor de 44 por cento do mercado americano (GM) e de um outro possuidor de 9 por cento do mesmo mercado (Toyota)».

Portucel entre as maiores empresas de pasta de papel

A Portucel está entre as 150 maiores empresas mundiais produtoras de pasta de papel, segundo foi revelado por um representante daquela empresa pública numa reunião internacional do sector que ontem terminou no Estoril.

Durante três dias, quase duas dezenas de agentes, em vários países europeus, de pasta para papel analisaram, em conjunto com executivos da Portucel, diversos problemas que se pretendem com a vida daquele sector económico.

Sendo o maior exportador português, a Portucel tem, neste momento, um peso altamente significativo no contexto mundial da indústria de pasta de papel. Especificamente no capítulo das fibras curtas (eucalipto globulus), Portugal e Espanha são hoje concorrentes sérios dos países da Escandinávia, dada a aceitação crescente daquele produto ibérico nos mercados internacionais.

Assinale-se ainda que, em anos anteriores, durante os quais, por falta de encomendas, algumas fábricas suspenderam a produção, nomeadamente no Norte da Europa, a Portucel aumentou, pelo contrário, em cerca de 30%, as suas vendas de pasta de papel para o exterior.

Numa mesa-redonda técnica, em que participaram representantes na Áustria, Bélgica, Suíça, Inglaterra, França, Espanha, Alemanha, Itália, Holanda e Noruega foram ainda estudadas novas aplicações a conseguir no futuro para as pastas de Portucel, em certos tipos de papéis.

Nas linhas do Continente

Bilhetes de aviões mais caros

Tarifas de excursão foram facilitadas custando 3.800\$00 a ida e volta a Faro ou ao Porto

Viajar de avião no Continente é mais caro a partir de hoje, publicada que foi a portaria que fixa as novas tarifas um ano depois de outro ajustamento de preços.

Um bilhete simples em classe económica entre Lisboa e Porto ou Lisboa e Faro custa agora 3500 escudos e o bilhete de ida e volta o dobro. Mas esta portaria dos Ministérios das Finanças, do Comércio e dos Transportes contém uma disposição que vai facilitar bastante a movimentação de pessoas em transporte aéreo, nos fins-de-semana. Trata-se das novas condições

das tarifas de excursão que foram facilitadas e cujos bilhetes de ida e volta se aproximam dos praticados no caminho de ferro.

A tarifa de excursão, numa viagem de ida e volta a Faro ou ao Porto, passa a custar 3800 escudos e é sujeita a naturais limitações mas eles foram limitados bastante agora, segundo a Portaria, a partir de 14 e 30 e regressar depois das 0 horas e 1 minuto do domingo seguinte. Ou seja, quem viajar no sábado pode regressar no dia seguinte.

As tarifas de carga foram

também elevadas, com um mínimo de cobrança de 250 escudos e 19 escudos, por quilograma.

Os novos preços são os seguintes:

Lisboa-Porto ou Faro: 1.ª classe, 5250\$00; classe económica: 3500\$00.

Porto-Faro: 1.ª classe — 8030\$00 e classe económica — 5950\$00. O bilhete de ida e volta em todos estes percursos custa exactamente o dobro. Quanto às tarifas de excursão temos (ida e volta), 3800\$00 no percurso Lisboa-Faro ou Porto e 7140\$00 no percurso Porto fa

Além de controlarem o mercado

As multinacionais fomentam o consumo de álcool nos países mais pobres

— afirma um estudo das Nações Unidas

As multinacionais dominam de modo crescente a produção e comércio de álcool a nível mundial, incrementando o respectivo consumo até nas regiões mais pobres do Globo — afirma um estudo das Nações Unidas, ainda não publicado oficialmente.

O estudo deve ser examinado pela Assembleia Mundial da Saúde, em Maio próximo, no âmbito dos esforços da OMS (Organização Mundial de Saúde) para dar resposta aos problemas colocados pelo alcoolismo.

Segundo o estudo, o mercado mundial de bebidas alcoólicas ultrapassa os 170 milhões de dólares, sem incluir os países comunistas.

Sem contar com o tráfico clandestino, as importações mundiais elevam-se a 10,1 milhões de dólares (1,3 mil milhões nos países em desenvolvimento), cerca de 48 por cento dos quais em vinho, 40 por cento em bebidas alcoólicas fortes e 12 por cento de cerveja.

O mercado de bebidas alcoólicas foi revolucionado pelo desenvolvimento, a partir da Segunda Guerra Mundial, de multinacionais dotadas de enormes meios financeiros, as quais puderam, assim, aplicar estratégias comer-

ciais extremamente dinâmicas, afirma o estudo.

Deste modo, o produtor americano de tabaco Philip Morris, que em 1969 adquiriu a sexta maior fábrica de cerveja dos Estados Unidos, a «Miller», transformou-a na segunda maior produtora cervejira do Mundo.

Controlo do mercado por 27 grupos

Em 1980, o mercado mundial de bebidas alcoólicas era dominado por 27 grupos, cujas vendas ultrapassavam, para cada um deles, mil milhões de dólares: nove grupos britânicos, cinco americanos, dois sul-africanos e um holandês.

Como primeira consequência, afirma o relatório, o consumo de bebidas espirituosas desenvolveu-se rapidamente, sobretudo nos países mais pobres, tendo aumentado 400 por cento entre 1960 e 1980, na América Latina, África e Ásia, mas apenas 104 por cento na Europa e 81 por cento na América do Norte.

Em segundo lugar, os pequenos produtores e os produtores tradicionais estão a apagar-se pouco a pouco, face à cerveja e às bebidas alcoólicas — sobretudo

«whisky» e «gin» — comercializados a nível internacional. No Japão, por exemplo, o consumo de «sake» (álcool de arroz), que representava 31 por cento do mercado do álcool em 1971, caiu para 22 por cento dez anos depois.

Simultaneamente, no mesmo país, a parte da cerveja aumentava de 60 para 67 e a do «whisky» de 3 para 5 por cento.

O comércio e a produção vinícolas foram menos atingidas pela concentração a nível nacional e, depois, internacional, devido às estruturas e tradições existentes nos principais países produtores.

As grandes cervejeiras internacionais (Guinness e Heineken), a fim de penetrarem em novos mercados, multiplicaram as «joint venture» (associação de empresas) ou cederam licenças de fabrico aos países em vias de desenvolvimento: na Nigéria, 10 fábricas de cerveja nasceram desde 1978, por exemplo.

Segundo o relatório, a principal força das multinacionais reside na grande diversidade dos seus produtos: além da produção de alimentos, os grupos principais comercializam cervejas, bebidas alcoólicas fortes e vários sumos de frutos, o que vai reforçar os circuitos de distribuição.

Eixo das relações

comerciais

Este-Oeste

Portugal

não irá

a Leipzig

Conhecida como uma das feiras mais antigas do Mundo, a Feira da Primavera de Leipzig não terá este ano a presença portuguesa, ao contrário do que vinha acontecendo desde 1975.

O facto foi dado ao conhecer durante um encontro com a imprensa e instituições comerciais e industriais nortenhas, promovido pela Embaixada da RDA, no Solar do Vinho do Porto.

Presentes o embaixador Siegfried Kampf e o adido comercial da Alemanha Democrática, Rainer Klose, que falaram não só da importância daquela feira internacional como da abertura do seu país ao intercâmbio comercial e industrial com Portugal.

A Feira da Primavera de Leipzig decorre este ano entre 13 e 19 de Março e reunirá cerca de nove mil expositores de todos os continentes. Segundo foi afirmado, 94 por cento dos expositores dos países capitalistas orientam os seus esforços de transacção na direcção dos países socialistas, em Leipzig.

O programa de realizações científico-técnicas da Feira da Primavera decorre sob o signo da microelectrónica aplicada. A metalurgia, construção de maquinaria pesada e de instalações, as máquinas-ferramentas, a electrónica, a automatização e a informática, bem como os produtos editoriais, têxteis e de vestuário, são os principais sectores de oferta integrados em 22 ramos técnicos e 18 de bens de consumo, representados por cerca de 20 países.

A Associação de Amizade Portugal-RDA organizou, em conjunto com uma agência de viagens deslocações especiais àquele país socialista para os portugueses que pretendam visitar esta famosa Feira de Leipzig.

O embaixador da RDA recebe no próximo dia 24 a imprensa lisboeta e comerciantes e industriais do Sul do País para tratar com eles esta questão da ausência na Feira de Leipzig que poderá provocar a curto prazo um visível abaixamento nas vendas de Portugal aos países socialistas.



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/5965, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha mista a 30 kV, n.º 101-102/R-110 (antiga n.º 101/R-41) com 190 m., parte aérea com 100 m. e parte subterrânea com 90 m., do poste n.º 129 da linha n.º 101-102 ao PT n.º 307-C da IBEROL — Sociedade Ibérica de Oleaginosas, S.A.R.L., em Alhandra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 4 de Fevereiro de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Vedras em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5942, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV, n.º 354/7-27, com 961 m, do poste n.º 94 da linha n.º 354 ao PT n.º 2775-C dos Serviços Municipalizados da C.M. de Torres Vedras, em Cerca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 4 de Fevereiro de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

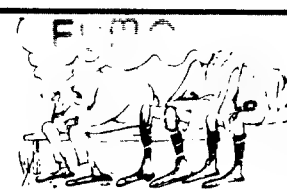
(João Carlos Oudinot Larcher Nunes)

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

DESPORTO

Nacional de andebol Em perigo um favorito ao título

O Benfica (campeão na época passada) e o Sporting (antidutor titular) são os principais candidatos ao trono nacional da divisão de honra de andebol, cuja fase final principia hoje.

Jogos da ronda de hoje: Benfica-Desp. Portugal, Belenenses - S. Mamede, FC Porto - Almada e Sp. Espinho - Sporting (todos às 21 horas). Amanhã: Benfica - S. Mamede (16), Belenenses - Desp. Portugal (18), FC Porto - Sporting (16) e Sp. Espinho - Almada (18).

Principia também hoje a fase de apuramento à divisão de honra, ainda na sua «poule» zonal. Jogos na zona Norte: Desp. Póvoa - Beira Mar (19), Fermenções - Académica (19) e Maia - Académico (21 e 30). Zona Sul: Carrião - U. Leiria (19), Cascais - Encarnação (21 e 30) e Paço de Arcos - Vit. Setúbal (18 e 30).

Carlos Lopes: esperança aos 36

Desporto é conversa corrente. Fala-se por aí na garantida saída de Gabriel e de Romeu do «plantel» das Antas: dois «internacionais» de futebol que, se os contratos forem rescindidos, vão ter muito procura. Agitam-se os blocos que vão concorrer à gerência benfiquista: Fernando Martins procurando defender um castelo onde o futebol são rosas, Jorge de Brito esgrimindo por um clube menos virado para o presidencialismo e mais para a dinâmica geral. O Sporting despacha ao remetente, e em grande velocidade, um tal de Gilsson que, do Brasil e em termos de futebol, apenas conhecia de vista dois ou três reis de pelada em Copacabana. Otto Glória afasta Shéu e Sousa, convoca Festas e Gegório Freixo, recia Manuel Fernandes e Costa, acredita que Oliveira e Pietra já poderão alinhar frente à Alemanha Federal e, pelo sim pelo não, mantém Alves e Nenê no estaleiro, à espera de que ambos garantam que estão dispostos a jogar numa condição física plena, enquanto Jordão, nem sequer para o Sporting viajante a Faro assegura companhia.

Mas, se me permitem, quero hoje virar rapidamente a agulha e, num ápice, tirar o chapéu ao senhor Carlos Alberto de Sousa Lopes, nascido a 18 de Fevereiro de 1948, em Vildemoiminhos, à

beirinha de Viseu. Já conheceu todas as glórias e também todas as desditas que batem à porta de um grande campeão. Ergueu, por esse mundo fora, o nome de um País apenas recordado por Amália e Eusébio, Benfica e Sporting, Agostinho e hóquei. Agora, paredes-meias com Fernando Mamede mas (paradoxalmente) virado de costas para a intimidade com o também fabuloso campeão de Alvalade, Carlos Lopes completa 36 anos e entra no limiar de um futuro campeão de maratona. Uma vida inteira, acrescenta-se, que ofereceu anos ao atletismo, ao Sporting, a Portugal, à satisfação por vezes solitárias de bater o cronómetro, de lutar por uma fracção de segundo como se ela fora uma eternidade.

No dia da sua festa de anos, faltou um conviva à mesa de Carlos Lopes. Lá estiveram a Teresa e os pequenos, mulher e filhos do trota-mundos verde-branco. Certamente que Mário Moniz Pereira lhe garantiu que valeu a pena. Todavia, de longe, Fernando Mamede ficou de braços caídos para o abraço de reconciliação que é urgente e seria (afinal) o melhor parabém trocado entre as duas maiores glórias do Sporting contemporâneo.

Neves de Sousa

Sporting: ataque frontal ao presidente do FC Porto

O Sporting irá buscar ao FC Porto os jogadores que estejam livres e que interessem ao reforço da sua equipa de futebol — afirma o vice-presidente dos «leões», Mário Garcia, na qualidade de porta-voz da direcção. O dirigente do Sporting reagiu (assim) a acusações de Jorge Pinto da Costa (presidente do FC Porto) segundo as quais o clube de Alvalade estaria envolvido «em manobras desestabilizadoras» com o fim de prejudicar os portistas, a propósito da rescisão dos contratos anunciada por Gabriel e Romeu.

«Poso até dizer que neste momento já contactámos Sousa com vista ao seu ingresso no Sporting, uma vez que o contrato que o liga ao FC Porto termina no final desta época: e não hesitaremos em contactar outros jogadores que se encontrem na mesma situação», acrescentou. Mário Garcia diz ainda que o

Sporting «actua, nesta base, de acordo com a portaria e com o espírito defendido pelos actuais dirigentes do FC Porto, que durante a campanha eleitoral nunca hesitaram em afirmar que os acordos não tinham para eles qualquer validade, porque coarctavam a liberdade dos jogadores. Achastramos estranho que venham agora falar em desestabilização quando eles não têm feito outra coisa que não seja desestabilizar o Sporting, ano após ano, e para provar isso não é difícil recolher exemplos», declara o vice-presidente «leonino».

Mário Garcia lembrou depois que nos últimos anos o FC Porto foi ao Sporting buscar jogadores como Alinho, Dinis, Inácio e Eurico (estes dois muito recentemente) e referiu ainda «a perseguição feita ao Damas quando jogava no Sporting e ao próprio Manuel Fernandes».

«E eu pergunto agora ao sr. Pinto da Costa quantos jogadores é que o Sporting foi tirar ao «plantel» do seu clube. Nem um!», continua o porta-voz do clube lisboeta. «Por tudo isto», Mário Garcia afirma não compreender os motivos «porque andam tão preocupados os dirigentes do FC Porto, a não ser que se julguem na situação de intocáveis quando o comportamento por eles assumido se vira contra si próprios. Ninguém ignora que nos últimos anos o FC Porto não tem feito outra coisa que não seja ir buscar jogadores a outros clubes, muitos deles assinando contratos com o clube das Antas quando ainda estão ligados à colectividade que lhes paga», acrescenta o vice-presidente do Sporting.

Afirmando que basta olhar para o «plantel» do FC Porto para se chegar a essa conclusão, Mário Garcia refere os

nomes de Amaral, Jacques, Frasco, Sousa «e tantos, tantos outros, que seria fastidioso estar aqui a dizer um por um. O FC Porto acha-se no direito de ir violar a casa alheia sem o mais pequeno pudor ou qualquer tipo de preconceitos. Mas quando se dá o inverso, vêm os seus dirigentes logo falar de desestabilização e de manobras de bastidores. Ora essa... comentou ainda o dirigente de Alvalade.

Mário Garcia reforçou as suas afirmações dizendo que «se o FC Porto olhar bem para os exemplos que tem dado, não encontrará, agora, a mais pequena razão para ficar admirado com o que lhe possa acontecer».

A concluir, o dirigente leonino mostra-se esperançado, em que os adeptos do FC Porto, como desportistas que são, reconheçam a justeza destes conceitos e destas posições.

Simões: como vai o coração?

Simões, defesa central do FC Porto, poderá não voltar a jogar futebol profissional, por motivos de saúde, segundo consta em círculos ligados ao Centro de Medicina Desportiva do Porto. Aquele futebolista «internacional» foi observado, há dois meses, ficando sob vigilância médica, em virtude de lhe ter sido detectado um sopro cardíaco. Para regressar à actividade teve que assinar um compromisso de responsabilidade no Centro de Medicina Desportiva do Porto. Simões deslocou-se então a Londres, onde foi observado numa clínica local, a conselho do médico do FC do Porto, dr. Domingos Gomes.

Embora, o seu contrato com o clube das Antas termine no final da presente temporada, Simões foi convidado a renová-lo. O responsável pelo sector de cardiologia do CMD do Porto (dr. Falcão de Freitas), declarou que Simões está sob vigilância médica de dois em dois meses. Afirmando que aquele futebolista foi observado no sector de cardiologia do CMD do Porto e no Hospital de S. João, onde se submeteu aos respectivos exames, por alterações do ecocardiograma (módulo M), (o dr. Falcão de Freitas não confirmou a assinatura do compromisso de responsabilidade por parte do jogador).

Adiantou que, em 25 mil atletas aqui observados, há três no caso do jogador do Porto. Para o dr. Falcão de Freitas, o caso de Simões é uma variante normal da ecocardiografia, ficando, por isso, sob vigilância médica de dois em dois meses. O dr. Domingos Gomes garante que no futebol português, as macas andavam estragadas. Agora, estão cada vez mais podres e já cheiram mal. Desmentindo o teor da notícia, que considerou anedótica, por não corresponder à realidade, o clínico do FC do Porto, afirmou que Simões esteve sob vigilância médica, muito

embora, nesta altura, treine normalmente e sem qualquer coccidionalismo. O seu coração é perfeitamente normal e não padece de coisa nenhuma, sublinhando que se não jogar, o problema diz respeito ao treinador, porque inclusivamente, está já perfeitamente recuperado da entorse no joelho direito que o manteve afastado durante dois meses.

Porto: quem desestabiliza?

Os jogadores Costa, Teixeira e Sousa poderão seguir os exemplos de Gabriel e Romeu e rescindir os contratos com o FC Porto — afirmou no Porto, à ANOP, um dirigente do clube das Antas. O mesmo informador disse que os motivos são os que conduziram à rescisão de Gabriel e Romeu. Ou seja: falta de cumprimento dos contratos.

Se até 4.ª feira o FC Porto não regularizar a situação financeira dos três jogadores, poderão igualmente rescindir os seus contratos, acrescentou o dirigente, que revelou, ainda, ser Costa credor de cerca de 9 milhões de escudos.

Entretanto, Jorge Nuno Pinto da Costa (presidente do FC Porto) considera sem qualquer fundamento a informação de que Costa, Teixeira e Sousa poderiam rescindir os seus contratos. O presidente do clube das Antas insistiu na afirmação e que há alguém interessado em desestabilizar o FC Porto. Porém, a indicação de que aqueles três jogadores poderiam seguir na próxima semana o exemplo de Romeu e Gabriel, por falta de cumprimento de contratos, teve origem em fontes do próprio clube.

“Taça de Portugal”:

Algarve em quatro frentes

O Sporting é, dos três «grandes» a equipa com tarefa mais difícil para os oitavos de final da Taça de Portugal de futebol, cujos encontros se disputam este fim-de-semana.

Os «leões» viajam até Faro para defrontarem o líder da zona sul do campeonato nacional da 2.ª divisão: o Farense, equipa recheada de jogadores de bom nível, alguns dos quais já militaram em clubes do escalão superior, casos de Meneses (Sporting), Joel, Vital e Paulo Campos, Benfica, Oscar (FC Porto) e Alinho (Belenenses).

O Sporting parece (no entanto) relançado para a sua melhor forma e é de crer que, com maior ou menor dificuldade, regresse a Lisboa com a presença garantida nos quartos de final.

O Benfica, comandante do nacional, vai a Matosinhos recordar antigos confrontos ao nível maior, quando o Leixões era sempre um obstáculo muito difícil de transpor.

Hoje, os tempos são outros, o Leixões milita na divisão 2 e o poderio dos lisboetas talvez não seja posto em causa frente a uma equipa que, no entanto, não entrará de antemão vergada ao nome do adversário.

Nas Antas, o FC Porto recebe uma equipa do grupo dos maiores, o Sporting de Espinho. Goleadores e triunfantes como estão os portistas, outra coisa não será de prever que não seja um triunfo calmo e expressivo dos pupilos de José Maria Pedroto. Mas, nunca fiando...

Dos restantes clubes da 1.ª divisão ainda em prova, só o Portimonense actua também em casa, frente ao Gil Vicente, do escalão secundário: a questão dos vencimentos em atraso impedirá os algarvios de triunfarem comodamente?

Frente a turmas do 3.º bloco, o Boavista e o Braga actuam fora do seu terreno, sendo igualmente favoritos nos confrontos com o Silves e Naval 1.º de Maio, respectivamente. Mas as duas

equipas da 1.ª divisão devem estar prevenidas para os riscos que sempre representam os jogos da Taça de Portugal quando disputados fora, mesmo frente a equipas de escalões inferiores.

Num confronto entre equipas secundárias o Académico de Coimbra recebe o Esperança de Lagos e ninguém espera que os estudantes, depois de afastarem o Vitória de Guimarães, se deixem agora surpreender por outra das turmas do Algarve presentes na competição.

Finalmente, o Cinfães único concorrente dos campeonatos distritais ainda em prova (proeza inédita no futebol português), poderá vir a dizer adeus à sua epopeia, ao deslocar-se ao campo do Atlético de Valdevez.

Os jogos completos são os seguintes: Silves - Boavista (hoje, às 15 h); FC Porto - Espinho, Portimonense - Gil Vicente; Académico - Esperança de Lagos; Leixões - Benfica; Valdevez - Cinfães; Naval 1.º de Maio - Braga (Todos pelas 15 h de amanhã) e Farense - Sporting (amanhã às 19 horas, com transmissão directa pela TV).

Atenção, Oriental

O jogo de futebol entre o Clube Oriental de Lisboa e o Clube Desportivo Santa Clara, dos Açores, a realizar em Marvila a contar para o campeonato nacional da 3.ª Divisão (21.ª jornada), foi antecipado para hoje, às 15 horas.

Atenção, Queluz

Pede-nos a Direcção do Grupo Desportivo de Queluz para anunciarmos que o jogo de futebol que se realiza amanhã, no Campo da Guarda Fiscal (em Queluz) entre as equipas do Grupo Desportivo de Queluz e do Clube de Futebol os Unidos, a contar para o Campeonato Regional da 1.ª Divisão, é considerado «Dia do Clube», devendo os seus associados adquirir um bilhete suplementar para assistir ao embate.

Moçambicanos em Sesimbra

O Ferrovário do Maputo, que se encontra em Portugal em estágio de preparação com vista à próxima época futebolística do seu país, defronta amanhã o Sesimbra. A turma moçambicana, treinada pelo «magriço» Mário Coluna, exhibe-se pelas 15 horas e 30 minutos, no campo sesimbrense.

O traço de Pargana



Mais uns golos da «Taça»

Máximos

Natação

O soviético Vladimir Shemetov melhorou, em Charkow (URSS), o decorrer dos Campeonatos Internacionais de Natação de Inverno da URSS, o recorde da Europa dos 200 metros costas com 2.00,65. Recorde-se que o recorde do Mundo da especialidade é de 1.59,19 e pertence ao norte-americano John Naber, desde os Jogos Olímpicos de

Montreal, em 1976.

A cronologia do máximo da Europa da especialidade é a seguinte: Roland Matthes (RDA), 6/9/1973, em Blegado, 2.01,87; Sándor Wladar (Hun.), 13/3/1980, Budapeste, 2.01,78; Sándor Wladar (Hun.), 28/6/1980, Budapeste, 2.01,72; Sándor Wladar (Hun.), 12/9/1981, Split, 2.00,80; Vladimir Shemetov (URSS), 18/2/1983, Charkow, 2.00,65.

DESPORTO

ponta esquerda

Benfica: hora de eleições

Carlos Manuel Mendonça será o tesoureiro na lista de Jorge de Brito concorrente às eleições para os corpos gerentes do Benfica. A escolha do tesoureiro ficou definida numa reunião realizada pela comissão eleitoral de Jorge de Brito, tendo sido igualmente confirmados Rodolfo Lavrador como primeiro secretário da assembleia geral e Rui Marinho como primeiro suplente do mesmo órgão social. Para completar a lista, falta apenas seleccionar os nomes para os cargos de segundo suplente da assembleia geral, dois suplentes para a direcção, um vogal para os assuntos administrativos e dois elementos para o conselho fiscal.

Adeus, Marítimo

Baixa no Marítimo: o futebolista Luís Filipe rescindiu a seu pedido o contrato que o ligava à colectividade madeirense. Aquele jogador, antigo júnior do Sporting Clube de Portugal, evocou **razões familiares** para a tomada desta decisão, devendo regressar na próxima semana ao continente. Recentemente, o jogador brasileiro «Escrinho» havia rescindido (também a seu pedido) o contrato que o ligava ao Marítimo.

Madeira: um lugar em aberto

O presidente do Marítimo negou no Funchal que **tivessem sido estabelecidos quaisquer contactos no continente com vista ao preenchimento do lugar de secretário-técnico do clube**.

António Henriques, em declarações ao matutino «Jornal da Madeira», disse que **não é novidade que procuramos um secretário-técnico, mas ainda não foram feitos convites nesse sentido, nem estamos tão desesperados que o contacto seja urgente**. O responsável pela colectividade madeirense acrescentou que durante a recente deslocação do Marítimo ao Porto, onde defrontou o Boavista, **não houve contacto informal com ninguém**.

Controlo anti-doping no corta-mato

A Federação Portuguesa de Atletismo solicitou à Direcção dos Serviços de Apoio Médico a realização de controlo anti-doping nos campeonatos de Portugal de corta-mato. Caso o pedido seja aceite, será a 1.ª vez que se realiza o controlo anti-doping numa prova de corta-mato em Portugal.

Os campeonatos disputam-se no próximo dia 27, em Marrazes (Leiria) faltando esclarecer se o controlo anti-doping será feito por sorteio, ao vencedor individual ou aos 10 primeiros. A decisão dependerá das verbas disponíveis para o efeito.

Palmilhar as escadas do «Empire»

Al Walquie, um maratonista de 31 anos originário de Jemes Pueblo (Novo México) ganhou ontem a 6.ª edição da ascensão de um dos maiores arranha-céus de Nova Iorque: o «Empire State Building».

Walqui trepou os 1575 degraus do imóvel de 86 andares em 11 minutos e 36 segundos.

A prova feminina foi ganha por Burke Konc nova-iorquina que celebrou na véspera os seus 29 anos. Demorou 13 minutos e 40 segundos.

Yachenko está de volta

Vladimir Yachenko, recordista mundial do salto em altura, prepara-se para regressar à alta competição de onde tem estado afastado devido a grave lesão numa perna. Vladimir Yachenko, cujo recorde do mundo em pista coberta é de 2 metros e 35 centímetros, volta a surgir no sector dos saltos. Segundo o seu técnico, Vladimir só saltará neste momento dois metros...

O treino do atleta que no mundo salta mais alto é orientado com exercícios físicos e saltos apenas a dois passos de distância. No decorrer dos próximos seis meses, o campeão soviético entrará num período de treino intenso, a fim de atingir a sua máxima forma. Quanto a futuras competições, em que Vladimir Yachenko venha a estar presente, o treinador da União Soviética não se pronunciou ainda, tudo dependendo da resposta do atleta aos treinos e que está a ser sujeito.

TOTO BOLA
jogue connosco

27 de Fevereiro de 1983

Porto-Boavista 1
Alcobaça-Sporting 2
Guimarães-Salgueiros 1

Marítimo-Setúbal 1
Rio Ave-Espinho 1
Amora-Braga 1

Portimonense-Varzim 1
Riopele-Chaves X
Gil Vicente-Penafiel X

Feirense-P. Ferreira 1
Nazarems-Académico 1
Vasco da Gama-Farense 2
Sacaven-Belenenses X

1.º concurso extraordinário
2 de Março de 1983

Sporting-R. Sociedade 1
W. Lodz-Liverpool 2
Aston Villa-Juventus X

Dinamo Kiev-Hamburgo X
Paris S. G.-Waterschei 1
Áustria-Barcelona 2

Inter-Real Madrid 1
Bayern-Aberdeen 1
Roma-Benfica X

Kaisersl.-U. Craiova 1
Bohemians-Dundee 1
Valência-Anderlecht X
W. Bromwich-Arsenal X

Sporting e Benfica estão contra jogos particulares da selecção

As direcções do Sporting e do Benfica enviaram uma exposição à Federação Portuguesa de Futebol fazendo «um último apelo para que os jogadores seleccionados para o Portugal-RFA e pertencentes aos seus quadros fossem dispensados».

Os dois clubes chamam a atenção para o facto das suas equipas de futebol estarem «empenhadas numa eliminatória europeia de grande prestígio e da qual depende a solução de importantes problemas financeiros para ambos. Verifica-se que o presidente da Federação, muito estranhamente para o seu passado, se mostrou insensível aos nossos argumentos, tendo-nos comunicado a impossibilidade de atender tal pretensão, depois de consultar Otto Glória», acrescentam as direcções do Sporting e do Benfica.

Na opinião dos blocos lisboetas, trata-se de «valorar os dois interesses excepcionalmente opostos neste momento: o da selecção, que anda em jogos particulares, onde todas as soluções são possíveis, e o dos clubes, empenhados numa eliminatória de que dependem de forma vital».

Afirmando esperar que a situação seja devidamente ponderada e o seu pedido atendido, os dois clubes entendem que «nenhum presidente da FPF, sejam quais forem os interesses pessoais ou indirectos no assunto, pode desinteressar-se da resolução de tal problema, sem consultar mais ninguém a não ser o treinador da selecção. O futebol vive da harmonia dos seus interesses: não da sua oposição e do seu conflito», acrescentam Benfica e Sporting, que admitem a hipótese de convocarem as suas

assembleias gerais para que as respectivas massas associativas sejam alertadas, «pois não podem admitir que o risco da eliminatória passe pela impossibilidade de prepararem as suas equipas devido à mobilização dos jogadores para um desafio particular da selecção».

Réplica federativa

Por seu lado, Romão Martins afirmou que a Federação não pode limitar a área de acção do seleccionador nacional Otto Glória nem imiscuir-se em assuntos que só a ele dizem respeito.

«Quando sai ontem da Federação, ainda não tinha conhecimento da exposição, mas penso que a FPF tem de dar toda a cobertura ao seu técnico e ele entendeu que esses jogadores deviam ser convocados», acrescenta o presidente federativo.

Romão Martins admite a existência de interesses que se chocam (os dos clubes e os da selecção), mas adiantou que «é praticamente impossível salvaguardar todos eles».

Diz também que estes encontros com a RFA, nos próximos dias 22 e 23, já estão programados há mais de um ano e que os clubes tiveram disso conhecimento quando, ainda antes de

divulgado, lhes foi apresentado no início da época o calendário oficial da Federação.

«Mesmo nessa altura seria difícil alterar as datas, porque isto de jogos entre selecções não pode ser resolvido na véspera. Agora é que é totalmente impossível: e reafirmo que os clubes sabiam dos jogos há muitos meses», acrescenta.

Romão Martins diz também que Otto Glória não terá dúvidas em dispensar um ou outro jogador cuja condição física seja deficiente: «Sempre se agiu dessa maneira para esses casos. Agora, dispensar todos, parece-me muito mais problemático».

«DL» convidado especial

Dirigentes desportivos:
Seminário de informação

Começa, hoje, na Aldeia Turística das Açóteias (no Algarve) e sem encargos para os participantes, o Seminário de Informação para Dirigentes Desportivos, organização do Instituto Nacional dos Desportos (IND-DGD)

Com o objectivo de facilitar aos dirigentes desportivos um apoio permanente e também elementos de referência, que concorram para a sua formação e actualização, foi cometida ao Instituto Nacional dos Desportos a tarefa de, ao longo do ano de 1983, organizar de forma sistemática e regular um conjunto de acções — seminários de informação e outras — para dirigentes desportivos que, subordinadas à problemática central da «Organização e Administração do Desporto», constituem, em suma, um bloco de referências teóricas e de informações práticas da maior importância, para todos os que, no plano do dirigismo, trabalham no desporto. Estas palavras que o professor Duarte Leal disse ao «Diário de Lisboa», quando lhe perguntámos a razão primeira da realização

deste Seminário.

De facto, esta acção de formação (que se prolonga até ao próximo dia 26 e funciona, entre as 9 e as 12 e 30 e as 15 e as 18 e 30) merece de todos os que se interessam, no nosso país, pelo fenómeno desportivo, uma palavra de simpatia e de franco aplauso. Infelizmente, todos sabemos como, no nosso dirigismo desportivo, impera a mais completa ignorância e, aqui e além, uma evidente desonestidade. O Seminário de Informação para Dirigentes Desportivos, que vai principiar na Aldeia das Açóteias, pode integrar um programa pedagógico, em ordem à (in)formação dos nossos dirigentes desportivos. Oxalá se concretize.

As matérias a versar, no Seminário, são as seguintes: **A Liderança e Formação Desportiva** (Teotónio Lima); **O desporto na sociedade moderna** (José Lopes Marques); **O Planeamento do Treino** (Monge da Silva); **Desporto e Comunicação Social** (Vitor Santos); **A Medicina Desportiva em Portugal** (Marcos Barroco); **Desporto e Estado** (J. Kuhl); **Estrutura e Organização do Movimento Olímpico**

(David Sequerra); **Organização e Legislação Desportiva Nacional** (Lacerda e Melo); **Instalações, Urbanização e Arquitectura Desportiva** (Serra e Moura); **Jogos de Fortuna e Azar. Financiamento do Desporto** (Correia da Fonseca); **A Investigação Aplicada ao Desporto** (José Lourenço); **Organização Interna dos Clubes** (Bjoern Wangermann); **Tratamento, Manutenção e Administração de Instalações Desportivas** (Domingos Claudino); **O Futebol Profissional, no seu contexto actual** (António Oliveira); **A organização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles** (Vicente Moura); **História do Desporto** (Manuel Sérgio).

O programa e os nomes que compõem o corpo docente dizem bem do cuidado com que foi preparado este Seminário. O «Diário de Lisboa», através de Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção irá acompanhar, a par e passo, esta realização do Instituto Nacional dos Desportos: durante a semana daremos notícias circunstanciadas do decorrer dos trabalhos.

Nacional de basquetebol

Queluz nas Antas e na Bairrada

Recomeça hoje, com os jogos inaugurais da 2.ª fase, o campeonato nacional da 1.ª Divisão de basquetebol, após longa interrupção de um mês. Segundo a nova regulamentação da prova, os resultados da fase inicial são adicionados à que principia hoje, com oito clubes, dos quais ficarão quatro que competirão, em dois fins-de-semana, para o título, na região do vencedor do conjunto das duas primeiras fases.

O FC do Porto é (indiscutivelmente) a equipa melhor balanceada para corporizar o anseio de levar para o seu burgo a «poule» decisiva, o que constitui um grande «handicap» na recuperação do título, que o Sporting conquistou a época passada e esta temporada não compareceu para a defesa. Os «azuis e brancos» contam menos duas derrotas do que o Benfica e quatro

menos do que o Olivais e o Queluz, vantagem que se nos afigura quase irreversível para o decisivo passo dos portistas.

Com a interrupção da prova, podem ter surgido variações de forma: no caso especial do Queluz até é de admitir que a equipa surja a defender com a agressividade que lhe faltou na fase de apuramento, para conseguir melhores resultados, já que houve mudança técnica (José Alberto foi substituído por Armando Simões) sempre susceptível de produzir efeitos positivos.

As duas jornadas inaugurais da 2.ª fase (hoje e amanhã) consoante os resultados, poderão fornecer algumas indicações, sendo certo que cabe ao Queluz, ao Barreirense e ao Olivais as tarefas mais ingratas por se deslocarem para defrontar grupos dos mais cotados. Olivaisenses e quelucenses, se não consegu-

rem pelo menos uma vitória deixarão na luta pelo lugar cimeiro apenas o FC do Porto e o Benfica, já que o Barreirense, com seis derrotas mais do que o Porto, vai ter dificuldade em conseguir um lugar entre os quatro primeiros.

A jornada de hoje: Sangalhos-Barreirense (18 e 30), FC Porto-Queluz (17 e 30), Benfica-Olivais (17 e 30) e Atlético-Ginásio (17 e 30). Amanhã: Sangalhos-Queluz (17), FC Porto-Barreirense (20 e 30), Benfica-Ginásio (17 e 30) e Atlético-Olivais (17 e 30).

Recorde-se a classificação actual, que será adicionada à classificação da 2.ª fase: FC Porto, 38 pontos; Benfica, 36; Queluz e Olivais, 34; Barreirense, 32; Sangalhos, 31; Atlético, 29 e Ginásio Figueirense, 26 (todos vinte jogos).

Fernanda Montenegro

Uma atriz com cara de Brasil

Duda Guenes

Fernanda Montenegro, como atriz, é para o Brasil o que Lawrence Olivier é para a Inglaterra, Simone Signoret para a França e Mário Viegas para Portugal. Fernanda Montenegro possui a personalidade e o substrato cultural e físico do artista brasileiro. Fernanda divide (para não dizer preside) com Bibi Ferreira, Tônia Carrero e Marília Pera o fechadíssimo clube das superestrelas que, fulgurantes, brilham no firmamento do Brasil.

DOS olhos de Fernanda Montenegro escreveu o crítico Paulo Alberto Monteiro de Barros, o Artur da Távola de O Globo:

— «Olho total. Capaz de instantes de tragédia. Olho maroto, moleque, brincalhão. Olho profundo, perguntador, raios x. Inteligência, agudeza, finura e humor em forma de olho. Rapidez, decisão, nitidez, romantismo guardado, recato, intimidade protegida. Olho pára-choques; olho pára-brisas; olho para poetas, luas e saltimbancos. Olho que conta a história da arte ao longo dos séculos. Olho de senhora com alma de ama. Olho de princesa decidida a se casar e formar família real. Olho de líder, diferente, honrador de quem o merece».

Mais que uma crítica, o texto de Artur da Távola melhor diria ser um poema aos olhos da atriz.

Já é rotina: Fernanda Montenegro acaba de ser escolhida pela crítica carioca como a melhor atriz de 1982, pelo seu papel na peça «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant». Merecidamente. E por unanimidade: «Com 33 anos de carreira em teatro, La Montenegro voltou a brilhar, intensamente, em 82. Seu desempenho em «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant» foi uma das principais razões do espectáculo ter-se tornado uma verdadeira «coqueluche» cultural carioca. E não sem razão. Emocionada, emocionante, apaixonada, Fernanda colocou a sensibilidade à flor da pele, o peito aberto e o coração sangrando a serviço de sua extraordinária gama de recursos vocais e corporais. Ela é o que se pode chamar de «primeira dama do teatro brasileiro» — assim, li-sonjeira, pronunciou-se a crítica que a premiou.

«Para mim, quarenta milhões

de espectadores de TV equivalem a uma sala de teatro lotada», costuma afirmar a atriz, querendo dizer como isto que, para ela, ambas lhe merecem o mesmo respeito. Teatro, cinema e televisão são as oficinas onde Fernanda pratica o seu ofício. Ofício que aprendeu com o pai, camponês que emigrou para a grande cidade para, em busca de melhores oportunidades, ser operário:

— Ele me ensinou o profundo respeito pelo ofício, pela dignidade de se exercer um ofício. Sem falsa modéstia, não me sinto uma grande atriz. Reconheço que sei o meu ofício. Além disso, sou neta de gente que imigrou para o Brasil, portugueses e italianos. Meus avós sofriam de saudades e isso me preocupou sempre. A esperança que eles alimentavam de voltar. Sou carioca e provinciana. Quero raízes — confessa Fernanda.

Essas raízes, a atriz encontrou cavando fundo a realidade do seu povo, amando seu povo, sofrendo com ele. Foi um conselho da atriz francesa, Henriette Morineau, radicada no Brasil, que alertou-a para esta realidade:

— É verdade que logo que o Fernando e eu nos casámos quase não resistimos. Apareceram convites da BBC, da Rádio Difusão Francesa, bolsas-de-estudos importantes. Estávamos pensando seriamente em ir por alguns anos quando Morineau disse que éramos loucos: «O que vocês vão fazer lá? O teatro de vocês é novo e está aqui. Na Europa, vocês vão aprender um gestual que não é o de vocês, uma preparação vocal que não é a de vocês. Daqui há dois ou três anos, vão ter que desaprender e reaprender em português. Aqui é que está a realidade do seu teatro.» — Foi o

mais sábio conselho que alguém nos deu — reconhece.

O longo aprendizado

Fernanda Montenegro iniciou-se na rádio, onde permaneceu 13 anos. Em teatro, estreou-se a 8 de Dezembro de 1950, numa *pecinha*, (*Altitude 3200*), quando conheceu Fernando Torres, seu marido, com quem está casada até hoje. Olavo de Barros, crítico de olho clínico logo reconheceu naquela jovem debutante, um talento fora de série. Levou-a para fazer o seriado *A Candidata*, as aventuras de uma aspirante a atriz. Durava 30 minutos e já tinha filmagens externas. Fez sucesso e por isso Fernanda tornou-se a primeira atriz contratada da televisão brasileira, por um período de três anos.

Depois, sob a direcção de Chianca de Garcia (o famoso realizador português recentemente falecido), fez um ciclo sobre a história do teatro universal e outro sobre o brasileiro, quando teve oportunidade de interpretar *Antígona* e participou de peças de Anchieta, António José de Judeu, Martins Pena, Abade Faria Rosa, Oscar Wilde, entre outros muitos outros.

Sempre dividida, ora na TV ora no palco, Fernanda nunca havia participado de telenovela. Apenas em 1979, na *Bandeirantes*, La Montenegro, depois de muitos convites, aceitou entrar em *Cara a Cara*, de Vicente Sesso. Em 1981, finalmente, *Baila Comigo* e ainda no finalzinho deste mesmo ano, *Brilhante*, de Gilberto Braga.

No cinema, Fernanda Montenegro marcou presença com dois desempenhos memoráveis: *A Falecida*, de Leon Hirzmann, adaptação da peça do mesmo nome de Nelson Rodrigues e *Eles Não Usam Black-Tie*, também de Leon, da peça de Gianfrancesco Gurani — no fundo sempre o

teatro.

Teatro, que para ela, é uma loja onde os artesãos expõem seus trabalhos, o envolvimento, por isso é mais real, trata-se de um microcosmo. Já a televisão é um macrocosmo.

Um balanço

«Sempre fui uma adolescente com um sentido grande de maturidade. Hoje tenho maturidade e um sentido de adolescente dentro de mim», constata Fernanda, dando um balanço na sua carreira, ma-



Fernanda Montenegro, a Sílvia do «Baila Comigo», estrela maior do teatro brasileiro

dura de já 33 anos. Valeu a pena? Compensa, Fernanda?

— No momento em que você dá certo, é herói. Mas se não dá certo... vira marginal, aquelas coisas. Não sei bem o que perdi, o que ganhei. Não me preocupo com isso porque cada um tem direito de achar se ganhou se perdeu... — responde reticente, deixan-

do a pergunta suspensa no ar.

«Nada lhe direi, Fernanda, senão que o seu talento é um grande orgulho para todos nós, para mim pessoalmente ele é uma reicidência. As homenagens do seu admirador feliz. Assinado: Carlos Drummond de Andrade».

Penso que o poeta respondeu por todos nós.

600 anos da revolução de 1383 assinalados na RDP-2

O Programa 2 da RDP vai transmitir, a partir do próximo dia 27, um ciclo de programas destinados a assinalar os 600 anos da Revolução 1383-85.

Revolução popular, revolução burguesa, simples crise, a revolução de 1383-85 foi para Oliveira Martins «um juízo de Deus», para Oliveira Marques um acontecimento decisivo na História Portuguesa e um dos grandes testes da sua independência.

A crise, como é vulgarmente conhecida, continua ainda hoje a ser objecto de polémica.

O ciclo de programas que o Programa 2 vai transmitir conta com a participação de especialistas — professores e historiadores — e abordará a vasta problemática relacionada com este acontecimento.

O calendário das emissões é o seguinte:

Dia 22, às 21 horas, «Reflexos da peste negra de 1348 na revolução de 1383-85», com Humberto Baquero Moreno (repetição em 4 de Março, às 11 horas).

Dia 8 de Março, às 21 horas, «O reinado de D. Fernando e o seu significado; papel da no-

breza», com José Matoso, António Borges Coelho e Joel Serrão (repetição em 18 de Março, às 11 horas).

Dia 22 de Março, às 21 horas, «A acção dos mestoeiros na revolução de 1383-85», com Maria José Pimenta Ferro (repetição em 1 de Abril, às 11 horas).

Dia 5 de Abril, às 21 horas, «Enquadramento europeu da revolução de 1383-85», com Joel Serrão e António J. Ramos dos Santos (repetição no dia 15 de Abril, às 11).

Dia 19 de Abril, às 21, «A revolução de 1383-85: os factos e as interpretações», com Humberto Baquero Moreno, António Borges Coelho, Joel Serrão e Maria Manuela Gonçalves (repetição em 29 de Abril, às 11).

Dia 3 de Maio, às 21, «Consequências da revolução de 1383-85», com Humberto Baquero Moreno, António Borges Coelho e Orlando da Rocha Pinto (repetição em 13 de Maio, às 11 horas). Todos estes programas na série «Ciclos de História».

Na série «Temas», será apresentado em 3 e 13 de Abril, respectivamente às 21 e às 11 ho-

ras, o programa «Fernão Lopes — a renovação historiográfica», com António José Saraiva, Joel Serrão e Maria Manuela Gonçalves.

Na série «Para Além da Leitura», serão apresentados:

Dias 5 e 10 de Março (às 21 e às 13.55, respectivamente), «A historiografia nos sécs. XIV e XV-Fernão Lopes», com Teresa Amado.

Dias 12 e 17 de Março (mesmo horário), «O Romanceiro tradicional no final do sé. XIV — a língua e o despertar da consciência de nacionalidade», com Pedro Ferré e Lindley Cintra.

Dias 19 e 24 de Março, «A lírica no final do século XIV», com Elsa Gonçalves.

Na série «As Cores e as Formas», será emitido nos dias 9 e 14 de Março, respectivamente às 21 e às 11 horas, o programa «O aparecimento dos tipos populares na pintura portuguesa, após as transformações de 1383», com Rui Mário Gonçalves.

Na série «Teatro», um programa sobre «Dramatização de textos do séc. XIV irá para o ar no dia 25 de Março, às 21.45.

Roda pé

José Duarte



A primeira prateleira

«To be or not to bop»
Dizzy Gillespie

Agora que parece que a cena editorial acordou para o Jazz, é conveniente subir às prateleiras e folhear, ao acaso, alguns livros que versam o mundo dessa música, os seus autores e as suas obras. Quando digo acordou, refiro-me às duas mais recentes edições-traduções, por acaso ambas autobiografias: a de Billie e a de Mingus. Mais acrescentaria, que a bibliografia-jazz é, internacionalmente, tão vasta e diversificada, que está na hora de editar livros de pura iniciação, onde se estudem vidas, obras, história e estética. Para aguçar p apetite, aqui fica desarrumada a primeira prateleira.

«Miles Davis — A Critical Biography»

Autor: Ian Carr
Editor: Quarteto Books Ltd. (1982)

Embora Miles, assim como assim, mais coisa menos coisas, seja o Pablo Godard do Jazz, o que é um facto é que, de livros sobre ele, estamos mal. Há poucos e desactualizados. Este, é a inevitável excepção concebida por um trompetista inglês da família Carr, irmão de Mike careca.

que visitou e revisitou este país desde os alvares dos 60, começando no «Quinteto Académico», o da boa-memória, e participando como pianista no último disco do nosso craque Rao, gravado num Cascais-Jazz. Agora o mano Ian, que é jazzman internacionalmente reconhecido e medalhado, sabe TUDO sobre Miles.

Alinhou mais de 300 páginas sobre a vida musical do génio, sempre com uma opinião esma-

gada pela admiração, mas cheia de informações, biográficas e de talhes técnicos. A obra de Miles que vem desde os anos 40 até hoje, é, aqui, dissecada ao menor e complementada com bibliografia davisiana, exemplos musicais pautados, discografia e uma actualização asfixiante.

Claro que o livro custa treze libras e meia, sem culpas para a libra, mas se o ler e ouvir a obra do príncipe (alguma dela disponível em Portugal), fica a domi-

nar a coluna vertebral do Jazz dos últimos 30 anos. Pelo menos.

«52 nd St. — The Street of Jazz»
Autor: Arnold Shaw
Editor: DaCapo Press (1977)

Originalmente publicado em 1971, com o título «A rua que nunca dormiu», este é um passeio pela rua de Manhattan que maior importância teve no jazz em meados deste século. Claro

que a rua itself não teve importância nenhuma!... O que ela era, era o lugar geométrico dos clubes neorquinos (como dizia Ferreira de Castro), dedicados ao jazz. Porta sim, porta sim, e, lá dentro, os grupos e solistas que escreveram a história do jazz de então. É por isso que o livro se debruça sobre a personalidade como Benny Carter ou Red Norvo ou Dizzy Gillespie e clubes como o «Famous Door» ou o «The Three Deuces» ou o «Hickory».

Sai perfume das páginas, perfume que ajuda a ouvir os solos de antanho e a imaginar toda a malandrice e aceleração da época. É por estas e por outras que o jazz tem fama (e proveito) de ser música da noite. O livro tem 64 fotografias e uma delas é a da «Chiquita» (pág. 227), bicho da marca da Chihuahua, que sempre acompanhava Billie Holiday. Tudo isto, e o resto também, faz parte do jazz, que é, além do mais, uma maneira de viver. Pouco respeitada.

«Giants of black music»
Autores: P. Rivelli e R. Levin
Editor: DaCapo Press (1979)

Curto, mas eficaz é o prefácio entregue a um dos crânios mais notáveis dedicados a pensar o jazz, o que, como devem calcular, também faz falta. Conheci o

crânio, tapado com boina basca, no princípio dos anos 60 numa sala duma universidade em Nova Iorque, discursando sobre a música de Ornette e sem tirar os discos, sem capa, do sovaço!! A família-jazz é diferente da família-erudita, mas até não usar capas nos LP's vai uma grande diferença!...

O homem chama-se Nat Hentoff e mistura política com música para a perceber melhor. A qual? As duas!... A seguir ao prefácio, alinham-se vários textos e entrevistas da autoria do mesmo Nat, do casal-autor e de Frank Kofsky, um inquietante radical que mora na esquerda norte-americana. Na Califórnia.

Os assuntos versados, em prosa, escolhem gente da vanguarda que já o foi, como Shepp, Pharoah, Tapscott, Coltrane, Lancaster e vários outros temas relacionados com a angústia do moderno e da sua aceitação. Exemplo: «A necessidade dum público educado». Livro a ler com um pé atrás e uma sobranceira franzida até porque o público não é educado, é educado.

Há mais prateleiras para desarrumar, mas, entretanto, siga o meu conselho: por cada capítulo que ler, oiga dois discos.

A música é como a camurça para os óculos: limpa, clarifica e evita o embaciamento.

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin 16



Copyright Dargaud/Meribérica/-DL-

continua

Notícias da BD



Redol e José Ruy na Buraca

Encerra hoje uma exposição patente na Biblioteca António Aleixo (Rua 5 de Outubro, 25 Buraca) de desenhos de José Ruy sobre uma história de Alves Redol, «Por que não hei-de acreditar na felicidade». A sugestão ainda é válida para a tarde de hoje. Basta dar um pulo à Buraca. Entretanto, está em estudo uma exposição de originais do mesmo autor em Almada, no âmbito das comemorações do quarto centenário da morte de Fernão Mendes Pinto. Como se sabe, José Ruy é o autor de uma versão em banda desenhada da «Peregrinação». Voltaremos a falar desta iniciativa do sector cultural da Câmara de Almada.



«Blagues à Tabac»

Sobre as relações entre a Banda Desenhada e o tabaco fez-se há tempos uma exposição em França, organizada pelo museu-galeria «SEITA».

«Blagues à tabac» exprimiu de modo sugestivo o modo como os criadores de quadrinhos souberam utilizar todos os modos possíveis e imagináveis de fumar, para tipificar (ou estereotipar...) personagens ou dramatizar acções.

Da boquilha da mulher fatal à beata do proleto, do charuto do homem de negócios ao cachimbo do marinheiro, de tudo foi dado sinal naquele certame. Pranchas originais sobre o tema, de Cestac, Margerin, Fred Veyron e Pratt, entre outros, condimentaram as piadas do tabaco. Fiquem-se com esta pequena amostra.

Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança e pela dos outros.

circular e viver.



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Crimes para todos os gostos

Um escândalo. Ou uma provocação. Ou uma terrível inconsciência. Algo que não tem explicação, justificação, desculpa. Perante a qual todo o vocabulário, com as suas armas mais pesadas, se torna insuficiente.

Tudo começou por um erro. Sábado passado (visto que a restrição obrigatória ao consumo de energia só entraria em vigor na segunda-feira...) comunicaram que iam transmitir a última «história de crime e mistério». Mas havia um percalço de que não deram conta a tempo: a história tinha dois episódios: transmitir o primeiro e deixaram a audiência dependurada.

Solução: transmitirem a pilula de terror ontem, a hora de grande audiência! História, como bem se entende, propicia a um bom divertimento (nisto de crimes, desde que não sejam nós as vítimas, é uma alegria) e a uma noite povoada de bons e calmos sonhos. Bai, bai, amiguinhos, durmam bem...

A Televisão está nas mãos de um «gang» de incompetentes, de ignorantes. Se não de gente mais finória. Tudo se passa como se se pretendesse levar as pessoas a dizer: «Pois, vejamos lá se aconteciam coisas destas quando lá estava o dr. Proença de Carvalho...»

Dir-me-ão, talvez, que a minha imaginação se tornou mórbida. Claro. Com emissões

destas o que é que vocês queriam...

«Liberdade» e liberdade

Mas há mais, caríssimos. Ontem de manhã, passava pouco das nove, havia pelo menos duas pessoas neste mundo que estavam mortos de sono: eu e o Raul Durão.

A certa altura, oiço a voz monótona do Durão, em registo excessivamente alto para ver se se acorda a si próprio. Dizia ele que na Suécia iam legalizar o incesto ou seja, explicava ele, «as relações sexuais entre irmãs»...

A provável audiência daquela hora recrutar-se-á nos estratos sociais mais vulneráveis a agressões deste género. Se o sensacionalismo é condenável sempre, com mais razão o é na Televisão.

Ai que saudades eu tenho do dr. Proença de Carvalho, no tempo dele não aconteciam destas coisas, etc. e tal. Pelas mesmas razões tenho saudades do tempo do prof. Marcelo Caetano. E já agora, que saudades do prof. Salazar...

Durões e outros que toões dão a cara à imagem de um mau exercício da liberdade que precisamente se volta — contra a liberdade.

O crime da vitamina

E a respeito de crimes... O dr. Rego de Aguiar fez à sua

rubrica o pior que lhe podia fazer: transformou-a num curso. Mas agora não se trata disso. É outra coisa.

Contou ele que as carências de vitamina B12 eram hoje menos entre as crianças porque o IASE distribuía leite às crianças da primária.

Eu conto. Nos tempos pavorosos do gonçalvismo as crianças portuguesas passavam a ter seu leite, seu pão, sua fruta, seu queijo. O Estado descobriu as crianças em Portugal. Foi um deslumbramento. Uma festa.

Depois, o negregado gonçalvismo foi arredado, e as crianças ficaram sem seu pão, sua fruta, sua fatiazinha de queijo. Restaram-lhes dois decilitrinhos de leite. Que, obviamente, não chega para o suprimento da vitamina doze...

Mais um crime neste País. No entanto, a memória do povo é grande. Por isso, no seu coração, criança e Vasco são duas palavras para sempre unidas.

País rico???

Ontem, antes do crime propriamente dito, assistimos a uma emissão do Variety Club, organização que se dedica à prática da caridade.

O centro de interesse era o actor e realizador Burt Reynolds, «símbolo sexual», qualquer

coisa como 30 filmes por ano, número um da bilheteira nos Estados Unidos — onde havia de ser?

Cantava-se, discursava-se, parolavam-se. Com anedotas. Assim: «Tenho duas notícias para lhes dar. Uma boa, outra má. Primeiro, a má: os ingleses foram à Lua. Depois, a boa: todos...». Riso universal. Vinganças colonialistas?

Contava o Reynolds: «Quando eu morrer, vão dizer que entreguei documentos secretos aos nazis (risos) e que tive uma aventura homossexual com o Charles Bronson (risos). Mas hoje em dia, entregar documentos aos nazis já não tem grande importância e o Charles Bronson nem atende os meus telefonemas (risos, claro).»

O produto da festa destinava-se à criação «de um pavilhão de pediatria para crianças pobres».

Crianças pobres. A expressão mais infame, tão naturalmente pronunciada no país mais rico. Se é que se pode considerar rico um país com crianças pobres...

Campanha eleitoral já começou

Telejornal. O noticiário do PSD e do CDS ocupou um terço da emissão. Não é por nada, mas como estamos a falar de crimes, achei que vinha a propósito.



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

“Assistentes convidados — Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa:

Está aberto concurso para a disciplina de Matemática Aplicada às Ciências Sociais e Humanas.

Os candidatos devem apresentar na Secretaria da Faculdade, dentro do prazo de 10 dias, os seus requerimentos, dos quais constará:

- Nome completo;
- Filiação;
- Data e local de nascimento;
- Estado civil;
- Residência;
- Número e data do bilhete de identidade e serviço de identificação que o emitiu;
- Classificação final da licenciatura e indicação da Universidade onde a concluiu;
- Quaisquer circunstâncias susceptíveis de apreciação do mérito que possam constituir motivos de preferência legal.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 16 de Fevereiro de 1983

Pel'O Presidente do Conselho Directivo
(assinatura ilegível)

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



GRANDE CONCURSO DA
REGISCONTA
aquela máquina
na EUROPA!

7 VIAGENS DUPLAS, COM TUDO PAGO
E MAIS PREMIOS! CONSULTE OS JORNAIS
CORREIO DA MANHÃ — O GLOBO
TEMPO — PRIMEIRO DE JANEIRO

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

MOÇÃO

Os trabalhadores das Cooperativas Agrícolas do Concelho de Santiago do Cacém, reunidos em plenário no dia 12/2/83 exigem:

— O fim da ofensiva contra a Reforma Agrária que este Governo, apesar de demitido, prossegue, agora com os leilões ilegais das terras das Cooperativas.

— A devolução das terras usurpadas por reservas ilegais e que sejam cumpridos os despatches do Supremo Tribunal Administrativo.

— Afirmam a sua firme disposição de continuar a lutar pela defesa da Reforma Agrária e para que seja reposta a legalidade democrática, nos campos do Alentejo.

— Estão dispostos a dar o seu contributo para que das próximas eleições saia uma nova correlação de forças políticas que varra a Área do poder político e defenda o Portugal de Abril.

Alvalade 2 de Fevereiro de 1983

Hoje



Amélia Rey Colaço é a convidada desta noite, do programa Venha Tomar Café Connosco

- 15.20 **Festa é Festa** — rei da festa: Fernando Ribeiro de Mello.
18.30 **«Galáctica»** — 18.º episódio. Intérpretes: Richard Hatch, Dirk Benedict, Lorne Greene, Herb Jefferson Jr. Maren Jensen, Terry Carter e Fred Astaire. Realizador: Rod Holcomis.
19.25 **O Tempo**
19.30 **Telejornal**
19.45 **Semanário**
20.40 **«Dallas»** — intérpretes: Fern Fitzgerald e Bob Hoy.
21.40 **Venha Tomar Café Connosco** — convidada: Amélia Rey Colaço. Artistas: Simone de Oliveira, Duo Romeu e Julieta, Dina e Mara Abrantes.



O actor Richard Burton, principal intérprete do filme «A 5.ª Ofensiva», que se exhibe na RTP-2

- 14.02 **Troféu** — inclui, das 14.30 às 16.00 horas, a transmissão directa de Dublin, via Eurovisão, do jogo do Torneio das Cinco Nações Irlanda - França.
20.00 **Sábado Especial** — «A 5.ª Ofensiva». Com Richard Burton e Irene Papas.
21.50 **Clube de Jazz** — Cascais Jazz/82. Neste Clube de Jazz, espaço para o 2.º programa do Cascais Jazz/82, com o Quarteto de Richie Cole.

Amanhã



- 10.15: 70X7; 10.45: Eucaristia Dominical; 11.30: Tempo dos Mais Novos; 13.00: Sumário; 13.10: TV Rural; 13.40: Já Cá Canta; 17.15: Vivamusica; 18.10: «Fama»; 19.05: Cartaz TV; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: «Amor em Tempo de Guerra»; 21.30: Girabola.

- 18.32: No Reino de Neptuno; 20.00: Os Grandes Rios; 20.55: Top/2; 22.00: «A Lei de McClain».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Venha Tomar Café Connosco (22.10)



«A 5.ª Ofensiva» (20.00)

...e sugere para hoje...



«DALLAS»

Cliff Barnes utiliza a sua arma mais poderosa contra J. R., quando este parece ser o vencedor. Sue Ellen aceita o pedido de casamento de J. R. deixando Clayton Farlow bastante desiludido, e, quando se celebra, em Southfork, a reconciliação de Sue Ellen e J. R., surge a notícia do suicídio de Cliff. Miss Ellie culpa J. R. e retira-o da presidência da E. Oil. Rebecca ameaça utilizar a sua fortuna para destruir os Ewings...

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO

Rua Bento José da Cruz 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



rôteirô cultural

Homenagem a Herberto Helder

O poeta Herberto Helder será homenageado na próxima segunda-feira, na Casa do Infante, no Porto, com uma noite de poesia e música dedicada aos seus 25 anos de trabalho literário. Hora marcada: 21.30. Fernando Guimarães fará uma interpretação da poesia de Herberto Helder, Manuel Cintra dirá poemas de «Poesia Toda», a soprano Palmira Troufa e o pianista Fernando Jorge interpretarão «lieder» e melodias francesas, e Eunice Muñoz encerrará, dizendo poemas de «Os Passos em Volta».

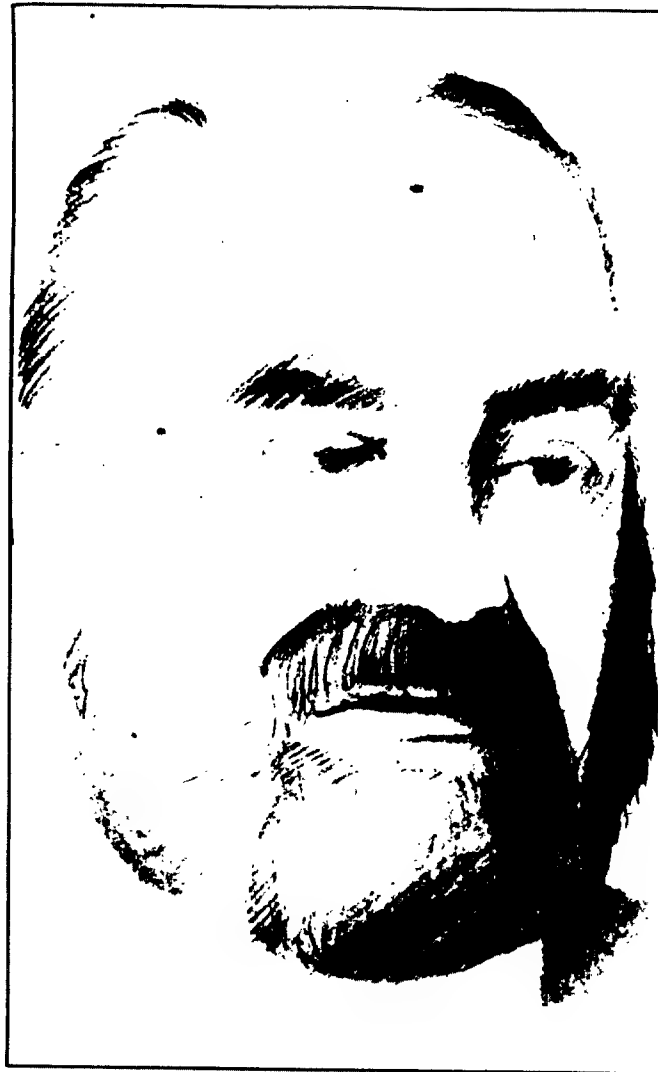
A iniciativa é da editorial Oiro do Dia que, como continuadora da editorial Inova, comemora 15 anos de actividade.

Semana de Trás-os-Montes

Na Escola Secundária da Portela de Sacavém vai decorrer uma Semana de Trás-os-Montes que principiará 2.ª-feira, às 12.30, com a abertura de 2 exposições: uma, na biblioteca da escola, bibliográfico-documental, de fotografias, traje, utensílios tradicionais, recolha da tradição oral, gastronomia, folclore, história local; outra, na sala de convívio, em que predominarão os trabalhos dos alunos. Na mesma ocasião,

sairá um número especial de «O Jornalista» (nome do boletim da escola) dedicado a Trás-os-Montes.

O programa prossegue na 3.ª-feira, às 18.30, com a exibição de «O Comunitarismo Agro-Pastoril de Barroso», filme de Nuno Monteiro Pereira. Na 4.ª-feira, às 10 horas, o padre dr. António Fontes, de Vilar de Perdizes (Montalegre) orientará um colóquio sobre «Como fazer uma monografia de aldeia»; às 12, será exibido o filme «Máscaras», de Noémia Delgado, e às 18.30 haverá um colóquio sobre «O Amor em Barroso», animado pelo padre António Fontes. Na 5.ª-feira, às 18.30, exibe-se «O Som da Montanha», filme de Nuno Monteiro Pereira. Na 6.ª-feira, às 10 horas, «Trás-os-Montes no plural», colóquio pelo dr. Pais de Brito, antropólogo, professor no ISCTE; às 17.30, abertura de uma exposição fotográfica sobre jogos populares transmontanos, a cargo do Centro Cultural Regional de Vila Real; às 18, «Aspectos da Poesia Medieval Portuguesa», colóquio pelo dr. António Cabral, de Vila Real. No sábado, dia 26, às 9.30, «Parque Natural de Montesinho — razões da sua criação e objectivos», colóquio, filme e diapositivos, pelo engenheiro Dionísio Gonçalves, presidente da Comissão Instaladora do Parque Natural de Montesinho (Bragança); às 11 horas, «Uma das facetas da alma do



Retrato de Herberto Helder por Armando Alves

povo transmontano — as pragas», colóquio, diapositivos, pelo padre Belarmino Afonso, director do Grupo Etnográfico de Babe; às 12.20, «Jogos populares transmontanos, uma forma de vida», colóquio pelo dr. António Cabral; às 13.30, almoço transmontano; às 15.30, realização de jogos populares transmontanos, sob a orientação do dr. António Cabral e de Ilídio Martins, respectivamente director e animador cultural do Centro Cultural Regional de Vila Real. Participam nestes jogos representantes de escolas primárias, preparatórias e secundárias e público em geral. As exposições estarão abertas ao longo da semana, das 9.30 às 13 e das 14.30 às 18.30 horas.

Conferências

Na próxima 2.ª-feira, às 17.30 horas, nas instalações do Museu de Marinha, em Belém, o coronel Nuno Valdez dos Santos apresentará uma comunicação subordinada ao título «Setecentos anos de Estudos Navais em Portugal».

Livros

O escritor Vicente Campinas, esta tarde, a partir das 16 horas, na Codilivro (Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A), autografa o seu último livro, intitulado «Pulos ao deus dará». Também a partir da

mesma hora, e no mesmo local, Maria Alcina autografa o seu primeiro livro de poemas, «Retalhos».

José Saramago e Luís Francisco Rebelo, que comentará o romance «Memorial do Convento», estarão na próxima 2.ª-feira, às 21.30, na sede da Associação Portuguesa de Escritores (R. do Loreto, 13, 2.º). A iniciativa integra-se no ciclo «O último livro do autor». Entrada livre.

O professor José-Augusto França, da Universidade Nova de Lisboa, proficará uma conferência subordinada ao tema «Pombal e a sua cidade. Um discurso arquitectónico e simbólico» a assinalar o lançamento do número especial da «Revista de História das Ideias» comemorativo do 2.º Centenário da Morte do Marquês de Pombal, que o Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra vai levar a efeito no próximo dia 21, pelas 17 horas, no Anfiteatro 1 daquela Faculdade.

Teatro

A Companhia de Teatro de Santarém apresenta-se hoje (às 21.30) na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, com o seu espectáculo «A morte de Abjer — o Garanhão», sobre texto de Prosper Merimée. Encenação de Fernando Mora Ramos e cenografia de José Carlos Faria.

NOTARIADO PORTUGUÊS

OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA DA HORTA SECA, NÚMERO SETE, SEGUNDO

NOTÁRIO
LIC. EDUARDO ANTÓNIO CORREIA DE AZEVEDO

CERTIFICADO para efeito de publicação, que por escritura de 7 de Fevereiro de 1983, lavrada de fols. 67-v. a 69-v. do Livro 143-B de notas deste Cartório, saíram da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «SANTOS, NUNES & MARQUES, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua das Gáveas, números 15 e 17 e renunciaram à gerência os sócios José Almeida Santos e Vitória Ramos Pereira Santos, os quais autorizaram que o eu nome «SANTOS» continue na firma social.

É certidão de narrativa sob a forma de extracto e vai conforme com o original.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1983.

(ass. ilegível)

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (m/13)



UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO

Textos de A. R. Chiodo. Direcção: Helder Costa

3.ª e SÁB. 21H30. DOM. (sáb) 18 H.

EM EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ART. CULTURA E CENICA

rádio

Antena Um

17.00: Informativo de trânsito; 18.00: Turma da um — livros e gente; 19.00: Mosaico; 20.00: Teatro radiofónico; 21.00: Livre e directo; 23.30: Jornal da noite (RDP/Norte). Noticiários intercalares às 15.00, 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

16.00: O pianista Cláudio Arrau; 16.30: Interpretes portugueses; 17.00: Temporada de concertos da Orquestra Sinfónica da RDP; 19.10: Música de câmara; 20.10: «Canções do Wesendonck», de Wagner; 20.35: Solos de piano; 21.20: Música de câmara, de Bruckner; 22.06: Música de bailado; 22.48: Música de câmara, de Bela Bartók; 23.15: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Música para meditar; 23.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Concerto em FM; 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sintonia fim-de-semana; 17.00: Cantigas à portuguesa; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Saltitão; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Porto especial fim-de-semana; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 656

HORIZONTAIS:

1. Aparlhados.
2. Interjeição usada pelos caçadores quando apalam os cães (Bras). Sem: Ihante.
3. Criaturas humanas. Ninfa das fontes e florestas personificação do eco.
4. Enterradas em lodaçal.
5. Principal rio da África. Cousa nenhuma.
6. Época. Greda branca. Grande quantidade.
7. Nota musical. Negativa. Bismuto (s.q.).
8. Pássaro do Brasil. Bosque.
9. Mulher astuciosa. Nome de mulher.
10. Nome de fruto. Têrbio (s.q.).
11. Grande mala. Tempo do verbo haver.

VERTICAIS:

1. Vasilha de barro ou metal.
2. O vencimento diário de um soldado. Cólera. Preposição.
3. Divisão de uma casa. Planta do pé.
4. Tampa para vasilha. Capital do estado do Rio Grande do Norte.
5. Ressoa. Choupana.
6. Censuras. (fig). Rata. Cobalto (s.q.).
7. Sentidas condolências. Apellido.
8. Prefixo de privação. Ilha da Polinésia.
9. Artífices.
10. Indivíduo sobre quem se sacou uma letra de câmbio. Cidade de Inglaterra.
11. Cidade da Argentina. Bário (s.q.).

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9516

HORIZONTAIS:

1. Erro.
2. Estima. Levantara.
3. Cavaleiro da milícia turca. Ri sem ruído.
4. Gorgiejo. Naípe das cartas de jogar.
5. General de Napoleão. Atavies.
6. Gostar muito de. O mesmo que pétele.
7. Maceraria. Espera resposta (abrev).
8. Esmaga. Arraste.
9. Vedado. Gavinhas.
10. A Irlanda. Caruma.
11. Miriari. Alternativa. Ruído.

VERTICAIS:

1. Ala ou flanco (ant). Negativa. Possui.
2. Assassinar. Rosto.
3. Desabarim. Letra grega.
4. Nota musical. De Roma.
5. Juízo. Faça doação de. (inv).
6. Era cristã. Lenço usado entre os Romanos para limpar a boca.
7. Em as. Artigo definido.
8. Esbarrarem.
9. Palmeiras da Amazônia. Remoinhos na água.
10. Ruténio (s.q.). Vergonha.
11. Alcançares com a vista.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 655

HORIZONTAIS:

1. Aral. Ancas.
2. Baraca. Ota.
3. Aramara.
4. Carlota. Rs.
5. Perua. Cás.
6. Ar. USA. Fo.
7. Icaro. Om.
8. Odalisca.
9. Osaca.
10. Ema. lates.
11. Séria. Amais.

VERTICAIS:

1. Aba. Pai. Sés.
2. Ra. Cerco. Me.
3. Armar. Adoar.
4. La. Ruas.
5. Cala. Olaia.
6. Aaro. Iça.
7. Atis. Satã.
8. Coma. Arc. Em.
9. Ata. Ansa.
10. Sarrafo.
11. Assomaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9515

HORIZONTAIS:

1. Lamas. Aquém.
2. Abara. Surro.
3. Dana. ED.
4. Doa. Crime.
5. Agá. Ria. Rd.
6. Recalca.
7. Ca. Matar. Ps.
8. At. Revras.
9. Lança. Aa. Ro.
10. Miasse.
11. Aso. Pola.

VERTICAIS:

1. Ladra. Calma.
2. Aba. Alais.
3. MANDAR. NÃO
4. Arão. Em. Cs
5. Sa. Arcaras
6. late. Eu.
7. As. Calavas.
8. QUER. Cria.
9. Urdia. Po.
10. Er. Md. PAR.
11. Mote. Assola.

Provérbio. Mandar quer par.

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	62\$65	68\$65
ALEMANHA FED (marco)	37\$75	38\$85
AUSTRIA (xelim)	5\$25	5\$45
BELGICA (franco)	1\$738	1\$938
BRASIL (cruzeiro)	\$123	\$243
CANADA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5 a 1000)	73\$45	75\$45
DINAMARCA (coroa)	73\$95	75\$95
ESPAÑA (peseta)	10\$65	11\$05
EUA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5 a 1000)	\$667	\$787
FINLÂNDIA (marka)	90\$80	92\$80
FRANÇA (franco)	90\$50	92\$50
HOLANDA (florim)	16\$90	17\$50
INGLATEIRA (libra)	13\$25	13\$95
IRLÂNDIA (libra)	34\$15	35\$15
ITALIA (lira)	139\$75	143\$75
JAPÃO (yene)	125\$70	129\$70
NORUEGA (coroa)	\$059	\$069
SUECIA (coroa)	\$352	\$387
SUIÇA (franco)	12\$80	13\$30
SWÉDIA (coroa)	12\$20	12\$80
SWÍZERA (franco)	45\$35	46\$45
VENÉZUELA (bolívar)	17\$75	18\$75

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
007, OPERAÇÃO RELÂMPAGO

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
10.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
11.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
3.ª Semana
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
OS CONQUISTADORES DE DOMINGO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 24
O CASTELO DE MALDORAIS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
007, OPERAÇÃO RELÂMPAGO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
- Int. men. 13 a.
3.ª Semana
Às 24
FORT APACHE, THE BRONX

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O DIREITO DE SER FELIZ
Amanhã às 11
OS ALEGRES PIRATAS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A BELA SICILIANA
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
ADEUS AMÉRICA
Às 24 - Int. men. 18 a.
O DRAGÃO DE OURO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Um polícia só... contra a cidade corrupta
O PRINCEPE DA CIDADE
c/ Treat Williams
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
Às 24
O DIA DO PERDÃO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA
4.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A agressão do amor que despoja, desejo implacável da paixão adolescente!
O PADRASTO
c/ Patrick Dewaere

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
AS QUENTES OITES DE CALÍGULA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CACADA DE DUROS
Às 19.15
MADRAGOA
Às 24
O COMBOIO DO INFERNO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O GRANDE DESAFO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
EFFI BRIEST
Às 24
ESTRANHA FORMA DE AMAR

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
GARDÊNIA, O INDOMÁVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SEM SOMBRA DE PECADO

A luta de uma mulher pela sua liberdade no filme de Fassbinder AMOR E PRECONCEITO



Em exibição no Nimas

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 00.45
O DUETO DA CORDA

SALA 2

Às 14, 16, 18, 20 e 22
- N. ac. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 00.45
O HOMEM ELEFANTE

SALA 3

Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores de 18 anos
ANDREI RUBIOV
Às 00.45
O TÍMIDO E A SOLTEIRONA

SALA 4

Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
- N. ac. m. 18 anos
MALOU
Às 00.45
TUDO O MODO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUARTO DE HOTEL
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FELINA

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTORIA
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
c/ Nick Nolte
6.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
6.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
10.ª Semana
Às 24
AMARCORD

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTORIA
Domingo às 11.15
OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
24.ª Semana
Às 24
ÓDIO VELHO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PRIMAVERA PERDIDA
3.ª Semana
Às 23.45
O NAVIO FANTASMA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Boncos Sexuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - «Cocktail Sexual», sessões permanentes (18 anos)
ZODÍACO - «Newsweek», às 21.30 (6 anos)
RETELO - «Fúria de Vencer», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «O Homem das Lentes Mortais», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Inspector Martelada no Nilo», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium» - «A Espada e o Feticheiro», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Apocalipse Now», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - «Oleiros-Cine» - «Firefox», às 21.15 (13 anos)
PARADE - «Royal-Cine» - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - «Cineclândia» - «Rocky III», às 21.30 (18 anos)
ESTORIL - «Casino» - «Mad Max 2, o Guerreiro da Estrada», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Palácio» - «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Impala» - «Viva o Divórcio... dos Outros», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «The Rolling Stones», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V» - «Justiciero da Noite», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cine-Plaza» - «O Vulcão», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Lido» - «Os Salteadores da Cobre de Ouro», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cineclândia» - «A Felina», às 21.30 (18 anos)
CACÉM - «Cine-Estúdio Flores» - «O

Bombardiero», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «O Mestre Escola», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel» - «Amores e Aventuras de Scaramouche», às 21.30 (13 anos)
ERICÉIRA - «Cineclândia» - «Mercenários por Conta Própria», às 21.15 (18 anos)

Outra banda

CUSTA DE CAPARICA - «Silcine» - «Mad Max 2», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - «Incrível» - «O Salteador», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «Os Salteadores da Cobre de Ouro», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «Nova torquês 1997», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - «Júpiter» - «A Face do Poder», às 21.15 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «A Fronteira USA», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
CHARLOT - «O Palco da Vida», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O As dos Ases», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «O Terro do Ábissos», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «Eu Zombo, Tu Zombas, Ela Zomba», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «A Ferro e Fogo», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIZ - «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L - «A Face do Poder», às 21.45 (18 anos)
ÁGUA - «20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «Noites Escaldantes», às 21.45 (18 anos)
BATALHA - «Caçada de Duros», às 26.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
TRINDADE - «Vitor. Vitória», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA**: Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA**: União, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMÕES** - «SANTA CATARINA»: Do Cobre, C. do Cobre, 82 (T. 326059); **LUMIAR**: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUÊS DA FRONTEIRA**: Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **PAMPULHA**: Hospital da CUF, C. do Sacramento (T. 609111); **RATO**: Cu-

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO - «O Suicidiário», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «Oratória», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA - «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «A Castro», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II - «A Casa de Bernarda Alba», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL - «As Taradas», às 21.30 (13 anos)
ABC - «E Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS - «Trio», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «Sala Experimental» - «Ano IV D. C.», às 21.45 (13 anos)
VARIEDADES - «Há... Mas São Verdades», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE - «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)

nha, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA**: Delva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO**: Lisbonense, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **SAPADORES**: PAIVA COUCEIRO: Europa, Av. General Rôças, 27-A-B (T. 843880); **ALGÉS**: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **ODIVELAS**: Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **PONTINHA**: Pontinha, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

PERMANENTE (Amanhã)

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Maribel, Av. de Roma, 131-A (T. 778235); **CHELAS** - «COLÉGIO VALSASSINA»: Santos Silva, zona n.º 2 de Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 386255); **ECARNAÇÃO**: Azenha, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA**: INFANTE SANTO: Alb. R. Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE**: «CINEMA ROXY»: Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **POÇO DOS NEGROS**: Modelar, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO**: G. Silva, R. Francisco Tomás Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO**: Biotfar, R. D. João de Castro, 27-B (T. 636824); **ROMA**: «TEATRO MARIA MATOS»: São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDANHA**: Cardina, Av. Duque d'Ávila, 32-C (T. 543495); **SÃO VICENTE**: Rosa e Viegas, R. São Vicente, 31 (T. 864351); **ALGÉS**: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 842725); **AMADORA**: Amadora, Pt. 25 de Abril, 3-A (T. 935518); **BRANDÃO**: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS**: Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B.

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22

farmácias

horas; **OEIRAS**: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PARADE**: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **CASCAIS**: Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIED**



RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Propriedade, Composição e Impressão:
 Administração, Redacção, Publicidade
 e Serviços Técnicos:
 RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 365740
 Serviço de noite (depois das 21):
 Porto: 321154
 Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
 Endereço Telegráfico DIBOA
 Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
 Rua do Almada, 35-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 25954/5

Distribuição: INTERPRESS
 Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
 Telefones: 322100-322204-320784



O TEMPO				
MARES DE HOJE				
PREIA-MAR	BAIXA-MAR			
6.47	3,7 m	0.16	1,4 m	
19.11	3,5 m	12.44	1,4 m	
Dia 20				
7.37	3,5 m	1.08	1,5 m	
20.09	3,4 m	13.41	1,6 m	
TEMPERATURAS DO AR				
ÀS 9 HORAS				
Viana do Castelo	10°			
Bragança	-1°			
Vila Real	5°			
Porto	10°			
Penhas Douradas	-1°			
Coimbra	10°			
Cabo Carvoeiro	10°			
Portalegre	5°			
Lisboa	8°			
Évora	8°			
Beja	9°			
Sagres	14°			
Faro	15°			
Ponta Delgada	14°			
Funchal	13°			

últimas

A Polícia que efectua pesquisas na «casa dos horrores» da Melrose Avenue, em Londres, encontrou mais fragmentos de ossos humanos e restos de vestuário. O porta-voz da Polícia adiantou que os trabalhos de inspecção nos jardins da casa podem estar concluídos no domingo à tarde. Disse que nesse dia os trabalhos centrar-se-ão no interior do edifício, com a possibilidade de levantamento de todos os sótãos. Os inspectores que intervêm no caso creem que 13 cadáveres esquecidos poderão ter sido enterrados nos jardins do nº 195 da mesma artéria da capital britânica.

«JÁ NEM NAS VELHAS podemos confiar», terão dito os polícias bolivianos que detiveram duas senhoras de idade respeitável que transportavam cocaína em ramos de flores. De 59 e 62 anos de idade, as duas mulheres foram detidas quando levavam o precioso produto da cidade de Santa Cruz para o distrito de Cochabamba, indicou fonte oficial em La Paz.

ASSALTADO PELA 10.ª VEZ o jardim infantil de Caxias A Vida esta noite, 48 horas depois do 9.º assalto em que após haverem furtado géneros alimentícios lançaram fogo às instalações, arrendendo documentos e pouco mais, devido à rápida intervenção dos Bombeiros locais, que impediram a propagação aos outros andares do edifício. Desta vez voltaram à carga levando mais géneros alimentícios e algumas roupas. Já seria altura de as autoridades policiais porarem cobro a estes desmandos que visam intencionalmente o mesmo infantário.

TRUCIDADO EM BENFICA quando atravessava a linha dos caminhos-de-ferro, foi apunhado pelo rápido que do Rossio seguia para a Amadora o septuagenário João Sabino Vieira, natural de Montemor-o-Ovo. O trágico acidente ocorreu às 13 horas e 7 minutos e parece dever-se a imprevidência da vítima.

RESIDÊNCIAS DO ESTORIL EM PERIGO devido à intensa actividade dos delinquentes que tomam as habitações como alvos preferenciais com vista ao furto de artigos de ouro e prata. Entre outras foi esta noite a vez da residência situada na Rua João António Gaspar, em S. João do Estoril, de onde levaram jóias e 200 contos em dinheiro.

DANNY KAYE o actor cómico norte-americano, encontra-se hoje em «muito bom estado» após uma intervenção cirúrgica de coração aberto, indica o boletim médico do hospital Cedars-Sinai, em Los Angeles, Estados Unidos. Um porta-voz daquele centro médico, conhecido como «Hospital das Estrelas» devido ao número de actores cinematográficos ali operados, afirmou que «embora o estado de todos os pacientes submetidos a cuidados coronários intensivos seja sempre crítico, a operação a Danny Kaye correu bem e ele está a recuperar da melhor forma».

Organização Mundial de Saúde contra o consumo de álcool

A duplicação da produção de bebidas alcoólicas, nas últimas duas décadas, poderá levar a Organização Mundial de Saúde (OMS) a estabelecer um código de conduta para o consumo de álcool.

Perante a «propagação devastadora» do alcoolismo e gravidade das suas consequências sociais e económicas, a OMS pediu um estudo à Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD).

Apesar de os resultados estarem ainda no segredo dos deuses, admite-se que o documento contenha a denúncia das estratégias das empresas multinacionais do álcool.

A indústria de bebidas alcoólicas tem realizado um processo de concentração mundial nos últimos anos, desaparecendo do mercado os

pequenos produtores para dar lugar a grandes empresas que se dedicam à produção, armazenamento, distribuição e «Marketing» partilhado por 27 empresas multinacionais com uma média de vendas anuais superiores a mil milhões de dólares para cada uma delas.

A distribuição geográfica destas empresas está ordenada da seguinte forma: nove têm sede na Grã-Bretanha, cinco nos Estados Unidos, quatro no Canadá, e seis repartidas pelo Japão, França e Alemanha Federal.

O relatório preparado pela «UNCTAD» indica que quatro das maiores empresas produtoras de álcool integram as 20 maiores sociedades de alimentação e cinco delas controlam ainda parte significativa da comercialização do tabaco.

Os custos da promoção

(publicidade) anual de bebidas alcoólicas deverá rondar os dois mil milhões de dólares.

Nos meios diplomáticos das Nações Unidas em Genebra pensa-se que muitos países estão a travar a publicação do relatório da «UNCTAD» com medo que a quebra na venda de bebidas alcoólicas venha a afectar «a galinha dos ovos de ouro» — receitas fiscais.

Em 1975 e 1979 a OMS advertiu que as doenças provocadas pelo consumo de álcool constituem um dos maiores perigos para a saúde pública mundial.

Depois do êxito conseguido com as campanhas e códigos de conduta contra o consumo do tabaco e do leite em pó pensa-se que apesar das pressões a OMS poderá vir a estabelecer um novo código sobre o consumo do álcool.

Até ao dia 1 de Março

Concorrem dezanove países ao Festival de Cinema de Berlim

Jeanne Moreau (a cantar) e Dustin Hoffman (no papel de uma mulher) destaques no primeiro dia

Jeanne Moreau e «Tootsie», último filme do americano Sidney Pollak, iniciaram, ontem à noite, o 33.º Festival do Filme de Berlim, que decorrerá até 1 de Março.

Tendo como principal intérprete Dustin Hoffman, «Tootsie» está actualmente à frente no Box Office americano. Michael Dorsey, um actor muito dotado, mas que devido às suas exigências artísticas se encontra no «plano inclinado», decide um dia disfarçar-se de mulher para se candidatar a um papel num folhetim televisivo: o papel de uma directora de hospital.

Aceite, ele consegue um gigantesco sucesso. É então obrigado a levar uma vida dupla, a de Michael Dorsey, e a de Dorothy,

nova estrela da televisão, o que não deixa de proporcionar algumas situações deliciosas.

O final do filme, em que ele é obrigado a revelar-se, o que fará durante uma transmissão em directo no pequeno ecrã, leva-o a considerar que viver como mulher lhe permitiu tornar-se um homem mulher. Trata-se de uma excelente comédia de «boulevard» centrada não na ambiguidade dos sexos, como era o caso, nomeadamente de «Victor, Victoria» de Blak Edward, mas na ambivalência da pessoa humana. «Tootsie» deve muito a Dustin Hoffman (proposto para os próximos Óscares por este papel) que desempenha sem exagerar e com muita credibili-

dade ao lado de Jessica Lang e Terry Garr.

A noite da inauguração começou com uma nota nostálgica: Jean Moreau, presidente do júri, interpretando a canção de «Que-rele», o último filme de Fassbinder (falecido em Junho de 1982), rodado em Berlim, há precisamente um ano. O presidente do município de Berlim, douor Richard von Wiese, abriu em seguida, oficialmente, o festival.

Cerca de 350 filmes deverão ser apresentados durante esta manifestação em diferentes secções: competição, forum do cinema jovem, informação, retrospectiva, festival infantil. Concorrem 23 filmes de 19 países, com uma importante participação francesa e alemã.

Obras da ponte sobre o Tejo: três milhões de contos

O custo das obras de alargamento da ponte sobre o Tejo e de construção dos respectivos acessos está orçado em três milhões de contos, informou ontem a Junta Autónoma das Estradas (JAE).

Estudos de tráfego efectuados pela JAE incluindo contagens em 26 postos e na portagem da ponte (cerca de 56 mil veículos em 16 horas, em Dezembro de 1982) apontam, de acordo com a

JAE para a necessidade urgente de implementação de acções programadas que impeçam a verificação a curto prazo de situações prolongadas de congestionamento do trânsito na-

Escola fecha devido à neve e ao frio...

Neve, gelo e frio, levaram o Conselho Directivo da escola secundária Alves Martins, de Viseu, a encerrar o estabelecimento para evitar acidentes com os alunos —, afirmaram fontes escolares.

Depois dos recentes nevões, os grandes pátios circundantes dos blocos escolares transformaram-se em pistas escorregadias onde os 3500 alunos não podem movimentar-se em condições de segurança.

Alertada para a situação a Câmara Municipal viseense mandou proceder à remoção da neve acumulada, pelo que a escola poderá reabrir segunda-feira.

Jovem leucémica francesa recusa continuar a ser «cobaia da medicina»

Valéria, uma jovem francesa de 14 anos atingida por uma forma rara de leucémia, decidiu aproveitar o tempo de vida que lhe resta e recusa-se a continuar a servir de «cobaia» à medicina anticancerosa.

Em Dezembro passado, a Justiça francesa fez jurisprudentia, ao aceitar o pedido da jovem, apoiado, aliás, pelos pais: Valéria fugira do hospital onde estava internada e queria «morrer em paz», em sua própria casa.

Em reportagem difundida ontem pela TV francesa, Valéria — que fora hospitalizada em 1979 — queixa-se de transformações físicas e psicológicas consecuti-

vas aos três tratamentos «pesados» a que se submeteu.

«Eu era uma cobaia», afirma Valéria, denunciando os efeitos secundários dos tratamentos: aparecimento de caracteres secundários masculinos como crescimento piloso e voz grave, importante aumento de peso e hemorragias frequentes, tudo isto acompanhado por marcado aumento de agressividade.

Hoje, embora não tenha ilusões quanto às possibilidades de cura, Valéria recuperou alguma alegria de viver. Regressou ao liceu e está a escrever um livro sobre os três anos que passou em meio hospitalar.

Ainda a prisão dos irmãos Rizzoli

O grupo Rizzoli/«Corriere della Sera», cujo presidente, Angelo Rizzoli, de 39 anos, e administrador delegado, Bruno Tassan Din, de 48, foram ontem presos (Banco Ambrosiano e Loja Maçonica P-2), é o primeiro grupo editor italiano com um quadro de mais de quatro mil funcionários.

Só no sector da imprensa escrita, o grupo controla designadamente seis diários, dezoito publicações mensais e treze semanários.

Entre os diários conta-se o prestigioso jornal de Milão «Il Corriere della Sera», ao qual se jun-

tam «il Mattino», jornal de Nápoles, ou ainda «La Gazzetta dello Sport», famoso jornal desportivo.

«L'Europeo», uma das três revistas semanais de informação política mais conhecidas em Itália, faz igualmente parte do grupo. A actividade principal deste continua a ser, no entanto, a edição de livros, sem esquecer os sectores da publicidade e da distribuição.

O volume de negócios global do grupo é estimado em 200 000 milhões de liras (13 milhões de contos).

Acidente nuclear britânico na origem de centenas de cancros desde 1957

Uma fuga de gás radioactivo registada em 1957 na central nuclear militar britânica de Windscale (Nordeste de Inglaterra), poderá estar na origem de mais de 260 casos de cancro na tiróide, revelou o Conselho de Protecção Radiológica da Grã-Bretanha.

O acidente foi sete vezes mais nocivo para os seres humanos do que o verificado em 1979 na central norte-americana de Three Mile Island, revela o citado relatório.

A fuga de gás registou-se depois de uma pilha de urânio enriquecido, destinada à produção de plutónio para armas nucleares, se ter incendiado. Uma nuvem tóxica escapou-se da centr, dissipando-se por cima da Inglaterra, País de Gales e Norte da Europa.

O incêndio durou dois dias e a central, que ficou inundada, encontra-se encerrada desde a data do acidente.

Segundo estimativas oficiais, este acidente poderá estar na origem de mais de 260 casos de cancro na tiróide registados entre

1957 e 1997, dos quais 13 já foram mortais. Entretanto, outras sete pessoas podem ter falecido com a mesma doença, embora localizada noutros órgãos do corpo. O relatório acrescenta ainda que várias crianças foram afectadas, depois de terem ingerido leite produzido na região onde o acidente teve lugar.

A agência governamental suíça no seu relatório que mais pessoas contaminadas podem vir a morrer a longo prazo, e que um certo número de indivíduos será inevitavelmente atingido por doenças genéticas.

A incidência anual de casos de cancro da glândula tiróide provocado por fontes de radiação «naturais» é de 360, dos quais 18 são mortais, acrescenta o estudo.

Segundo o «Daily Express», um porta-voz da Agência dos Combustíveis Nucleares terá declarado que «o relatório é uma análise estatística e teórica». Segundo a mesma fonte, «não se registou qualquer epidemia de cancro resultante do incêndio».

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ A PROXIMA SEXTA-FEIRA

SABADO 14 DE FEVEREIRO DE 1983

O bicentenário de Stendhal

Ilia Erenburg participou nos congressos stendhalianos de Paris, em 1966, e de Parma, no ano seguinte. O discurso que proferiu em Itália foi a sua última intervenção num encontro literário internacional. O escritor soviético faleceu três meses depois. «Na minha opinião, Stendhal constitui o melhor exemplo de um escritor comprometido. Interessa-me fundamentalmente a sua vocação política», afirmou Erenburg que escreveu nas suas «Lições de Stendhal»: «Penso em Stendhal com o reconhecimento de discípulo». A polémica gerada por esse ensaio publicado 25 anos antes encontra ainda ressonâncias nas palavras proferidas por Erenburg no Congresso Stendhaliano de Parma.

É com embaraço que me decido a discursar perante vós, perante especialistas que estudaram cada uma

das linhas escritas por Stendhal e cada episódio da sua vida. Não

me atrevo a intitular-me estudioso de Stendhal. Comecei simplesmente a gostar apaixonadamente de Stendhal desde os primeiros anos da minha juventude e continuo a gostar.

Começarei por salientar o facto de que, até mesmo os com-

patriotas de Henri Beyle encaram e encaram Stendhal de formas diferentes: «discípulo dos filósofos do século XVIII», «autodidacta», «jacobino», «bonapartista», «repblicano», «dilettante», «gafómano», «grande coração», «autor de romances de cordel», «escritor sem imagina-

ção», «fantasista desenfreado», «romântico genial» «realista seco», etc. etc. É extremamente difícil conciliar estas opiniões e dizer aquilo que os franceses pensam de Stendhal.

O que se pode dizer sobre os leitores russos e da sua compreensão de Stendhal, é que não são

poucos: só no último meio século, a tiragem global da obra de Stendhal na URSS rondou os onze milhões de exemplares. É provável que cada leitor tenha criado uma imagem diferente de Julien Sorel, de Fabrice e Lucien Leuwen, pois a leitura é um processo criativo e todo o leitor completa o texto com o auxílio da imaginação fruto da história, experiência espiritual e particularidades do carácter de cada indivíduo.

Foi em 1924 que escrevi o romance «O Oportunista», sobre um jovem da geração pós-revolucionária. Na altura em que o escrevi, não dei conta de como a imagem de Julien Sorel me dominava. O meu herói era mais

cínico, prático e, certamente, moralmente inferior ao herói de «O Vermelho e o Preto»; era outra a época, outros os costumes, outra a revolta e, não obstante, coloquei muitas vezes os pensamentos de Sorel na cabeça do meu malfadado herói e atormentei-me, durante muito tempo, a descrever o seu suicídio na prisão.

O compromisso do escritor

Em 1957 publiquei «Lições de Stendhal» que foi sujeito a severas críticas. Acusaram-me de subjectivo na minha apreciação

Continua na pág. VIII

Filosofia

Karl Otto Apel, um terrível racionalista

Opondo-se às tendências actuais, que desvalorizam o pensamento normativo, lógico ou ético, o filósofo de Frankfurt Karl Otto Apel tenta fundar uma nova disciplina inspirada no pensamento analítico anglo-saxão: a «pragmática transcendental».

KARL Otto Apel, que nasceu em 1922 em Dusseldorf, foi professor de filosofia nas universidades de Mogúncia, Kiel e Sarrebruck, e mais tarde na de Frankfurt. Os dois tomos do seu trabalho *Transformação da filosofia*, publicados em 1973 e reeditados em livro de bolso (edições Suhrkamp), têm o valor de um balanço, mas também ambicionam fundar uma nova disciplina, a «pragmática transcendental».

O percurso de Karl Otto Apel é representativo do movimento da filosofia alemã contemporânea que, ancorada na prestigiosa tradição que vai de Kant a Heidegger, se abriu com decisão ao pensamento analítico anglo-saxónico a fim de salvar e actualizar a inspiração do racionalismo emancipador das Luzes.

— No prefácio à sua *TRANSFORMAÇÃO DA FILOSOFIA*, sugere que as etapas do seu pensamento correspondem a

uma evolução pessoal. Pode esboçar a sua autobiografia intelectual?

— Fiz os meus estudos na universidade de Bona entre 1945 e 1950, e doutorei-me com Erich Rothacker, cujos trabalhos desenvolviam uma «antropologia filosófica». A minha tese iniciava uma reconstrução da filosofia transcendental de Kant à luz de Heidegger. Como tantos jovens filósofos da minha geração sentia-me fascinado pela obra do primeiro Heidegger, até *O ser e o tempo*. O que ele escreveu depois da sua famosa «reviravolta» foi-me convencendo cada vez menos.

Depois consagrei-me à história da filosofia da linguagem e extraí daí o meu livro sobre a *Ideia da linguagem na tradição humanista de Dante e Vico*. Interessado pelo pensamento hermenéutico moderno, afirmava a minha oposição ao espírito científico. Mas, a pouco e pouco fui-me aproximando de outra tradição, a da filosofia analítica, das primeiras investigações do Círculo de Viena de

Continua na pág. VII

Alberto Moravia:

Não procuro

temas,

acho-os...

Pág. 4



Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

● Andrei Rubliov
de Andrei Tarkowski
(URSS-1966)

Do fundo da mãe Rússia, da negra Idade Média, mística, cruel, excessiva, silenciosa, mágica, inominável, vem este filme. Com ele Andrei Tarkowski entra na História do Cinema.

Cinema Quarteto-sala 3
(14, 17.30 e 21 h)
(Não acons. men. 13 anos)

● Uma comédia sexual numa noite de Verão
de Woody Allen
(USA-1982)

Talvez não pareça mas Woody Allen sempre foi um cineasta de actrizes. Aqui são Mary Steenburgen, Mia Farrow e Julie Hagerty que lhe preenchem romantismo e desejo. E preenchem bem.

Cinemas Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30)
Quarteto-sala 1
(14, 16, 18, 20 e 22 h)
e **Terminal**
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

● ET - O Extraterrestre
de Steven Spielberg
(USA-1982)

A eficácia de ET é a depuração da fábrica de sonhos de Hollywood renovada pela geração e que Spielberg é o comercialmente mais bem sucedido membro.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30)
(para todos)

● Effi Briest



Mário Viegas e Victoria Abril em *Sem sombra de pecado*, talvez o filme português do ano

de Rainer W. Fassbinder
(RFA-1974)

Fassbinder visita a literatura novecentista com rigor e um tanto de tristeza. Uma história de desamor, de uma jovem a fanar-se nas conversações sociais. A jovem é Hanna Schygulla, como nunca mais.

Cinema Nimas
(14.30, 18 e 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

● Sem sombra de pecado
de José Fonseca e Costa
(Portugal-1982)

Um melodrama ridente na Lisboa dos anos 40 de que somos legítimos (e inalienáveis) herdeiros. Um tom quase Mitsch que assenta que nem uma luva nas boas e nas más famílias onde o filme decorre. Uma ironia tão corrosiva que, às

vezes, nem se nota, como quando uma queimadura é tão profunda que já passou a zona da pele sensível à dor. Acotores a provar que não é deles a culpa quando, noutros filmes, são insuportáveis. Fonseca e Costa vence a aposta de público? Uma semana após a estreia tudo indica que sim.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30)
e **Pathé** (14.30, 16.30, 19 e 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

● Ao correr do tempo
de Wim Wenders
(RFA-1975)

Sem palavras, numa peregrinação quando, pela estrada fora, já só se vai dar à terra inominável de ninguém.

Cinema Quarteto-sala 4
(14.30, 17.45 e 21 h)
(Interdito a men. 13 anos)

● A Felina
de Paul Schrader
(USA-1982)

A mulher objecto de fascínio e perdição, pecado, Paul Schrader continua a pisar interditos. Nastassia Kinski é a sua enleante pantera. E Giorgio Moroder faz a música, nocturna e inebriante.

Cinema Roxy
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(Interdito a men. 18 anos)

● Romance em Nova Iorque
de Peter Bogdanovich
(USA-1981)

Uma filme feliz cheio de ritmo e irreverência, nas ruas de Nova Iorque. Um história de fa-

das, bem humorada e desenhada. Bogdanovich firma-se.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
e **Satélite**
(14, 16.30, 19, 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA-1981)

E, portanto, o filme segue. A aventura da adolescência continua a esgotar lotações. Que viva!

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)
(Não acons. men. 13 anos)

● Na calada da noite
de Robert Benton
(USA-1982)

Um policial classicamente bem escorado e com uma grande

AS ESTRELAS

Andrei Rubliov★★★★★
Uma comédia sexual numa noite de Verão★★★★★
E. T. — o extraterrestre★★★★★
Effi Briest★★★★★
Sem sombra de pecado★★★★★
A Felina★★★★★
Ao correr do tempo★★★★★
Romance em Nova Iorque★★★★★
Os salteadores da arca perdida★★★★★
Na calada da noite★★★★★
Contos da loucura normal★★★★★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

actriz, Meryl Streep. Mas falta-lhe rasgo. A sensação é de que Benton joga pelo seguro.

Cinemas ABCine-sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15)
e **S. Jorge 3**
(14, 16.15, 19 e 21.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Contos da loucura normal
de Marco Ferreri
(Itália-França-1981)

Ferreri começa a repetir-se. Este filme ainda tem momentos de um comovente fôlego mas as castrantes regressões já se assemelham a tiques.

Cinemas Castil
(15.30, 18.30, 21.30 h; aos sábados e domingos: 14, 16.30, 19 e 21.30 h)
e **Quarteto-sala 2**
(14, 16, 18, 20 e 22 h)
(Interdito a men. 18 anos)

Dreyer na Cinemateca

NO fim-de-semana, passado um novo calendário da «Restrospectiva Dreyer» em curso na Cinemateca foi anunciado. Para além da repetição oportuna de alguns dos filmes, o novo calendário omite dois dos filmes inicialmente previstos na programação: a longa-metragem *Amal-vos uns aos outros* de 1922 e a curta-metragem *Água no campo*. A retrospectiva deixa, assim, de ser integral (na longa-metragem) mas o seu interesse não sai grandemente ferido.

Para já, hoje à noite, às 21.30 h, exibem-se *Ajuda às mães*, uma curta-metragem de 1942 e *Era uma vez*, longa-metragem de 1922.

Ajuda às mães é o filme que marca o regresso de Dreyer ao cinema, doze anos após o fracasso comercial do célebre *Vampyr*. Trata-se de um documentário integrado numa série abordando temas sociais relacionados com as mães solteiras e a assistência materna na Dinamarca. Quanto a *Era uma vez* é um conto fantástico que Dreyer faz logo a seguir à sua primeira experiência alemã (com *Amal-vos uns aos outros* que não é exibido). Dreyer detestava o filme de que Ib Monty



O rosto de Falconetti em *A paixão de Joana d'Arc*: indelével em qualquer memória

afirmava, na sua biografia de Freyer de 1968, só existirem dois terço. Ignoro se, entretanto, já terá sido recuperado na íntegra, mas, uma vez que o programa da Cinemateca omite referências a esse respeito, julgo que sim.

Na terça-feira, 22 às 21.30 h passa *Mikael*, de 1924, realizado em Berlim, com produção de Erich Pommer para a UFA.

Dos primeiros filmes de Dreyer é dos que ele mais apreciava (afirmou mesmo que é aquele onde o seu estilo particular se começa a precisar). Na sua célebre entrevista aos *Cahiers* em 1965 é dos seus filmes menos conhecidos aquele que mais demoradamente aborda.

Mikael decorre no princípio do século e é a história de um jovem entre o «protector» (um pintor e escultor de quem é mo-



dolo e filho adoptivo) e a mulher que ama. Grande sucesso crítico na Alemanha da época, houve quem afirmasse ser ele o primeiro filme de Kammerspiele.

Na quarta-feira, 23, às 21.30 h, é a vez de *A igreja rural*, uma curta-metragem de 1947 sobre a arquitectura das igrejas medievais dinamarquesas, e de *Amo e senhor*, longa-metragem de 1925 que Carl Vincent considerava ser

das mais equilibradas obras de Dreyer.

Quinta-feira, 24, às 21.30h, exibem-se *Os noivos de Glomdal*, rodado na Noruega em 1925. É o único filme de Dreyer realizado sem planificação escrita, mas Dreyer achava que nada de especial havia a dizer sobre ele.

Na sexta-feira, 25, às 21.30 h passam *Eles apanharam a barça*, uma curta-metragem

de 1947/48 encomendada pela Prevenção Rodoviária (Dreyer considerava-a uma das melhores que fizera), e o célebre *A paixão de Joana d'Arc*, rodado em França entre 1926 e 1928.

Entramos nas obras maiores de Dreyer. O rosto da Falconetti ficou uma lenda na História do Cinema, patético e perdido (Anna Karina, pela mão de Godard, choraria diante deste filme, quarenta anos depois). A expressão plástica de uma beleza agressiva na sua estilização de formas deixa passar sobretudo essa mulher, em martírio. O filme é tão apaixonante que, sexta-feira, é um crime se um lugar vago houver na Barata Salgueiro.

Mas, se esgotar, o leitor ainda tem oportunidade de o ver no sábado, às 17 h, numa repetição que o bom-senso aconselhava e se vai realizar.

ENCONTRO COM O CINEMA PORTUGUÊS

Parece mal, estando nós a falar de Dreyer, vir agora meter o filme de Constantino Esteves, *A última pega*, com Fernando Farinha? Pelo menos é bizarro. Mas o filme passa, na Cinemateca, na quinta-feira, 24, às 18 h e pior pareceria se o não anunciássemos.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos



Paulo Branco durante a rodagem de **A estrangeira**, a sua última produção para a V.O. Filmes

B — produtor Paulo Branco nasceu em Lisboa, a 3 de Junho de 1950. Em Lisboa faz estudos liceais e universitários (Instituto Superior Técnico). Prestes a findar o curso de engenheiro sai de Portugal. De 1971 a 1973 está em Londres e, depois, em Paris. Em Julho de 1974 organiza, nessa cidade, uma semana de cinema português. Começa então uma colaboração com Frederic Mitterand no campo da exibição cinematográfica. Programa sucessivamente os Cinemas Olympic (1974), Artistique Voltaire (1976) e assume a gerência do Action Republique (desde 1977). Em 1978 funda a distribuidora Hors-Champ.

Em sociedade com António Pedro Vasconcelos funda, em Lisboa, a produtora V. O.

Filmes que, de 1979 a 1982, tenta uma experiência de produção contínua. Fora da V. O. Filmes produz ou co-produz, em Paris.

FILMOGRAFIA: *Loin de Manhattan* de Jean-Claude Biette (Paris, 1980); *Aurelia Steiner (Vancouver)* de Marguerite Duras (Paris, 1980), co-produção; *Oxalá* de António Pedro Vasconcelos (1980), V. O. Filmes; *Francisca* de Manoel de Oliveira (1980), V. O. Filmes; *Der Stand Der Dinge* de Wim Wenders (1981), co-produção V. O. Filmes/Road Movies/Project Filmproduktion (Berlim)/Gray City (Nova Iorque); *Conversa Acabada* de João Botelho (1980/81), V. O. Filmes; *Silvestre* de João César Monteiro (1980/81), V. O. Filmes; *O Território* de Raul Ruiz (1981), V. O. Filmes; *Aspern* de Eduardo de Gregório (1981), V. O.



Maria de Medeiros e José Maria Straviz em **Silvestre** de J. César Monteiro, produção de Paulo Branco para a V.O. Filmes

Filmes; *Fim de Estação* de Jaime Silva (1981), V. O. Filmes; *Ana* de António Reis e Margarida Cordeiro (1982), co-produção V. O. Filmes-/António Reis, M. Cordeiro; *Dans la Ville Blanche* de Alain Tanner (1982), co-produção; *A Estrangeira* de João Mário Grilo (1982), V. O. Filmes; *O Lugar do Morto* de António Pedro Vasconcelos (1982), V. O. Filmes, ainda incompleto. Na V. O. Filmes, Paulo Branco assegurou ainda a produção executiva de *Les Trois Couronnes du Matelot* de Raul Ruiz (1981).

Qualquer que seja o futuro da V. O. Filmes após a ruptura entre Paulo Branco e António Pedro Vasconcelos e a grave situação financeira que atravessa à data em que escrevo (1983), o certo é que o nome de Paulo Branco vai ficar como o responsável maior pela segunda tenta-

tiva de produção contínua encetada em Portugal nos últimos vinte anos (a primeira — nos anos 60 — fora de Cunha Teles, lembre-se).

Embora apoiado financeiramente no Instituto Português de Cinema, Paulo Branco trouxe para rodar em Portugal alguns dos grandes nomes do cinema (Wenders, Tanner) e produziu alguns dos filmes mais importantes do início dos anos 80 (*Francisca*, *Silvestre*). Não é pouco. Sobretudo se verificarmos que, do ponto de vista da produção, quase todos os filmes que saíram da V. O. Filmes são impecáveis.

E como Paulo Branco teima em não deixar cair a V. O. Filmes e como aos 32 anos nenhum «curriculum» está completo, esta ficha é, com certeza daquelas que, com mais fundamento, se deve esperar continuação.



Isabel Ruth, 1982

RUTH, ISABEL

R Isabel Ruth Silva Roberto dos Santos Lopes nasceu em Tomar, a 6 de Abril de 1940. Vem para Lisboa aos doze anos e aqui começa a estudar ballet com Ruth Aswin.

Em 1958 parte para Londres onde, durante dois anos, cursa a Royal Ballet School. De regresso a Portugal ingressa no Grupo Experimental de Ballet (que, mais tarde, se transformaria no Ballet Gulbenkian). Aí obtém vários sucessos como bailarina sendo de destacar a sua criação em «Ritmo violento», coreografado por Norman Dickson.

Estreia-se como atriz em «O marinheiro» de Fernando Pessoa peça incluída no espectáculo «Os 25 anos da morte de Fernando Pessoa» levada à cena no Centro Nacional de Cultura e na Casa da Comédia, com direcção de Fernando Amado, em 1961. Permanece na Casa da Comédia, onde, entre outras, fará «Deseja-se mulher» de Almada Negreiros e «As avestruzes» de Francisco Seabra Cardoso (ambas com direcção de F. Amado).

Entretanto inicia-se no cinema (com *Os verdes anos*) e vai para a Companhia do Teatro Villaret onde permanece até 1967 (sua primeira peça aí: «O inspector geral» de Gogol, enc. Ribeirinho).

Começa então uma carreira internacional no cinema. Uma curta-metragem com Pascal Aubier em França e em Itália para onde vai residir em 1967. Aí frequenta os meios artísticos, torna-se amiga de Pier Paolo Pasolini e de Bertolucci, faz três curtas-metragens, é figurante no *Oedipo Re* de Pasolini, protagoniza duas longas-metragens (uma, cujo título desconheço e permaneceu inédita, realizada por Leonello Massobrio, outra, *H2S* de Roberto Faenza). E também teatro: ao lado de Laura Betti faz «Il sicatto all teatro» de Dacia Maraini.

O final dos anos 60 marcam uma viragem na vida de Isabel Ruth. Depois de uma viagem ao Nepal, vive em Itália e Espanha, e, desde 1973, de novo em Portugal, mas longe de qualquer actividade artística.

O teatro só a verá no final da década (em «Eden cinema» de Marguerite Duras, enc. Fernando Heitor, no Trindade), o cinema também.

FILMOGRAFIA (em Portugal): *Os verdes anos* de Paulo Rocha (1962); *Domingo à tarde* de António



Isabel Ruth, no papel da nossa memória, a lida de *Os verdes anos*, 1962

de Macedo (1965); *Mudar de vida* de Paulo Rocha (1966); *O bobo* de José Álvaro Morais (1980); *Conversa acabada* de João Botelho (1980/81); *Le cercle des passions* de Claude d'Anna (1982).

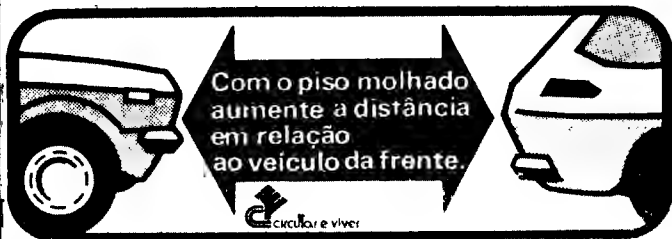
Nota: conforme se lê na nota biográfica, a estes filmes há a acrescentar uma curta-metragem em França (de Pascal Aubier), três em Itália, figuração em *Oedipo Re* de Pasolini (1967), uma longa metragem italiana de Leonello Massobrio e, em 1969, *H2S* de Roberto Faenza. Apesar das buscas não obtive mais elementos sobre a carreira internacional de Isabel Ruth. Uma filmografia em aberto, portanto.

O cinema português tem destas estrelas cadentes.

Três filmes (*Os verdes anos*, *Domingo à tarde*, *Mudar de vida*) fizeram de Isabel Ruth a mais importante das actrizes da primeira fase do cinema novo português.

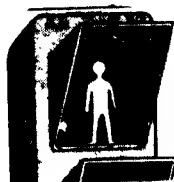
Depois um hiato, silêncio.

E o recente regresso é, ainda, quase incógnito, (só *conversa acabada* estreou e o seu trabalho aí era mínimo e citatório — «O marinheiro» de Pessoa, com que ela se estreara no Teatro). Para nós (e apesar da sua presença ser relevante em qualquer dos três filmes dos anos 60) ela ficará sempre a lida de *Os verdes anos* morta cedo pela cidade inóspita. Esse trabalho de instinto define uma actriz. E não se esquece.



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

curricular e viver



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



**BREJOS
DE
AZEITÃO**

TERRENOS A 130 C.
TELEF.: 221 17 01

Paraisos Sete Ponto Sete

Moravia: um académico moderno

Decepcionados, alguns dos admiradores que o foram ouvir ao Instituto Italiano de Cultura comentavam no final da monótona conferência que proferiu: «Que desilusão!». Era verdade. O escritor não assumiu a feição romântica e gloriosa que os seus leitores esperavam. Não desperdiçou uma única gota de simpatia não derramou calor. Não se dignou sequer a esboçar um sorriso. Distante, fechado no seu pedestal de «monstro sagrado» se manteve. Falo de Alberto Morávia, romancista italiano, diversas obras traduzidas em português, connosco durante breves dias para apresentar o seu livro «Fábulas Proibidas».

com Elsa Heller, professora de Românicas na Universidade. Ele sabe que o amor também não está isento do desgaste que um quotidiano corrosivo impõe.

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises, o

marxismo... Também sou existencialista.»

O vício da escrita ou a necessidade vital dela «como beber, comer, dormir» surgiu-lhe aos nove anos, na idade ainda de brincar, e nunca mais o perdeu. Diariamente escreve, das nove ao meio-dia, labor de que não prescinde, já que burla o estilo de uma forma quase obsessiva. «Mas a escrita é o resultado de uma emoção...», diz. Alberto Morávia remete-se ao silêncio, cortando, assim, o elo que se estabelecia ao fim de uma hora, em que quis extrair dele mais do que a «cassete» que tem preparada para a Imprensa.

Debalde me esforcei. Ele continuou inacessível na sua torre. Porquê, sr. Morávia?

Em 1929 publica, com di-nheiro do pai, «Os Indiferentes», o primeiro livro. A partir daí muitos outros se seguiram, todos eles sucessos, o que lhe valeu o respeito absoluto da crítica e a adesão do público italiano, que há mais de cinquenta anos lhe permanece fiel. Vende uma média de 80 a 100 mil exemplares, o que é excepcional em Itália. «Sou uma excepção, de facto, pois normalmente um escritor não pode viver da literatura no meu país.»

Ora, se os direitos de autor se situam entre os dez e os quinze por cento, com tamanho volume de vendas, Alberto Morávia deve ser um homem rico... E há ainda as traduções no estrangeiro, as adaptações das suas obras ao cinema, as reedições. Que o tenham escolhido Godard, no «Desprezo», e Bertolucci, no «Conformista», significa que o velho senhor da literatura romana se abeirou da modernidade o que não sucedeu com outros escritores italianos, sobretudo os neo-realistas, seus contemporâneos (Vasco Pratolini, Ignácio Silone, etc.) que hoje estão perfeitamente datados.

Essa modernidade, porém, tem mais a ver com a temática do que propriamente com a linguagem, muito na linha do século dezanove. É que Alberto Morávia fala-nos do indivíduo, da sua complexidade, dos seus sentimentos — daquilo que pouco se altera ao longo do tempo.

«Sou um escritor realista embora como todo o artista tenha a tendência para trans-figurar um bocadinho a realidade.»

Não é o que faz nas «Fábulas Proibidas»? Rosto esquelético e macerado, olhos azuis inexpressivos, o escritor confirma: «Em certa medida, ...É uma espécie de literatura fantástica.» Porém as suas histórias de viagens estão despojadas de fantasia. Percorreu o mundo, os países, e contou-os em profundidade. Da topografia, aos cheiros, aos hábitos, aos costumes — tudo disse. «As viagens fazem-nos sair da rotina... É o novo e tudo o que é novo me agrada.» Parece-me que o que Alberto Morávia pesquisa nas terras que visita é a alma. Sempre a mesma preocupação. Ele não retrata: radiografa. Penetra dentro.

Eis o seu mérito. Só não percebe uma coisa: porque gosta ele tanto de Norman Mailer?

Lourdes Féria

ACEDEU, contudo, à entrevista sem explícita contrariedade. Mas a frieza, essa, nunca se despegou dela. «Não sou social...» diz-me no «hall» do Hotel Tivoli, num francês claro, língua em que procurei o entendimento. A dificuldade de comunicação, a insociabilidade a que aludiu, talvez lhe venha do facto de ter passado cinco anos numa cama, tolhido por uma doença óssea. Circunstâncias que de modo algum propiciam alegria ou expansividade, sobretudo se operam em plena adolescência. Foi o caso. Nem sequer tive oportunidade de fazer os estudos como as pessoas normais. Tinha uma governanta que me ensinava línguas...francês, inglês e alemão. E lia muito: um livro por dia....

Alberto Morávia relata este episódio da sua vida com um ar neutro como se evitasse colocar algo de pessoal nas respostas, que me dá — respostas curtas, secas sem fio, que permita estendê-las. Económico nas palavras, comedido nos gestos nem parece pertencer ao povo italiano, tão exuberante, ardentíssimo, pelo menos na imagem. Talvez a mistura de sangue eslavo, contribuição da mãe (de origem nobre) lhe tenha arrefecido o temperamento. O pai era um arquitecto de Veneza, da média burguesia, quadro social em que se inscreve, embora o apontem como crítico de tal classe, coisa aliás, que nega.

Tanto falo da burguesia como do povo. Tento ser objectivo, mostrar a realidade tal qual ela é...Escrevo sobre o material que encontro à mão. Não procuro temas, acho-os. Aliás, Picasso dizia exactamente o mesmo....

Crise

Enxuto de carnes, estatura média, aspecto ainda vigoroso, Alberto Morávia não aparenta os setenta e seis anos que tem. É um homem sem idade: não é velho; não é novo. Atravessou a vida numa intercadência de transformações históricas. A resistência, as guerras, as crises — a tudo assistiu observando a Itália em mutação. A sair da ruralidade. O meu país vive uma crise tremenda, a nível económico, político e moral, julgo que se trata de uma crise de crescimento, dolorosa é certo, mas que se vai resolver....Nós, os italianos, acreditamos que tudo tem remédio. Somos, por natureza, optimistas....

Foi a industrialização que adiviu as contradições da sociedade italiana, segundo o escritor, provocando-lhe sintomas de doença, a urdidura que o consumismo tece, aprisionando as pessoas e esvaziando-as dos



A vida familiar é cada vez mais infeliz...

seus valores ancestrais. Daí a instabilidade social, a violência, a criminalidade. Sem armas em moralista, e muito menos em juiz, o escritor, faz por compreender os mecanismos que determinam esses males entranhados na sociedade italiana. Com Leonardo Sciascia ousou ter uma atitude desdramatizante perante a actuação das Brigadas Vermelhas. Ambos preferem atribuir as culpas ao poder e à corrupção que o acompanha.

Assim, nunca condenaram abertamente o sequestro de Aldo Moro, o que na altura, com leviandade e uma intenção provavelmente maléfica, foi interpretado como cumplicidade «moral» com o terrorismo.

O fenómeno do terrorismo explica-o à luz da psicanálise, como uma manifestação do superego, tese que alimenta no seu romance «A Vida Interior» em que trabalhou sete anos. É de desesperante para a juventude assistir à decadência da sociedade italiana, e a todos os vícios de

que enferma um poder em decomposição insanável, nas mãos da Democracia Cristã, desde o final da guerra. Já Sanguinetti diz que o terrorismo de Estado gera outro terrorismo...

Emancipando-se, insurrecto, das tutelas partidárias, o escritor afastou-se do pensamento ortodoxo, para mais livre, confraternizar com os fluxos revolucionários que, a partir da década de sessenta, começaram a despontar. Sempre de fora, no terreno do intelectual que observa e analisa, através da inteligência, o acontecimento político.

Sou um homem de letras e nessa qualidade dou o meu contributo...

Com os ensaístas franceses, Foulcaut, Levy Strauss, e Bartes, comunga o espírito europeu que o domina — a vertente para onde se inclina a sua vastíssima cultura.

Não é um escritor de mulheres, mas a mulher ocupa na sua obra um lugar digno. É visível a força das suas personagens femininas (lembro-me da Cio-

ciara) que agem por si, no enredo, independentes do discurso masculino. Penso que na Itália a mulher está marginalizada, não tem o papel que devia ter. O homem encara-a apenas como objecto sexual — e isso é injusto. Por isso defendo o feminismo, teoria de resto muito popular entre a pequena burguesia italiana.

Família

Peremptório, declara que a vida familiar é cada vez «mais infeliz». A família instituição em franca decadência, que nem a Igreja consegue salvar, estoirá pelas costuras. Mas o casal não...É uma união natural. O amor permanece incólume a todos os embates...nem o consumismo o pode destruir. É das coisas mais seguras que possuímos....Alberto Morávia casou com Elsa Morante na Igreja de Santo Inácio em Roma. Esgotada a relação, ligou-se a Dacia Maraini, escritora feminista...e agora vive

italiano possui, segundo o escritor, uma qualidade apreciável: a tolerância. «Há, no entanto, uma burguesia moralista mas que não pode ser classificada de puritana. Evidentemente que o Vaticano é uma força poderosa com uma máquina colossal de propaganda à sua disposição, mas que, inacreditavelmente, nem por isso contaminou a sociedade italiana....»

Subitamente, Pasolini: uma variante trágica na conversa aos solavancos que encetámos no hotel e terminámos na livraria do «Diário de Notícias», onde uma fila de leitores de Morávia (estudantes universitários, licenciados, donas de casa, funcionários públicos — muitas mulheres) aguardavam o autógrafa do escritor.

«Ah... sim Pasolini, um enorme poeta. A sua morte foi para a Itália uma grande perda. Expulso do PCI por ser homossexual sempre se afirmou comunista...» E você? «Eu situo-me na área do

Arafat, esse célebre desconhecido

«Olhem para mim, pareço um monstro?» Para um estrangeiro que encontra pela primeira vez Yasser Arafat, a pergunta, feita de chofre, é insólita. A menos que já se saiba que o presidente da OLP, preocupado em melhorar uma «imagem de marca» prejudicada pelos seus inimigos, é particularmente susceptível em tudo o que diz respeito ao seu físico. Sempre que um fotógrafo ou um «cameraman» se prepara para trabalhar, ele precipita-se logo para tapar a cabeça com o keffich nacional, um boné militar ou o gorro de pele que gosta de usar de Inverno.

Yasser Arafat liga muita importância aos símbolos. Embora raramente tenha dado um tiro, usa a farda de guerrilheiro, sempre de pistola à cinta ou metralhadora a tiracolo. E é melhor assim de fato completo, este homem que começa a engordar, com barba grisalha e um eterno sorriso nos lábios, não pareceria mais do que um bom pai de família, jovial e inofensivo, um típico pequeno burguês do Cairo.

Paradoxo: o chefe dos Palestínios exprime-se como um natural do vale do Nilo, em dialeto egípcio, o dialecto que todos os árabes do Golfo ao Atlântico compreendem, graças à irradiação cultural caireta. Tribuno, dirige-se ao seu povo, recorrendo, sem inibições, a termos de calão local, e a expressões populares vindas de longe, sem que a sua nacionalidade seja por isso posta em causa. Devido à sua dispersão, fonte de um certo cosmopolitismo, os Palestínios não são «chauvinistas». Talvez daí a sua indiferença perante as origens controversas do seu guia.

Com efeito, as más-línguas dizem que Arafat não nasceu em Jerusalém — mas em Gaza ou no Cairo —, que não pertence à grande família dos Husseini, que não tem nenhuma filiação com a do profeta, que até o nome que usa não é o seu (uma das suas biografias oficiais designam-no como sendo Abdel Rahman Abdel Raouf Arafat El Qoudwa El Husseini). Nasceu em 1927 ou em 1929? Fez os seus estudos secundários em Gaza ou no Cairo? Bateu-se, e onde, durante a guerra de 1948? As testemunhas de mais confiança, as que o conheceram na juventude, são tão categóricas como contraditórias. Informarmo-nos nas origens seria tempo perdido.

A silhueta da Arafat emerge, no entanto, da névoa, nos inícios dos anos 50. Estabeleceu-se no Cairo. Estudante de um instituto politécnico para passar o tempo treina clandestinamente os seus condiscípulos no manejo das armas, num terreno desocupado de Meadi na periferia da capital egípcia. Oficial de reserva no exército egípcio, reside em 1956, na zona do canal de Suez, à expedição anglo-franco-israelita. Na altura, já militava há quatro anos à testa da federação dos estudantes palestínios. Diziam-no próximo dos irmãos muçulmanos, em conflito com Nasser, e foi para escapar à polícia deste último que de 1957 aproveitou um festival de juventude realizado em Praga para se afastar dos camaradas e voar para o Kuwait, onde os serviços de segurança ainda embrionários, eram mais clementes.

A imagem escurece de novo. Claro que a silhueta está sempre presente. Yasser Arafat é primeiro engenheiro ao serviço do Emirato, depois empreiteiro de

trabalhos públicos, mas leva, de facto uma dupla vida. Durante dez anos, até à guerra dos seis dias, em 1967, trabalha na sombra para reunir os fundadores do Fath, publicar em Beirute o órgão oficioso da organização, **Falestinouna** (a nossa Palestina), criar células em toda a parte onde existe uma comunidade palestina, desencadear a luta armada contra Israel no dia 31 de Dezembro de 1964. «Raouf» — é o seu nome de guerra na altura — viaja sob diversas identidades. Estabelece contactos secretos com os dirigentes argelinos e chineses (1962-1963), dá início a missões na Jordânia, na Síria e no Líbano. Será detido, por pouco tempo, nestes dois últimos países, onde o prenderam por causa da sua pronúncia, tomando-o por um agente egípcio. Foi posto em liberdade por falta de provas.

Uma personalidade complexa

O militante sai da sombra, um pouco contra vontade, em Abril de 1968. Sem o consultar, os camaradas decidem voltar para ele os projectores da notoriedade, nomeando-o porta-voz do Fath, agora a mais forte, e de longe, das organizações de fedayin. É apresentado à Imprensa com o nome de Yasser Arafat, dito Abou Ammar (ao que parece referência a Ammar ben Yasser, grande chefe militar do 1.º século do Islão). Em dezembro **Time Magazine** consagra-lhe a sua capa. Um mês depois, a 3 de Fevereiro de 1969, é eleito presidente da OLP, com o apoio discreto de Nasser, que simpatizava com esse egípcio de adopção, vivo, de olhos brilhantes de inteligência, apaixonado como ele, mas suficientemente realista para não ser sistematicamente indócil... (1)

O antigo presidente egípcio só em parte se tinha enganado com o seu protegido, interlocutor compreensivo, mas difícil. A personalidade complexa de Yasser Arafat, personalidade de múltiplas facetas, tem, pelo menos, o mérito de assegurar a perenidade da sua autoridade, do poder de fascínio que exerce no seu povo, poder esse que nada — nem os falsos cálculos nem os erros de juízo, nem as derrotas militares e políticas — iriam prejudicar. Venerado ou recheado, amado ou contestado, ele conserva o raro privilégio de falar em nome do seu povo, que tudo parecia condenar a separações crónicas motivadas pelo desenraizamento, pela fragmentação geográfica e pela desagregação social. **Damos-lhe toda a nossa confiança embora o critiquemos (...), ele é o nosso chefe e o símbolo da nossa história contemporânea (...), ele está nos nossos sonhos e nos nossos corações**, escreve o grande poeta palestino Mahamoud Darwish (2).



O encantamento não é de essência mística. Yasser Arafat, como todos os homens providenciais, tem características que correspondem a um momento da história. Ele é a encarnação de um consenso, mesmo paralisante, como dizem alguns dos seus críticos. O seu nacionalismo, de cor incerta, é de natureza ecuménica. Embora seja um muçulmano piedoso e praticante, é, na vida real, um laico, como o prova, entre outras coisas, o número de Palestínios cristão que povoam a OLP, até aos escalões mais elevados, e mesmo os seus colaboradores mais próximos. Ele recusa todas as ideologias, declara que não é de esquerda nem de direita e consegue assim — por mais desprovido de sentido que isso possa parecer — situar-se, desde o seu tempo de estudante, no cimo de um feixe de tendências que vão dos marxistas aos islamistas, servindo-se com arte do leque político, abrindo-o ou fechando-o conforme isso é necessário.

Que pensa ele das cinco organizações da frente de rejeição que ainda há pouco denunciavam em Trípoli o conjunto das suas iniciativas diplomáticas? **Estão no seu direito, respondia-nos ele a semana passada. Eu dirijo uma organização democrática e não um rebanho de carneiros...** E, à guisa de resposta, recebia alguns dias depois, em Tunis, uma delegação da oposição israelita. É certo que Yasser Arafat nunca correu, como a maioria dos seus pares da América do Sul, à liquidação física

dos adversários, com os quais mantém um diálogo permanente. Interessa-lhe antes de mais a **igualdade na diversidade**, com risco de cair muitas vezes no imobilismo.

Um comediante?

Outra preocupação fundamental que o seu comportamento unitário lhe dita: considera indispensável manter boas relações com todos os regimes árabes que fornecem um apoio multiforme à OLP. Tem portanto que poupar as organizações da OLP rivais do Fatah, que estão mais ou menos enfeudadas aos países irmãos. Ainda neste capítulo, Arafat é o reflexo perfeito e a resultante dos sentimentos ambivalentes do povo palestino perante os Governos que não cessaram desde há meio século, da revolução de 1936 à guerra do Líbano, em 1982, de **trair a causa palestina. Ah, se ao menos os judeus e os palestinos pudessem unir-se!**, exclamava na nossa presença, há quinze anos, Yasser Arafat, antes de acrescentar: **O génio, os recursos naturais e intelectuais dos nossos dois povos bastariam para vencer o egoísmo, a corrupção, a duplicidade, da maior parte dos regimes árabes! Boutade dita em árabe, mas que diz muito sobre a amargura que ele partilha com os seus compatriotas.**

Confrontado com uma tripla conjuntura de rara complexidade, palestina, árabe e in-

ternacional, Yasser Arafat desconfia dos seus impulsos e parece dominar estados de alma e emotividade. Claro que já foi visto a soluçar durante a projecção privada de um filme sobre o massacre de Sabra e Chatila, mas no dia seguinte apressar-se-ia, por evidentes razões políticas, a inocentar todos os judeus de Israel ou de fora dele, para denunciar os **fascistas** que são, aos seus olhos, Begin e Sharon (3). Mais recentemente tinha lágrimas nos olhos quando um israelita lhe ofereceu uma peça de barro com a marca de Jerusalém. Mas, segundo os seus íntimos, ele é capaz de **nhorar se necessário** ou de ter falsos ataques de cólera.

Um comediante, Arafat? Certo, como tantos políticos. Mas a dificuldade suplementar e exorbitante de poder agradar simultaneamente a vários públicos de gostos não conciliáveis.

Ausência de vida privada

Yasser Arafat não tem vida privada. Ele trabalha incessantemente quinze a dezoito horas por dia, lê os jornais locais e as sínteses da Imprensa internacional (em especial a israelita), lê e anota relatórios confidenciais, dita cartas e directivas à sua secretária de sempre, Oum Nasser, tem conversas telefónicas com os seus «embaixadores» no estrangeiro, realiza reuniões sucessivas, recebe, geralmente em plena noite, os seus visitantes. Exuberante, muitas vezes volúvel, não se entrega demasiado. Só se confia, diz-se que moderadamente, a um caderno, mais pequeno do que a palma da mão, no qual anota as palavras dos seus interlocutores e aquilo que os acontecimentos do dia lhe inspiram.

Se Arafat tem poucos amigos íntimos, tem, pelo contrário, numerosos inimigos e sabe-o muito bem. Só raramente dorme duas noites consecutivas na mesma casa. Durante o cerco de Beirute, o ano passado, aconteceu-lhe dormir num carro arrumado num terreno desocupado. Sempre acompanhado pelos seus guarda-costas, movimenta-se de um modo inesperado e só é possível contactá-lo através de um **walkie-talkie**. Viaja em avião particular, geralmente fornecido pelo Governo que o convida. A hora da partida e a da chegada só são conhecidas por um grupo de fiéis.

Não tem descanso, embora aprecie o xadrez e os desenhos animados. Não lhe é conhecida nenhuma ligação amorosa.

O chefe da OLP é um praticante da **diplomacia volante**, de preferência secreta. Ele faz constantemente o vaivém entre as várias metrópoles árabes, quando não está em Roma, Moscovo, Pequim ou Viena, em busca, aqui, de subsídios para a OLP, além de um apoio político. Nada justifica a seus olhos uma ruptura. A passividade dos países irmãos de guerra do Líbano não o impede, um mês depois, na cimeira de Fez, de abraçar calorosamente os chefes de Estado árabes que foram acolhê-lo ao aeroporto, mesmo que depois lhes exigisse uma reparação pela sua **traição**.

Fizera o mesmo em Setembro de 1970, beijando o rei Hussein, mesmo quando os «medias» da OLP lhe chamavam ao rei «**o carneiro de Amã**». Melhor ainda, serve por vezes de mediador por conta de Governos árabes, tirando proveito das contradições que os opõem uns aos outros. É devido a este pluralismo que consegue assegurar a autonomia financeira e política do seu movimento.

Um mestre da ambiguidade

Entre outras coisas conseguiu o **tour de force** de manter boas relações com o Irão de Khomeiny e com o Iraque de Saddam Hussein, de ser recebido com idêntica deferência pelo «guia» do Islão chiita e pelo socialista e judeu Bruno Kreisky (sem esquecer Willy Brandt e Andréas Papandréou), de utilizar fundos sauditas para comprar armas soviéticas. Presta homenagem aos **planos de paz** de Moscovo, embora sem os fazer seus; denuncia os de Washington, deixando sempre uma porta aberta a um compromisso. Os seus representantes — sabe-se através das memórias de Kissinger — nunca deixaram de manter diálogo com os do departamento de Estado e da CIA. Tal como um pianista, dispõe de um amplo teclado de emissários que lhe permitem tocar à vontade no piano internacional. Ele telecomanda as personalidades palestinas apropriadas para manter o contacto com os pacifistas israelitas e os maximalistas libios, os marxistas de Aden e os **irmãos muçulmanos** da Síria, com o Egito de Sadate ou o de Mubarak, não perdendo nunca de vista o seu objectivo, que é obter a criação de um Estado palestino soberano. Entretanto maneja a ambiguidade levada ao seu paroxismo. É a sua força e a sua fraqueza.

«Monstro» inacessível ou homem de Estado muito hábil? A história julgará. Entretanto, Yasser Arafat não deixa de melhorar a sua imagem. As sondagens mostram que os telespectadores americanos, por exemplo, ficaram impressionados com esse homem sorridente e optimista, que atravessava a pé as ruas de Beirute, debaixo das bombas israelitas, parando para acariciar afectuosamente cabeças de crianças. Irritado com essa **criandala operação de relações públicas**, um dirigente judeu americano exclamou: **Está a tentar convencer-nos de que esse terrorista sanguinário é afinal um bondoso director de infantário?**

Éric Rouleau

(1) Muitos elementos biográficos de Yasser Arafat são extraídos de recordações de um dos seus companheiros, Abou Iyad, em **Palestinen sans patrie** (Fayolle, 1978).

(2) As citações de Mahmoud Darwish neste texto são extraídas de uma entrevista que ele concedeu a **Kol El Arab** (semanário publicado em Paris), de 13 de Outubro de 1982.

(3) Numa entrevista ao **Monde** publicada no dia 21 de Setembro de 1982.

Sociedade Sete Ponto Sete

A bela tatuagem

...Infatigáveis construtores da justiça e da injustiça — que é a justiça? Onde é a sua casa paterna?

Virgílio Ferreira

CONTINUAVA ali sentado, diante do JIC, a escutar, impassível, a leitura dolorosa (para este que não para si!) do rosário dos crimes que no passado praticara. Na sua expressão, nenhum vestígio de sofrimento. Dela jorrava, isso sim, um misto de estranha serenidade e indiferença (chocante!) por mais aquela diligência. Impressionante, também, a imobilidade do corpo franzino desse homem. Dir-se-ia um baixo-relevo egípcio falante. Dele emergia enfim (ai de mim!) uma espécie de dignidade reprimida, humilhada, acusadora... Sei lá o quê, Deus meu!

O JIC interrompeu a leitura dos antecedentes criminais do arguido preso só para o tranquilizar ou (sabe-se lá?) para se tranquilizar:

— Não estou aqui para o julgar. Não sou juiz julgador!

A voz do magistrado traía um certo mal-estar ao pronunciar as últimas palavras. A superfície da sua memória antiga flutuava agora esta frase pronunciada por um seu conhecido: «sabe que é ele quem dá a porrada!»

Finda a leitura, e para estabelecer o diálogo com aquela criatura, o JIC suspirou um tanto perturbado:

— Mas que folha de serviços! Foi mesmo o sr. quem fez tudo isto?

Os guardas presentes, armados, entreolharam-se. Talvez assustados, o escrivão foi repousar a vista no tecto vermelho da sala. Foi então que o arguido exclamou:

— É o que eles dizem! Acentuando com força o pronome pessoal sujeito.

— Pretende o sr., acaso, negar todos ou algum destes crimes?

Seguiu-se um breve silêncio durante o qual os olhares se concentraram no arguido preso. Olhares intensos tal qual holofotes num céu negro violado por aviões inimigos! Um dos guardas esboçou um sorriso magoado. O escrivão inclinou-se como quem quer proteger a sua velha máquina. Pela sala ressoou então uma voz torturada pela solidão... Era a voz do arguido:

— Eles, também, são seres humanos!

Novo silêncio. Fitando aquele arguido, o JIC desviou assim a flecha que lhe fora apontada. Sem saber porquê, lembrou-se então da figura feia de Sócrates enquanto seus olhos miopes percorriam, interrogativos, aquele exemplar do Homo Sapiens Sapiens. «Lá está — disse interiormente o JIC — a tatuagem de que burocraticamente falam os documentos fotocopiados... Amor de Mãe!...» E na mente do magistrado persistia, acusadora, a figura obesa do célebre filósofo.

Atraídos por aquela bela tatuagem, os olhos do magistrado nela se afogaram demoradamente. Eles piscavam a nostal-

gia da infância e da juventude perdidas no tempo.

★ ★

Eram dez horas quando começara aquela diligência. O JIC dava assim cumprimento a um ofício-precatório solicitando o interrogatório daquele arguido preso no estabelecimento prisional de..., sobre o qual recaía a suspeita de ter cometido outro crime no aeroporto de...

— Sente-se o arguido!

Dirigindo em seguida algumas palavras ao funcionário, foi por este informado que o arguido já tinha sido identificado, só faltando conhecer seus antecedentes criminais. Folheando os documentos, o JIC apercebeu-se ser longa a lista dos crimes anteriormente cometidos pelo arguido. Decidira, pois, ler-lha... «Em... foi condenado por vadiagem... Em... por tráfico de estupefacientes... Em... por furto de veículo...»

Finda a leitura, o magistrado ditara para o auto de perguntas o seguinte: «Dada a quantidade de prisões e crimes sofridos pelo arguido, o JIC preferiu ler-lhe o conteúdo das anotações em que eles são discriminados, os quais foram pelo mesmo confirmados.»

Ágil, a máquina do escrivão fazia o seu dever, devorando o papel com desumana indiferença. Mas o som de outra máquina viera sobrepôr-se à orquestra da primeira. O JIC levava ao ouvido o telefone...

— De onde fala?... Ah! Moura... Detido em flagrante delito?

Desde quando?... Sim, não deve ultrapassar as 48 horas! Bem, até logo.

Depois, voltando-se para o escrivão prosseguiu: «...A matéria dos autos respondeu que conhece todos os cantos da cidade por nela...»

★ ★

Algumas das diligências são verdadeiras batalhas entre o JIC e os arguidos. E nem sempre o magistrado se sente satisfeito com o resultado obtido na procura da verdade material...

— O sr. tem agora 37 anos. E começou esta vida aos 18. Não é assim?

— Não! Sr. juiz, comecei aos 20.

— Seja, aos 20! Olhe, consta aqui destas anotações que só por vadiagem o sr. foi por duas vezes condenado, primeiro em..., depois em...

Ele interrompeu, porém, o JIC para esclarecer que já cumpriu as penas correspondentes a tais crimes, acrescentando:

— Por estes e outros crimes, já paguei à sociedade quanto lhe devia.

— Está certo! Olhe, vejo que o sr. viveu em... Conhece com certeza as principais localidades da cidade. Não é assim?

— Conheço todos os cantos da cidade, pois nela nasci.

— Conhece então o aeroporto de... e o edifício dos CTT ali existente? E este já existia em 1978?

Respondeu que sim. Nos seus olhos lia-se a expectativa e a curiosidade crescentes. No seu



cérebro germinara a pergunta: «Mas onde quer chegar este 'estranho' ser humano?»

— Era ou não frequentador assíduo do aeroporto?

— Não. Eu parava na zona do... e em... Era aí que eu ac-

tuava.

Mas quando andava na tropa, isto é, na RAL 1, ia com frequência ao aeroporto, em 1972. depois, raras vezes fui ao aeroporto.

— Actuava sozinho ou em

quadrilha?

O arguido fitou-me com olhos brejeiros e, depois, fazendo com a cabeça um gesto de difícil percepção em direcção aos documentos, respondeu:

— Então, eles não sabem? Deve estar aí no papel, sr. juiz, leia se faz favor.

— Em 1978, o sr. já usava esse bigode?

— Não há aí uma fotografia minha. Ora, veja lá, sr. juiz.

— Onde estaria em 10 de Outubro de 1978? Lembra-se? Esta data diz-lhe alguma coisa?

— Um momento, sr. juiz! 1978! Sim, diz-me muita coisa. Talvez estivesse em Monsanto a cumprir uma das penas por consumo de droga. É ver aí nos papéis. Não custa nada! Repito que por este e outros crimes já não devo nada à sociedade.

— Desculpe lá, mas uma última pergunta...

— Faça favor!

— Já ouviu alguma vez falar do sr...? Ou conhece-o?

— Este nome, sr. juiz, nada me diz.

★ ★

O telefone de novo a tocar. O coração do JIC a saltar ao atender. «Querem ver — pensava consigo — que é outro réu preso!»

— Alô!... Onde? Não percebi!... Ah, Ferreira do Alentejo! Um caso de tráfico de estupefacientes? Preso ontem? Bem, só depois das 17 horas...

Em seguida pôs-se de novo a ditar ao funcionário as respostas do arguido que conhecia todos os cantos da cidade... «Esclareceu que parava em... e no... onde actuava. Que em 1972, quando andava na RAL 1, ia frequentes vezes ao aeroporto... Que em 1978 talvez estivesse em Monsanto... Que é ver aí nos papéis. Que o nome daquele cavalheiro nada lhe dizia...»

Antes de ditar cada período, o JIC perguntava ao arguido:

— Será isto que o sr. disse? Nada acrescentei? Nada omiti?

O funcionário concluiu a diligência lendo o auto:

— ...E mais não respondeu. Lidas as suas respostas achou-as conforme, ratifica e vai assinar...

E Foi assim que a máquina ágil e, muitas vezes, desumana, dos tribunais fez a entrada na vida daquele jovem JIC.

Ao arguido, agora de pé, estendeu este a caneta com que assinou o auto de perguntas. Depois de pé, estendeu este a caneta com que assinou o auto de perguntas. Depois foi a vez do defensor oficioso. Por fim, a do próprio magistrado.

Despedindo-se dos guardas, do arguido preso e do funcionário, o JIC retirou-se apressadamente, pensativo, com destino a Moura onde pela primeira vez ia ouvir contar a comovente história da tomada da vila aos mouros.

José Leitão

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que por este 16.º Juízo Cível e 2.ª secção, nos autos de Habilitação com o n.º 4523-A/82, em que são Requerentes António Nair Monteiro de Azevedo e Sousa, residente na Av.ª João XXI, 14-5.º, Esq. em Lisboa e outros, e Requeridos — Justo José Carabalo, casado, de nacionalidade argentina, ausente em parte incerta e outros, que tiveram a última residência conhecida na Rua do Brasil, 17 em Cascais, cõrrem editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido Manuel José de Alencastre Carabalo, com última residência

conhecida na Urbanização Terplano, lote 4-1.º-B, Rana, Paredes, Cascais, e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de oito dias, findo o dos editos, contestar, querendo a mencionada habilitação deduzida por António Nair Monteiro de Azevedo e Sousa e outros.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1983
O Juiz de Direito

(assinatura ilegível)
O Escrivão Adjunto

João Dias Carvalho

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-8.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Vedras, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5860-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 KV, N.º 374/R-45 com 1.225 metros, do poste n.º 142 da linha N.º 374, ao P.S. N.º 5860, anexo ao PT n.º 2867-C de Aviação Guimarsil, Lda, sito no Casal da Cruz-Ribeira de Palheiros, em Campelos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 4 de Fevereiro de 1983.

O Engenheiro director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

RN

RODOVIÁRIA NACIONAL

NOVOS SÍMBOLOS NOS AUTOCARROS RN
A PARTIR DE 1 DE MARÇO DE 1983



SIMBOLO VERDE COM FUNDO AMARELO

Válidos passes
Venda de bilhetes a bordo, pelo motorista, à tarifa normal.

Não são aceites bilhetes pré-comprados.

SIMBOLO LARANJA COM FUNDO VERDE

Válidos passes
e bilhetes pré-comprados.

Venda de bilhetes a bordo, pelo motorista, com tarifa agravada.



LONGO CURSO

LETRAS BRANCAS SOBRE FUNDO AZUL

Válidos passes.

Venda de bilhetes a bordo, pelo cobrador, à tarifa normal.

Não são aceites bilhetes pré-comprados.

A chapa será colocada logo abaixo do para-brisa, na frente do veículo, do lado direito.



Otto Apel, terrível racionalista

Continuação da pág. I

Wittgenstein e do pragmatismo americano, em especial de Charles S. Peirce. Editei em alemão e consagrei-lhe um longo estudo.

De início colocavam-me no campo da hermenêutica post-heideggeriana. Isto significava na Alemanha uma sólida cultura histórica e um profundo respeito pela tradição dos grandes textos, mas também uma certa indiferença perante a lógica, a metodologia, a argumentação cerada, mesmo uma certa inclinação pelo vago. Verifico que a hermenêutica volta hoje à moda, mesmo nos Estados Unidos, como reacção à filosofia analítica pura e dura.

A tendência actual é de desvalorizar o pensamento normativo, lógico ou ético, colocar o tempo acima da verdade, o sentido acima do Logos. O renascimento de Nietzsche e o entusiasmo pelo novo Wittgenstein estão a par de um novo relativismo. Oponho-me a estas tendências. Chame-me horrível racionalista se quiser. É uma censura que me dá prazer.

— A sua transformação da filosofia leva à elaboração de uma «pragmática transcendental». O que entende por isso?

— A «pragmática transcendental» constitui o fim da transformação do idealismo transcendental de inspiração kantiana sob a influência daquilo a que chamarei um «linguistic turn», a tomada de consciência da importância crucial da filosofia da linguagem. Permita que situe a minha posição, simplificando o mais possível as tradições do pensamento ocidental.

Antes de Kant, a ontologia interroga o «ser-sendo» sem reflectir nas condições do conhecimento. A filosofia transcendental, de Kant a Husserl, opta por um «solipsismo metódico». O sujeito ascende, sozinho ao conhecimento. A minha pragmática transcendental ultrapassa a reacção binária sujeito-objecto para situar o sujeito numa relação ternária sujeito-linguagem-objecto. O sujeito já não é solipsista, mas sim membro de uma comunidade de linguagem.

Na pragmática transcendental, a filosofia teórica, a do conhecimento e da filosofia prática, a ética, têm uma raiz comum. Essa unidade do que em Kant, que não chegou na verdade a uma fundação derradeira da razão. «Eu penso» quer dizer «eu argumento» e também «eu aceito as normas práticas de comunicação». Eu penso quer dizer: faço-me compreender por mim próprio e logo faço parte de uma comunidade de comunicação. Nunca penso sozinho. Descartes disse: «Duvido, penso, logo existo» e contenta-se com uma ética provisória enquanto espera fundá-la mais tarde. A pragmática mostra que ao dizer «eu penso», já se tem a ética, a que resulta de um consenso. Convém ultrapassar a filosofia da consciência sem sacrificar a individualidade. A evidência individual ainda não é a verdade, mas é a condição de um consenso intersubjectivo sobre a verdade. A pragmática não esquece, por outro lado, as lições da hermenêutica, a presença de uma tra-

dição, mas conserva o seu primado à razão.

Sem o idealismo o materialismo é cego

— Não hesita em escrever que a sua pragmática transcendental se situa para além da oposição tradicional do idealismo e do materialismo.

— No fundo, a pragmática não é mais do que um subconjunto de uma semiótica transcendental. O subconjunto decisivo, visto englobar a ética. Ora pode dizer-se que o sinal é tão ideal como material. O materialismo sem o idealismo, o idealismo sem o materialismo, são vazios. Mantenho um pouco de idealismo na medida em que as normas da linguagem, os significados, não podem reduzir-se a convenções de uso corrente. Todo e qualquer esforço de tradução quando, por exemplo, se escreve: compreensão - *Verstehen* = *understanding*, mostra que nos referimos a uma significação universal e reguladora.

Por outro lado, a comunidade real de comunicação, onde decorre todo o diálogo, distingue-se da comunidade ideal de comunicação sob o efeito das condições materiais da sua realização social. A pragmática transcendental não pode passar sem uma reconstrução crítica da história social.

Aumenta a incompreensão entre filósofos e cientistas

— Jurgen Habermas propôs recentemente uma teoria de acção «comunicacional». Há convergência entre ambos?

— No essencial, sim. Une-se uma velha amizade a Jurgen Habermas, que tem menos oito anos do que eu. Ele chegava à universidade de Bonn precisamente na altura em que eu terminava o meu doutorado. Na altura ambos éramos heideggerianos. Habermas acordou-me para a política. Depois partiu para Frankfurt onde cheguei muito mais tarde, em 1972, como sucessor de Adorno. Entretanto Habermas tinha aprofundado a sua discussão do neo-marxismo, da psicanálise, da sociologia, a sua crítica da ideologia. Foi mais longe do que eu nestes terrenos.

Descobrimos, um paralelamente ao outro, a importância de uma pragmática baseada na filosofia da linguagem. O último livro de Habermas, os dois tomos da sua *Teoria*, impressionou-me muitíssimo. Creio poder dizer que é a obra mais considerável depois de Heidegger. Partilhámos a preocupação de defender a tradição do racionalismo.

Dito isto, creio que Habermas nunca quis seguir um caminho que, como o meu, consiste em procurar uma fundação derradeira da filosofia. Talvez tenha menos confiança do que eu na filosofia?

— Sucedeu a Adorno, ligou-se a Habermas. Que pensa hoje daquilo a que se chama retrospectivamente a Escola de Frankfurt?

— Não ponho de novo em causa a importância da crítica da

ideologia, nem o interesse da crítica da racionalização instrumental, muito exclusivamente científica e técnica, que está no centro dos debates actuais sobre a ecologia. Mas, nos últimos anos, a Escola de Frankfurt tornou-se estéril. Adorno não lutava contra a melancolia nem contra a resignação pessimista. No mundo actual não podemos contentar-nos com lamentações sobre a técnica e preciso reflectir nas condições da chegada de uma nova técnica.

A obra de Adorno parece-me, tal como a de Heidegger, muito desigual. Os textos de Heidegger são de uma fraqueza desconcertante. Na obra de Adorno, o que é apaixonante, é a teoria da arte e da literatura.

— A sua empresa de transformação da filosofia parece, num ponto, firmemente conservadora: mantém a ambição filosófica de definir as bases do conhecimento e da ética.

— Com efeito, transformação também significa conservação. As diferenças entre filósofos são, ao que me parece, bem menos profundas do que os pontos comuns entre eles... A transformação impunha-se à luz da filosofia analítica da linguagem. Mas defendo a filosofia contra toda e qualquer dispersão ou absorção nas ciências particulares. Defendo-a contra um certo espírito neo-positivista que submeteria toda e qualquer «demarche» ao método das ciências da natureza.

A filosofia garante a unidade das diferentes ciências da natureza e das diferenças humanas, clarificando as exigências de validade que são a base de todo o saber. A diferença entre a explicação científica e a compreensão própria das ciências humanas nada perdeu do seu valor. Mas, para além dessa distinção, pode encontrar-se uma unidade dos discursos argumentativos.

— As ciências podem aparen-

temente passar sem qualquer fundação derradeira...

— As ciências progridem sozinhas, mas vê-se que actualmente há uma estranha co-fusão na metodologia. O êxito de Feyerabend, dos seus ataques ao método pretensamente imperialista, e da proclamação do «anything goes» (tudo serve) parece-me um sintoma perigoso. Karl R. Popper dizia que a ciência é um mito clarificado pela crítica. Mas terá a crítica um sentido quando se trata de um discurso livre de toda e qualquer preocupação de validade? A filosofia não pretende guiar a ciência mas sim reconstruí-la racionalmente.

Em certos colóquios em que cientistas e filósofos estão próximos, verifica-se uma crescente incompreensão mútua. Os sábios erguem os braços ao céu: para quê reflectir sobre as razões e os objectivos das suas investigações, se a aplicação técnica serve de confirmação? Eis uma atitude que mostra vistas curtas.

Os Maia desenvolveram uma matemática razoável, mas nenhuma filosofia da «nacionalidade». Os seus astrónomos confundiam-se com astrólogos.

Importa preservar uma comunidade argumentadora, saber o que faz a ciência, salvar a unidade da filosofia e das ciências, em nome do Logos, lutar contra as novas mitologias mantendo uma metodologia normativa.

O filósofo mostra as condições de um consenso

— Encontra-se o seu horror por tudo o que se assemelha ao relativismo ao qual acha que, em última análise, Heidegger e Wittgenstein conduzem.

— Heidegger e o Wittgenstein dos jogos de linguagem influenciaram paralelamente o antigo e o novo continente: Na Europa, a hermenêutica dedi-

ca-se a compreender a nossa tradição desde os gregos. Os antropólogos americanos procuravam compreender formas de vida estrangeiras, numa perspectiva sincrónica e não somente histórica. Wittgenstein, com a sua teoria dos jogos de linguagem, que subentendem outras tantas formas de vida, influenciou-os.

A hermenêutica não vê os problemas na sua dimensão horizontal, mas só em profundidade. Pelo contrário, em Wittgenstein, é essa última dimensão que falta totalmente. No entanto, um e outro caso levam ao relativismo. A hermenêutica ao historicismo, Wittgenstein ao reconhecimento do valor igual de todos os jogos de linguagem. Tanto num como noutro renuncia-se mais ou menos a criticar.

— Os anos 60 são uma recordação palpante para a filosofia alemã. Quantos malentendidos mas também quantos novos contactos entre a teoria e os movimentos políticos! Hoje tem-se a impressão de que a filosofia entrou de novo nas suas universidades para nunca mais de lá sair.

— Os tempos em que a filosofia pode influir na política são excepcionais (talvez ilusórios?). Neste momento a filosofia universitária parece encerrada num ghetto, o que seria aborrecido. Este fenómeno deve-se a um desencantamento da esquerda alemã, que data de muito antes da queda do governo Schmidt. A nova resignação dominante encontrou a sua expressão filosófica naquilo a que chamarei um neo-aristotelismo conservador. Num artigo célebre intitulado «Como é hoje possível a ética?», Gadamer propunha um regresso à «Ética a Nicomache». Ele elogiava a «phronesis», a inteligência do momento, o tacto, a astúcia.

Em suma, um superpragmatismo (no sentido trivial da palavra, que nada tem a ver com

aquilo que entendo por pragmático). E pergunto: O que deve guiar a inteligência da situação? Gadamer responderia: a tradição em que nascemos, neste caso a da República federal. Em suma, uma ética conservadora, isolada dos novos movimentos alternativos e ecologistas.

Claro que alguns dos nossos filósofos interessados nos negócios da cidade, cometeram erros de apreciação manifestos. Sob a direcção de Ludwig von Friedeburg, um filósofo de grande valor, antigo colaborador de Max Horkheimer à frente do Instituto de investigação social, quisemos concretizar no início dos anos 70, os princípios de uma educação antiautoritária numa lei sobre o ensino. Foram cometidos muitos erros e muitos excessos e isso pôs a opinião pública contra «estes intelectuais de esquerda que nos governam».

E por mais que Gadamer recordasse as fontes da antiga «auctoritas».

Tanto Habermas como eu combatemos o neo-conservadorismo. Claro que o filósofo não tem mais competência política do que qualquer outro cidadão. Ele mostra as condições de elaboração das normas que fundam o consenso. O fenómeno da ecologia recorda que a razão teórica se torna no mundo moderno essencial para o uso da razão prática. É necessário reunir um máximo de informações e de conhecimentos antes de nos decidirmos.

Os chamados Verdes confirmam pela sua acção que a racionalidade técnica não pode separar-se de modo durável da racionalidade ética. Eles formam um grupo importante que incarna a juventude e o futuro da Alemanha, e eu concordo com a opinião de Willy Brandt: é preciso integrá-los num processo de reconstrução de um consenso.

Jacques Le Rider

— Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15

Teatro da Cornucópia

ORATÓRIA

uma colagem de textos de
GIL VICENTE/GOTHE/BRECHT

CURTA CARREIRA

Todos os dias às 21.30 h
dom-17 h
seg-folga

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.45 H

a CASTRO

ANTONIO FERREIRA

ENCENAÇÃO JOAO MOTA

terça-feira a sábado
AS 21.45
sábado e domingo
AS 17 H

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA
DE ARTE
PRACA DE ESPANHA
8 SEC TEL 72 08 18

Teatro
«O Bando»

APRESENTA

«Afonso
Henriques»

(Adaptação de textos medievais)

(PARA TODOS)

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
(Sábados e Domingos)

12, 13, 19, 20, 26 e 27 de
Fevereiro às 15.30 h.

★

BANDO — Quinta da Casquilha,
1500 LISBOA
Telef.: 70 30 56 Sub. SEC

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confecções

Av. João XXI, 5 D - 1000 (Metro Arroio)
Rua Infantearia 16 - 55 G - 1300 LISBOA

CCE CENTRO CULTURAL DE EVORA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

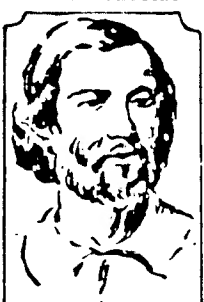
NO **TEATRO DO NOSSO TEMPO**
PRACA JOSÉ FONTANA • TEL. 57 38 31

AUTO DA ÍNDIA
de GIL VICENTE

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

HOJE — 16H00 e 21H45
DOMINGO — 16H00

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE,
CULTURA E CIÊNCIA



Ultima página Sete Ponto Sete

O bicentenário de Stendhal

Continuação da pág. I

de Stendhal. Mas estou convencido de que todo o leitor aprende um romance de uma maneira subjectiva, e aquilo a que se chama «apreciação objectiva» muda muito facilmente. Essa avaliação depende mais da atitude filosófica, política ou religiosa do que da crítica, do que da sua aproximação a uma certa verdade abstracta.

Visto ter feito menção ao meu ensaio, falarei de um aspecto que importa a todos os escritores que não escrevem apenas por escrever: o compromisso, o «engajamento» do escritor. A começar pela «Comédia dos Deuses» e a terminar em «Anna Karenina», são cada vez mais as obras de compromisso no campo político, moral ou filosófico. O comprometimento não deve incomodar o artista se ele for realmente sincero e tiver presente os princípios da arte. Os «Guelfos» e «Gibelinos» são-nos absolutamente indiferentes e as maquinacões dos «ultras» franceses em 1818 e que foram transferidos por Stendhal para a crónica de 1830, pouco nos dizem. Já há muito tempo que a História lavrou o seu veredicto em relação ao conde de la Molière e a outros fanáticos da Restauração e, contudo, os romances de Stendhal continuam a emocionar os leitores. As paixões estão vivas e isso significa que os heróis também continuam vivos. Os jovens soviéticos não lêem os romances de Stendhal para aprenderem os litígios de outrora, mas para compreenderem os seus contemporâneos e a si próprios.

Na arte é impossível enganar

Stendhal não procurou transmitir nos seus livros a verosimilhança mas a veracidade; o seu realismo não se encontra dominado pelo dogma; constitui uma visão e a consciência da realidade do mundo e do coração. Há meio século, Tchekhov dizia: «Pode-se mentir no amor, na política e na medicina; podem-se enganar as pessoas e o próprio Deus, já houve casos. Mas na arte é impossível enganar». Talvez resida aqui a explicação do amor que os leitores russos manifestam por Stendhal.

Não sei o que teria sentido Henri Beyle se se encontrasse num congresso em Parma, no ano de 1967. É possível que ao ouvir os cálculos de quantas vezes repetiu uma ou outra palavra num dos seus romances, se recordasse de uma conversa que teve com Balzac em Abril de 1839, quando, segundo uma testemunha, Balzac ensinava a Henri Beyle: «O mais importante é descrever nos mínimos pormenores o aspecto exterior dos heróis, as suas roupas, as pequenas particularidades de cada um deles».

Stendhal ouvia Balzac com grande respeito. Tentou mesmo refazer «A Cartuxa de Parma» e, de repente, em Fevereiro de 1841, insurgiu-se: não, não iria escrever de maneira diferente daquela que lhe era ditada pela consciência. Os «pormenores» no sentido formal da palavra, punham-no fora de si. Ele sabia deixar lacunas hiantes nos seus romances concedendo, assim, aos leitores a possibilidade de os completarem com a sua imagi-

nação criadora. Numa única página de «O Vermelho e o Preto» descrevem-se vários acontecimentos: depois de ler a carta da senhora Renal, Julien deixou Matilde à presa, tomou a mala-posta e partiu para Verrier. Aí, correu a um armeiro e, completamente fora de si, comprou uma pistola. Seguidamente, dirigiu-se à igreja, avistou a senhora Renal, que estava a rezar, e disparou duas vezes sobre ela. No entanto, escreveu mais de cem páginas para contar o jogo ambicioso de Julien, que se decidiu a conquistar o coração de Matilde, e converteu-se num amor invulgar.

É também possível que o Congresso parecesse menos interessante a Henri Beyle do que Parma, e ele aproveitasse a ocasião para visitar esta cidade que enalteceu através desses sinuosos princípios de criatividade que os especialistas de Stendhal, de diversos países, estudam há meio século. Imaginei o aparecimento impossível de Henri Beyle neste Congresso de Parma de 1967, apenas para justificar a minha presença aqui: adoro Stendhal mas não possuo conhecimentos suficientes para poder concordar ou contestar uma ou outra conjectura dos especialistas. Decido-me a tomar a palavra para relembrar uma das profundas lições que nos foram dadas por Stendhal, lição que me parece ser particularmente actual.

Se pensarmos nos acontecimentos e esquecermos o calendário, o século XIX começou em 1789 e terminou em 1914, ou seja, não durou cem, mas cento e vinte e cinco anos. E, tal como a intelectualidade de todo o

mundo, eu pensava que o nacionalismo e o racismo não sobreviveriam ao limiar do novo século.

Um desafio ao patriotismo obtuso

Stendhal era natural de onde? De Grenoble. Era francês da cabeça aos pés; francês no esforço para compreender de maneira lógica o ilógico; francês na ironia e francês nas paixões políticas da época. Contudo, sendo ele uma pessoa a quem era alheio todo e qualquer dogmatismo, teve a coragem de afirmar, por exemplo, que os italianos são mais simples, originais e humanos do que os franceses. No seu túmulo, no cemitério de Montmartre, está escrito em italiano: «Arrigo Beyle Milanês. Viveu. Escreveu. Amou».

Em 1812, ele escrevia de Moscovo que só a sua querida e bendita Itália tinha causado nele uma impressão tão intensa como a que lhe causou a Rússia. No livro sobre a pintura italiana escreve, a propósito da resistência dos russos à invasão napoleónica, que o comoveu.

Em Inglaterra ficou encantado com a interpretação de Kean e conversou com pessoas por cuja inteligência tinha grande consideração. Embora concordasse com muitos dos costumes ingleses, escreveu: «Aqui, a justiça é imparcial e irrepreensível; mas a justiça apenas existe para os ricos».

Serviço Especial Novosti/«DL»

(1) Henry Beyle escreveu sob o pseudónimo de Stendhal

Estórias de Portugal



ACTO a acto, peça a peça, vai-se a estória construindo diante dos nossos olhos crentes ou incrédulos. Fala a fala, fulo a fulo, fila a fila, pala a pala, pulo a pulo, desenrolam-se, tragicómicos, os episódios de hoje que se recordarão amanhã. Mas, como recordaremos nós, os que por aí andamos na lufa-lufa dos eventos, inventando razões para os arrazoados obscuros que nos vão impingindo para bem dos nossos futuros, como recordaremos nós o que nem é bom lembrar?... Sabemos contar, com um mínimo de verdade histórica, o que de estórias nos contaram?... Teremos acumulados conhecimentos que nos permitam dar a conhecer o hoje, amanhã? O que é que você sabe do que sabe?... Ou, como o filósofo, só sabe que nada sabe e vê-se grego como ele se viu?

Um teste é o que lhe trago hoje. Com ele poderá avaliar a sua capacidade estórica-filosófica. Se responder a todas as respostas é porque tem em si a semente de que germinaram os Herculanos, os Oliveira Martins, os Hermanos Saraivas. Amanhã poderá contar aos seus netos a estória de hoje. Se não acertar em nenhuma resposta não faça disso um bicho de sete cabeças... O que para aí há mais são pessoas que não acertam uma e não é por isso que não chegam a ministros. Ponha-se a pau: é que sendo assim também você pode lá chegar. Não é que seja mau mas dá-se cada barraca!... Não acha?...

Passemos ao teste:

1.º — O problema da liderança do PSD vai ser resolvido...

- a) Por Mota Pinto?
- b) Por Mota Amaral?
- c) Por um side-car?

2.º — Quando um político diz que a situação não é líquida quer dizer que...

- a) A situação é sólida?
- b) A situação é gasosa?
- c) Não faz ideia nenhuma do que está a dizer e mais valia estar calado?

3.º — Quando um político fala a diferentes cenários refere-se a...

- a) Cenários do Mário Alberto?
- b) Cenários da Cristina Reis?
- c) Anda a apanhar bonés?

4.º — Quando um político fala em factores existenciais quer dizer que...

- a) É existencialista?
- b) Há factores, na CP, que são existencialistas?
- c) Não sabe o que há-de dizer e diz isso como podia dizer outra coisa qualquer?

5.º — O que são parceiros sociais?

- a) São parceiros dum jogo de sociedade?
- b) São os sócios duma parceria?
- c) São amantes de boas comezainas e pingas valentes?

6.º — Se um subsecretário de Estado é afastado por razões de fundo, isso quer dizer que...

- a) O subsecretário deixou de ter razões ao de cima?
- b) No fundo, o estado do subsecretário não tinha razão de ser?
- c) O subsecretário chegou a um estado em que foi ao fundo?

7.º — Das, tão faladas, três linhas do PSD qual é a mais importante?

- a) A linha do Estoril?
- b) A linha do Norte?
- c) A linha aérea para os Açores?

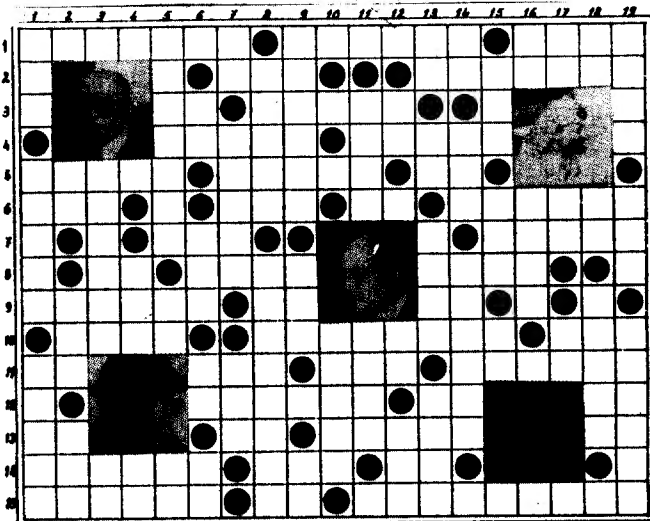
8.º — Quando se diz que o amanhã é hoje admite-se que...

- a) O hoje seja ontem?
- b) O ano que vem seja este ano?
- c) Este ano seja o ano passado? Livra!...

NB — A fim de não criarmos traumas aos que não acertassem nas respostas a este teste estórico-filosófico decidimos não revelar as respostas correctas. Como diriam os meninos da minha rua: cada um fica com a sua!

Francisco Nicholson

Palavras cruzadas Interpretativas



Horizontais:

- 1 — Ele condiciona construção de casas junto às estradas principais. O Festival RTP da canção deste ano já teve a sua. Foi retirado um do Tejo, com material de guerra.
- 2 — O de bico, é pontapé no traseiro (Bras. pop). Preso por tráfico de haxixe acusa este organismo de forjar provas.
- 3 — Manuscrito. Ordem da Noruega fundada em 1847 por Óscar I.
- 4 — O mesmo que harém. Aldeia de Itália.
- 5 — Este primeiro-ministro israelita, Sharon e Shamir, são acusados de responsáveis pelos massacres de Beirute. Este produto congelado aumentou de preço. Pátria de Abraão.
- 6 — Rei de Israel de 919 e 918 aC. Ilha do Rio Negro. Muito Digno. O presidente egípcio Mubarak é o mediano entre este líder da OLP e Ronald Reagan, nos esforços referentes à paz no Médio Oriente.
- 7 — Unidade de trabalho. Suplícias.
- 8 — Era cristã. Personagens do «Otelo» de Shakespeare. A que matou pedreiro de Valongo tem «calibre GNR».
- 9 — A feia ofende e prejudica a vista; a formosa o juízo e a razão. Antes de Cristo. Amónio (s.q).
- 10 — Sadios. Ele recusa a «prateleira», mas, perante o fracasso do seu Governo sai sem glória. Grande.
- 11 — Bário (s.q). Transpira. Cidade da Alemanha. Quando do seu regresso do Médio Oriente onde chefiou uma delegação da Internacional Socialista, ele, afirmou que o mundo árabe precisa de «outros Sadats».
- 12 — A Católica da África Austral acusa os sul-africanos de atrocidades nas populações locais. Este partido nunca mais estará sozinho, segundo palavras do seu secretário-geral. Vossa Senhoria.
- 13 — Mil e cem em romano. Proposição e artigo. O mesmo que Eólide. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
- 14 — Ficou tristemente célebre pela sua actuação à frente da Gestapo, este homem a quem chamam «O Carrasco de Lyon» e é o responsável por 4000 mortes e 7500 deportações incluindo 40 crianças judias. Rio de França e da Bélgica. Rio do estado do Amazonas.
- 15 — Na Espanha a legalização dele vai passar no Parlamento. Fazer castelos nele, são planos irrealizáveis. Elas, podem suspender fornecimentos aos beneficiários do SMS.

VERTICAIS:

- 1 — Para Beja Santos, este produto siberiano era alternativa energética para Portugal. É lá, a residência oficial do Presidente da República. Moeda castelhana que circulou em Portugal.
- 2 — Artigo definido (ant). Estados Unidos da América. Medida de capacidade hebraica (litro).
- 3 — Quem tem olhos desses, tem olhos grandes e meigos. Letra grega.
- 4 — Embarcação da Cochinchina. Bromo (s.q).
- 5 — Herói dele, é pessoa que não tem o sentido da vida real. Tempo do verbo ser. Item.
- 6 — Senhor. Fazer isso às pedras, é ter imensa graça. Nota musical. Acrescentando uma vogal é amanhã.
- 7 — Ondas curtas. Diminui (fig). Avante! (Prov. transm.)..
- 8 — Ele é fogo; a mulher, estopa — vem o diabo e assopra. Um caçador é quase sempre isso.
- 9 — O óleo endurecido deste mamífero, serve para fabricar margarina. Quem tem uma cabeça assim é leviana. Irídio (s.q).
- 10 — Os Americanos cobizam-na há muito.
- 11 — Vão pelo ar com grande velocidade. Vento quente que sopra do sul.
- 12 — Ósmio (s.q). Duas vogais iguais. Bagaço da uva de que se faz água-pé.
- 13 — Compare. Pronome pessoal. Formam as abas a. Não poder fazer isso, e estar pouco.
- 14 — Preparação e artigo. Fortaleza da antiga Messénia. Mistura.
- 15 — A ida lá, no nosso século, é já uma realidade. Passar a noite nele, é passar a noite ao relento. Todas as crianças o fazem.
- 16 — Nota musical. Um dos filhos de Sem.
- 17 — Actínio (s.q). Nota musical. Grego (abrev).
- 18 — Cento e um em romano. Nesse lugar. Cenas de violência assinalam a dos camionistas nos E.U.A.
- 19 — Rio dos Estados Unidos. Telegrafia sem fios. Queimais.

SOLUÇÃO

- 19 — Oaio. TSF. Assais.
- 18 — Cl. Al. Greve.
- 17 — Ac. Pa. Gr.
- 16 — Si. Arto.
- 15 — Lua. Rol. Oo.
- 14 — Ao. Ira. Amassa.
- 13 — Cp. Tu. Abam. Piar.
- 12 — Os. EE. Lia.
- 11 — Voem. Suão.
- 10 — Lajes.
- 9 — Balaia. Oca. Ir.
- 8 — Homem. Gabarola.
- 7 — Oc. Apega. Uga!
- 6 — Sr. Rir. Si. Eo.
- 5 — Romance. Es. It.
- 4 — Chó. Br.
- 3 — Gazeia. Ro.
- 2 — El. USA. Cab.
- 1 — Gas. Belém. Bamba.

HORIZONTAIS:

VERTICAIS: